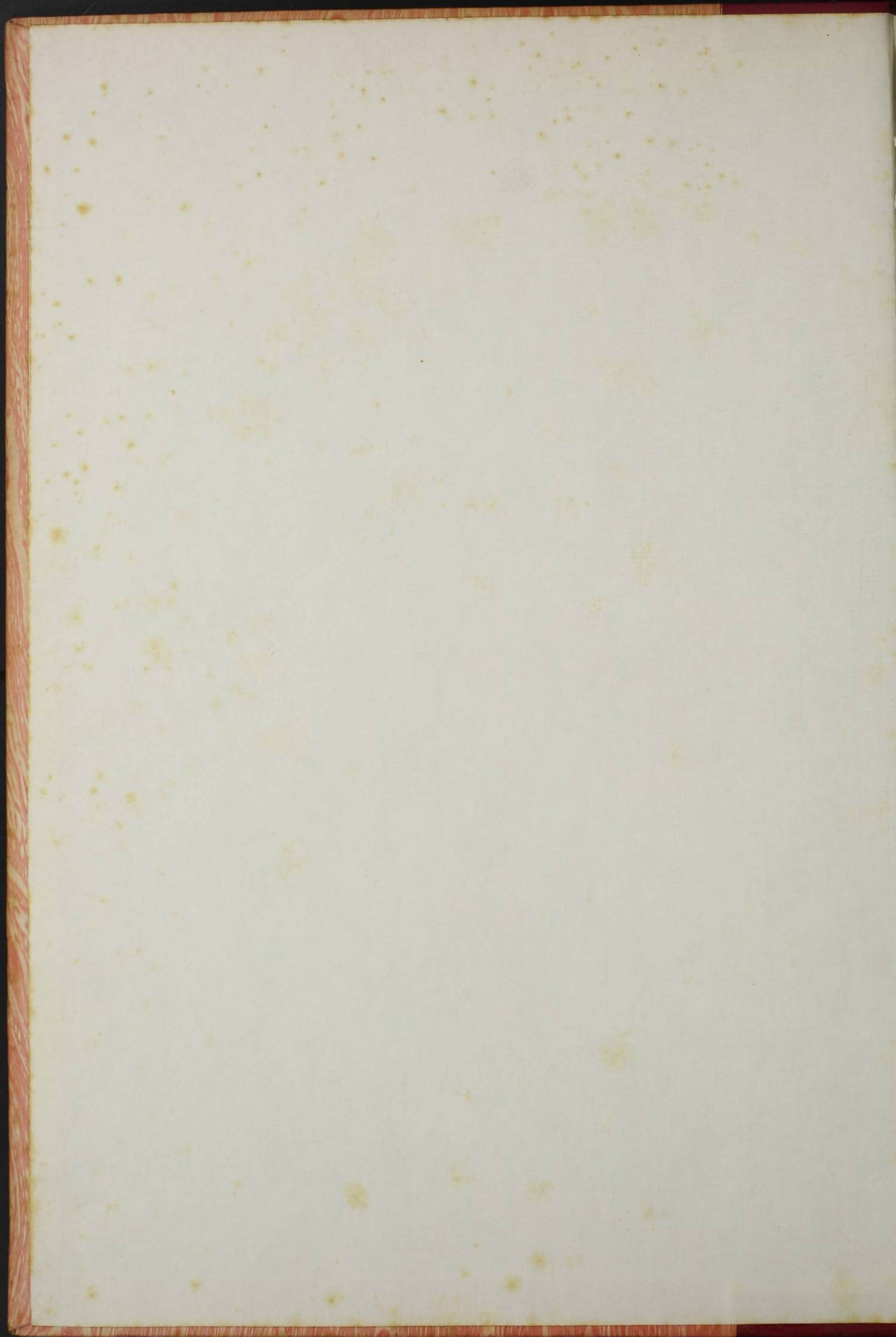
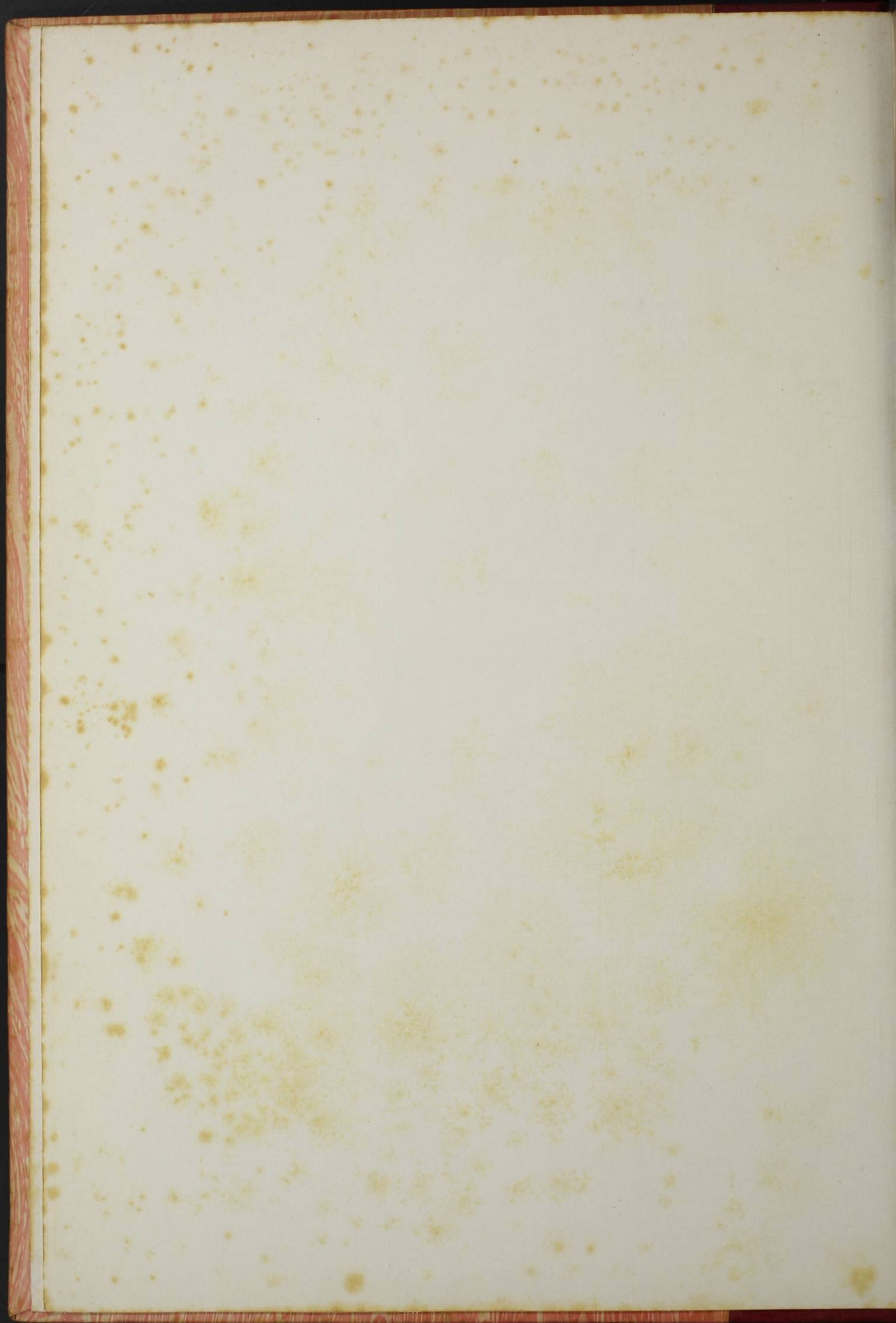








REVISTA

— DO —

Centro de Sciencias, Letras e Artes

DE

CAMPINAS

ORGAM TRIMENSAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: Raphael Duarte

ANNO XII — FASC. I

Summario

- I — Directoria e Commissões.
- II — Programma do Centro.
- III — Campinas antiga — O inventario de um grande homem — *B. Octavio*.
- IV — Carmen Saeculare de Horacio. — Traducção Rythmica, por *Americo de Moura*.
- V — Orthographia Portuguesa.
- VI — Carlos Ferreira - *Redacção*.
- VII - A Economia Popular - *Erasmio Braga*.
- VIII - A solubidade dos electrolytos e pressão osmatica - *Annibal Freitas*.
- IX - O desenvolvimento da instrucção ele-

- mentar em geral e o seu estado na America do Sul, de *Theodoro John*.
- X - A fortuna publica e particular e a questão caféeira.
- XI - Estudos de Psychologia e de moral, por *Dr. Domingos Jaguaribe*,
- XII - Plantas de ornamento - *C. Buarque de Hollanda*.
- XIII - No Paraguay (1865) - *André Rebouças*.
- XIV - Algumas palavras sobre a Hemileia Vastatrix (Artigo de vulgarização) - *G. O. Nourian*.
- XV - Movimento do Centro.
- XVI - Sessões do Centro.

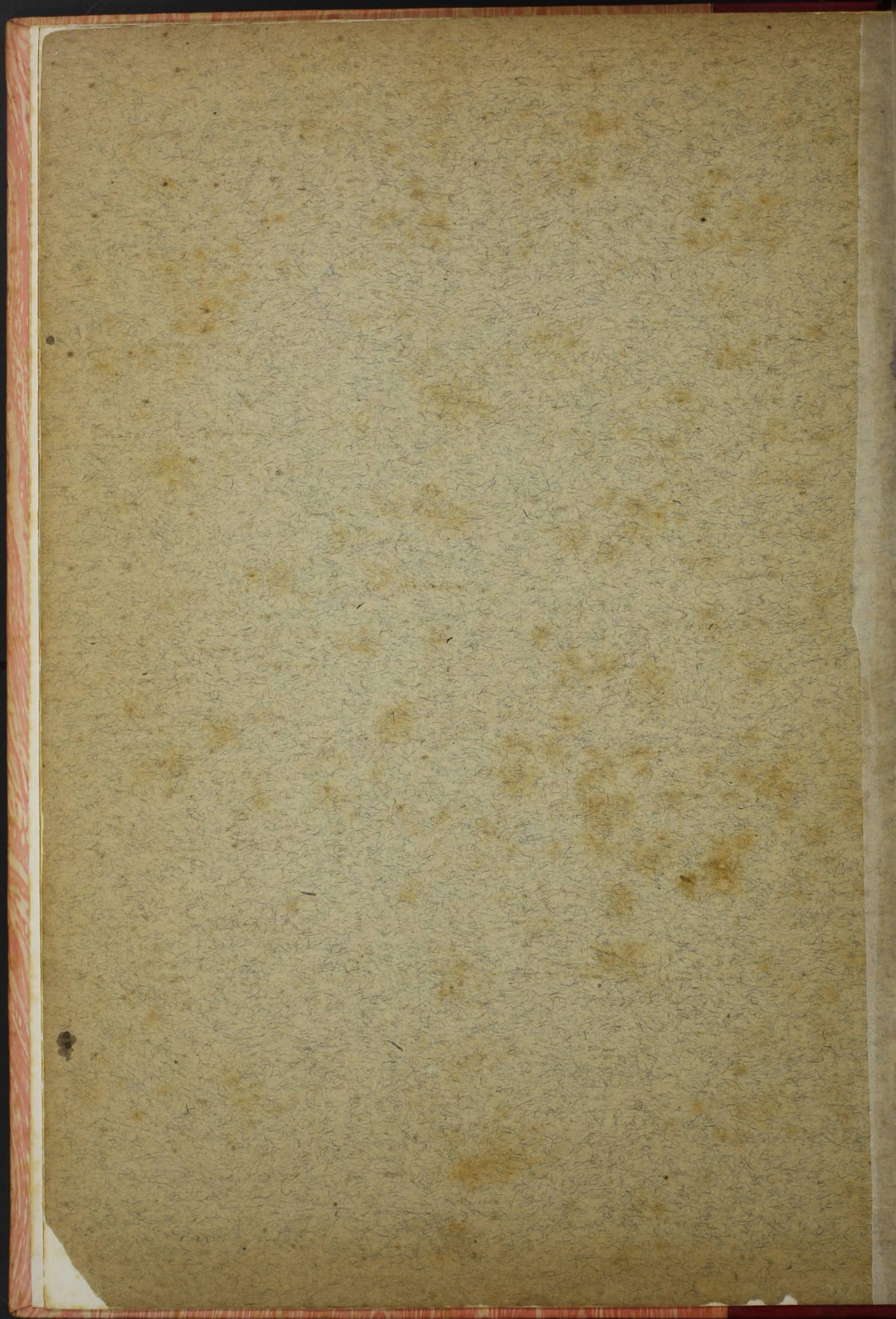
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO de SCIENCIAS, LETRAS e ARTES

CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76



1913

STABILIMENTO TIPOGRAFICO FLLI. CANTON
S. PAULO



Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes

(Orgam Trimensal)

O Centro não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores, concedendo-lhes toda a liberdade.

Esta Revista, orgam do Centro de Sciencias, Letras e Artes, é assignada na sede social, CAMPINAS, á rua da Conceição, Caixa Postal 76.

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Francisco de Araujo Mascarenhas
Vice-Presidente — Dr. Tito Toaquim de Lemos
Secretario Geral — Felix da Cunha
1.º Secretario — Vicente Melillo
2.º Secretario — Lino de Moraes Leme
Thesoureiro — Alberto Vieira dos Santos
Orador — Americo Brasiliense A. Moura

31 de Março de 1913 —

Assignatura annual . 10\$000

Numero avulso . . . 3\$000

Annuncio de 1 pagina 12\$000

" 1/2 " 7\$000

" 1/4 " 5\$000

Redactor-gerente Raphael Duarte

COMMISSÕES AUXILIARES

DE MATHEMATICA E ASTRONOMIA

Dr. Alfredo Bartholomeu da Silva e Oliveira —
Dr. Tobias Rabello — Dr. Carlos Francisco de Paula

DE ENGENHARIA

Dr. Alfredo Bartholomeu da Silva e Oliveira — Dr.
Alexandre Krug — Dr. Alberto Byngton.

DE SCIENCIAS PHYSICAS E CHIMICAS

Raphael Gonçalves de Salles — Antão de Paula
Souza — Eugenio Bulcão.

DE ZOOLOGIA E BOTANICA

Dr. José de Campos Novaes — Dr. Camillo Van-
zolini — Adolpho Hempel

DE AGRICULTURA ZOOTECHNIA

Dr. José de Campos Novaes — Dr. Gregorio Bon-
dar — Antão de Paula Souza.

DE GEOGRAPHIA, HISTORIA E DEMOGRAPHIA

Gustavo Enge - Basilio de Magalhães — Jorge Leme.

DE SCIENCIAS MEDICAS

Dr. Ponciano Cabral — Dr. Clemente de Toffoli —
Dr. José Barbosa de Barros.

DE SCIENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Dr. Alvaro Miller — Dr. Candido Ferreira S. Ca-
margo — Dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira.

DE SCIENCIAS JURIDICAS

Dr. Alberto Sarmiento — Dr. Antão de Souza Mo-
raes — Dr. Alfredo Monteiro.

DE LITERATURA

Benedicto Octavio — Raphael Duarte — Alberto
Faria.

DE PHILOGIA

Dr. Thomaz Alves Filho — Henrique Dogel —
Jorge Leme.

DE ARTE

Dr. Joaquim Alvaro de S. Camargo — Luiz de
Padua Machado — Roque Melillo.

DE BIBLIOTHECA E MUSEU

Erasmus Braga — Dr. Gregorio Bondar — Dr.
Salustiano Penteado.

DE LEGISLAÇÃO, JUSTIÇA E CONTAS

Henrique Serra — Amilar Alves — Alberto
Vieira

DE SYNDICANCIA

Octaviano Pompeu do Amaral — Luiz Andrade —
Virgilio Bittencourt.

DE ESCRIPTURAÇÃO TECHNICA

Henrique Serra — Augusto L. Cerri — Victor
Jardim.

PROGRAMME

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil a été inaugurée le 31 Octobre 1901.

Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

- I. — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.
- II. — Développer le goût de l'étude de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légende) et poésies nationales.
- III. — E'tudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.
- IV. — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement au progrès du Brésil.
- V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches; élaborer des mémoires sur les études et observations faites.
- VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société
- VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil.
- VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du «Centro».
- XI. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Société et de son développement.
- X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.
- XI. — S'occuper de tout ce qui se rapporte à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.
- XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylactiques et des moyens de combattre ces maladies.
- XIII. — Propager l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.
- XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.
- XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.
- XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.
- XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.
- XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque

que et du Musée à la jeunesse studieuse présentée par un associé.

XIX. — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement des recherches de même nature rapportant au Brésil.

XXX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Elevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

- 1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias, das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.
- 2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula, e igualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.
- 3 — Estudar a arte no Brasil, inclusivé a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as evoluções no pais e no estrangeiro.
- 4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.
- 5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados, e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.
- 6 — Manter um museu e uma biblioteca para uso dos socios.
- 7 — Realisar conferencias. tornando publico o interesse pelas Sciencias, Letras e Artes, e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil
- 8 — Publicar, de tres em tres meses, esta Revista, servindo de repositório de todos os actos do «Centro».
- 9 — Celebrar reuniões semanaes afim de manter constante a acção que constitue o programma social.
- 10 — Entreter assidua correspondencia com os institutos congeneres nacionaes e estrangeiros.
- 11 — Tractar de assumptos de medecina em geral com especialidade daquelles que affectem ao Estado de S. Paulo.
- 12 — Vulgarizar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.
- 13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas as escolas do pais.
- 14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes, attinentes á conservação do clima e da flora do pais.
- 15 — Pugnar pela conservação da fauna e pela regulamentação da caça e pesca.
- 16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.
- 17 — Realizar opportunamente saraus artistico-literarios, ou puramente artisticos, com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.
- 18 — Franquear a bibliotheca e o museu á mocidade estudiosa, mediante apresentação de um socio.
- 19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal e particularmente do Brasil.
- 20 — Trabalhar para o melhoramento da Agricultura e da criação em geral no Brasil.

Campinas antiga

O inventario de um grande homem

No archivo do primeiro tabellionato desta cidade, ha tempos, a gentileza do nosso amigo Tristão Grellet nos proporcionou a leitura, entre outros, do inventario de Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, um dos mais distinctos homens que têm residido em Campinas.

Como se sabe, notabilizou-se Alvares Machado por ser um cirurgião de valor, além de politico de rija tempera, gosando de extraordinaria influencia no partido liberal.

Sua ascendencia paterna foi a seguinte, como se vê no livro do dr. Gonzaga Leme (*Genealogia Paulistana*, vol. 8, pg. 528):

A) Antonio de Oliveira Leitão, cavalleiro fidalgo da casa real, português, feitor da fazenda na capitania de S. Vicente, e loco-tenente do donatario Martim Afonso de Souza, depois capitão-mór governador, trouxe, de volta de uma viagem ao reino, sua mulher Genebra Leitão de Vasconcellos e seus filhos, tornando-se o ancestral da familia dos Oliveiras da capitania citada, entre os quaes se destacam os de Campinas.

De seis desses filhos trata o dr. Gonzaga Leme. O quinto, Tristão de Oliveira, foi o tronco da familia desta cidade, e o

B) sexto, cujo nome está omittido, foi pae de

C) Domingos de Oliveira Leitão, casado com Anna da Cunha, filha de Manuel da Cunha, ilheu, e Catharina Pinto; fallecido em 1691. Deixou sete filhos, sendo o segundo da lista:

D) Genebra Leitão de Vasconcellos, fallecida em Mogy das Cruzes em 1691, primeira mulher de Agostinho Machado Fagundes, com quatro filhos, dos quaes o terceiro:

E) Agostinho Machado Fagundes de Oliveira, morto em 1716, foi casado com sua parenta Maria de Vasconcellos, de Santos, filha de Antonio Varejão de Mendonça e de Marianna de Vasconcellos, com cinco filhos, sendo o terceiro:

F) Francisco José Machado, de Guaringuetá, casado com Anna Pinto da Silva Saes, de Santos, filha do sargento-mór João Baptista Saes, português, e Maria Monteiro de Mattos. O segundo dos seus cinco filhos foi o:

G) Cirurgião-mór Joaquim Theobaldo Machado de Vasconcellos, casado em S. Paulo, em 1790, com Maria Alvares de Siqueira Bueno, filha do capitão Antonio Alvares de Siqueira e de Maria Bueno da Conceição, descendente directa de Amador Bueno, o *Acclamado*.

Como seu pae, Francisco Alvares Machado de Vasconcellos revelou, desde moço, decidida vocação para a arte de curar e seus triumphos na especie foram numerosos. Habilitado ou não em cirurgia, perante o proto-medicato em Itú, onde residiu algum tempo, certo é que adquiriu brilhante reputação, maximé como oculista.

Chamavam-no a serviço para longinquos logares, — diz Azevedo Marques, — pois a sua fama se estendera por toda a parte.

De uma vez, conta-se, tendo operado cura maravilhosa num marujo de navio inglês, em Santos, o capitão do barco quiz leval-o a estudar na Europa, ao que não assentiu o jovem cirurgião, que mais tarde chegou a ser medico da imperial camara.

Casado, residiu em Porto Feliz, ahi tendo obtido importante sesmaria, cuja posse deixou caducar. Passando-se para a florescente villa de S. Carlos, aqui formou um club partidario que, de 1828 a 1836, muito influiu na politica geral do país.

Em nosso meio, prestou elle reaes serviços á causa publica, e o governo o chamou para os mais altos postos.

Assim, nos conselhos geraes da provincia, creados em virtude dos artigos 71 a 89 da Constituição, tomou parte, como supplente, na primeira legislatura (1828), e como effectivo nas duas seguintes (1830-1834).

Ao depois foi deputado provincial, tambem nas duas primeiras legislaturas (1835-1839), logo após a criação das assembleas provinciaes, cujas attribuições, em parte, aquelles conselhos tinham.

Alvares Machado que, a 28 de maio de 1833, prestara juramento como promotor publico da villa de S. Carlos, a 7 de setembro do mesmo anno officiava á Camara local declarando demittir-se do emprego, por ter sido eleito deputado geral para a terceira legislatura (1834-1837).

E passou a residir no Rio de Janeiro, onde foi intermediario na compra da typographia para Hercules Florence, seu genro, a primeira que veio para Campinas e foi adquirida por 800\$000, o que foi no tempo considerado «verdadeira pechincha».

Orador eloquente e incisivo, — diz delle um biographo, — forte no estilo ironico, conseguiu muitas e grandes victorias no parlamento, como facilmente verifica quem percorre os *Annaes* da Camara dos Deputados nessas epocas agitadas da nossa historia politica.

Em quasi todas as questões aventadas no Parlamento, Alvares Machado tomou a palavra, e, entre outras, na do banimento do ex-imperador D. Pedro I e na da reforma constitucional.

Na discussão da primeira, por exemplo, em sessão de 17 de maio de 1834, affirmou o notavel orador que «a nação brasileira, e com particularidade a sua provincia, não queria D. Pedro no Brasil nem como regente, nem como cidadão brasileiro, porque já não o era, nem como estrangeiro». (*Annaes*, 1834, pg. 67).

No decorrer da quarta legislatura (1838-1841), eleito novamente fez-se ouvir nos debates sobre a reforma eleitoral e a Maioridade, etc., assistindo á sessão tumultuosa de 22 de julho de 1840, em que foi dos primeiros a falar, *com vehemencia*, dizem os *Annaes* respectivos. Atacou a regencia, e ameaçou-a até com a guerra civil, caso se não fizesse o *golpe de Estado*.

Acompanhou, como outros, Andrada Machado, quando este feroso tribuno, ao encerrar-se a sessão, lançou com energia á Camara esta violenta apostrophe, coberta de estrondosos applausos:

— «Quem é patriota e brasileiro, siga commigo para o Senado! Abandonemos esta Camara prostituida!» (*Annaes*, 1840, 2. vol., pg. 352).

Em fins desse mesmo anno, era Alvares Machado feito presidente do Rio Grande do Sul, então a braços com a guerra civil que creara a *Republica de Piratiny*. Empossado a 30 de Novembro de 1840, sua administração foi curta, mas benefica. Embora não conseguisse, não obstante grandes esforços, a pacificação dessa provincia, ahí realizou serviços, tanto que o governo imperial o recompensou com o grau de official da Ordem do Cruzeiro.

Eleito para a quinta legislatura (1842), Alvares Machado não chegou a tomar posse de sua cadeira de deputado, pois, como se sabe, a Camara foi dissolvida em maio daquelle anno, o que deu causa á rebelião de S. Paulo e Minas, de que o celebre cirurgião foi um dos corypheus.

Coube-lhe ainda representar a provincia de S. Paulo na sexta legislatura (1844-1847), e abordou ainda durante parte della as questões importantes levantadas nesse periodo.

Tres oradores notaveis, do appellido de Machado, se achavam reunidos no Parlamento, ao tempo: Alvares Machado (Francisco de Vasconcellos); Nunes Machado (Joaquim), destinado a morrer em combate dentro em pouco; e o grande Andrada Machado (Antonio Carlos Ribeiro de).

Em 1845, já doente, Alvares Machado ainda falou diversas vezes, sobre a lei das eleições, sobre a de 3 de dezembro e sobre a curia romana.

Na discussão da primeira, em fevereiro, dizia elle: «na minha terra de Campinas, etc.», prova de que se não olvidara da cidade de Barreto Leme.

Murmurando as palavras:

— «Eis o ultimo momento da miseria humana!».

Alvares Machado falleceu em Nithe-roy, a 4 de julho de 1846, a uma hora da madrugada, segundo comunicação de seu primo-irmão, o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, tambem deputado, á Camara, que o desanojou, nomeando a seguinte commissão para represental-a nos funeraes: dr. José Pedro Dias de Carvalho, dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, dr. João

Mauricio Wanderley (barão de Cotegipe), dr. Bernardo de Souza Franco (visconde de Souza Franco) e dr. João Coelho Bastos.

Alvares Machado foi substituído na Camara pelo dr. João da Silva Carrão.

O inventario do illustre morto, autuado a 26 de setembro de 1846, nesta cidade, teve como avaliadores: o cirurgião Candido Gonçalves Gomide, José de Souza Campos, José Franco de Andrade, Sebastião José Xavier de Brito e Joaquim Olyntho de Carvalho e Silva, pessoas conhecidas em Campinas.

Em seu testamento, feito em Nitheroy, quando já gravemente enfermo, declara Francisco Alvares Machado de Vasconcellos que é natural de S. Paulo, nascido a 21 de dezembro de 1791; depois de citar a filiação, accentúa que é catholico, apostolico, romano, casado com d. Candida Maria de Barros, e pae de Maria Angelica de Vasconcellos, casada com Hercules Florence, e de um filho natural, Joaquim Ignacio de Vasconcellos, sendo estes os seus herdeiros.

Como testamenteiros nomêa: sua mulher, Raymundo Alvares dos Santos Prado e Reginaldo Antonio de Moraes Salles.

Esse testamento tem a data de 14 de junho de 1846, e foi aberto a 4 de julho do mesmo anno, isto é, no dia da morte do testador.

Faz este a deixa de 6 colheres de prata, 6 copos e 6 facas também de prata, com cabo de madreperola, a seu genro Hercules Florence, bem como de uma lithographia e de escravos.

Entre os muitos objectos avaliados, contaram-se:

1 relógio de ouro, 80\$000; corrente, 10\$000; caixa de tabaco, com brilhantes, 150\$000; uma commenda do Cruzeiro, 32\$000; 1 par de perolas, 60\$800; alfinete com brilhantes, 1 grande e 2 pequenos, 250\$000; outro alfinete, 125\$000;

Prata — 1 aparelho de café, cafeteira, bule, assucareiro, mantegueira, leiteira, 362\$240;

1 serviço de porcellana e crystaes, 200\$000; 2 pares de mangas de vidro, 24\$000;

Ferros — 1 estojo grande, geral, 200\$000;

10 peças de papel pintado, 10\$000;

Livros — dentre cerca de 300 volumes, na maior parte de medicina, destacam-se: 6 volumes de Filangieri, 6\$000; Bentham — *Pratica das assembléas legislativas*, 2\$000; *Cartas de Mme. de Staël sobre a Inglaterra*, 1\$000; 10 tomos de romances de Walter Scott, 3\$200; 8 do *Memorial de Santa Helena*, 4\$000, etc.;

Immoveis — 1 casa no pateo da Matriz Velha, divisando com José do Prado e Manuel Saturnino do Amaral, onde estava a botica do testador, 3:000\$000; outra, á rua do Rosario, 3:500\$000; o terreno annexo, 400\$000; 1 terreno murado (chacara), 800\$000.

Esta chacara, no largo hoje Carlos Gomes (Rua Boaventura do Amaral n. 1), pertenceu mais tarde ao padre Miguel e depois á familia Villela.

Quanto á botica, estava ella a cargo de Joaquim Corrêa de Mello, affim de Alvares Machado, pois este fôra cunhado do pae do illustre botanico. E sabe-se que Corrêa de Mello, a instancias de Alvares Machado, é que fôra ao Rio fazer o curso de pharmacia em 1834.

Os avaliadores, com o official de justiça José Martins de Oliveira, passaram-se depois ao sitio de d. Candida de Barros Vasconcellos, sendo ahi dado o valor de 4:470\$000 ás terras; 12\$000 a uma espingarda «trouxada» (sic); 5\$000 a outra; 4\$000 a um «polvarinho e xumbeiro», na phrase do documento, etc.

Dito sitio é o que depois foi chamado da *Soledade*, residencia de Hercules Florence e de sua illustre familia.

O total dos bens (monte-mór) foi de rs. 31:216\$825, e se discriminou pelas seguintes parcellas:

Escravos (variando entre 800\$000 e 1:000\$000), terras, gado, predios,..... 12:080\$000; prata, 2:226\$080; ouro,..... 1:137\$100; ferros cirurgicos, 462\$000; livros, 223\$680; polvarinhos, 84\$000; arame, 30\$625; cobre, 13\$020.

O monte menor foi de 29:590\$785, e o partivel de 30:620\$785, cabendo a cada herdeiro, retirada a dizima, 7:932\$688.

Refere ainda o inventario, que Alvares Machado tinha um carro em S. Paulo, e cita outros objectos mais, como sejam: 4 camas, por 1\$280; 1 par de esporas,

1\$000; baralho, 400 réis ; 1 par de meias de seda, 2\$080.

D. Candida Maria de Barros Vasconcellos, a viuva do inventariado, ao fallecer a 1 de março de 1864, deixou em testamento datado de 1 de setembro de 1851, e feito pelo padre Antonio Joaquim de Mello (o futuro bispo), libertos seus escravos Pedro, Caetana, Jacob, Vicente e Antonio.

D. Maria Angelica morreu em 1850, e Hercules Florence em 1879, e de seu casal proveiu uma digna descendencia muito conhecida e acatada. Por sua vez, Joaquim Ignacio de Vasconcellos Machado constituiu tambem familia, e ainda existem seus descendentes.

Alvares Machado era claro, mas descorado, de olhos meio encovados, cabellos pretos e annellados sobre a fronte pallida, dizem os que o conheceram, raros hoje.

A Camara de Campinas, querendo honrar a memoria do afamado cirurgião, deu-lhe o nome á antiga rua Deserta, em 11 de dezembro de 1871.

Alvares Machado, o medico, o politico, tambem nas horas vagas se dava á literatura, e rimava versos, como provaremos reproduzindo, ao terminar esta série de algarismos, e para amenizar o escripto, o seguinte soneto seu, talvez feito durante a estadia no Rio Grande do Sul:

Saudades da patria

Com duro mando o barbaro destino
Longe da cara Patria me desterra,
Para os concavos antros desta terra,
Onde lagrimas verto de continuo.

Aqui, armado de rancor ferino,
A tristeza ás entranhas se me aferra;
De veia em veia ardendo em chammas erra
O seu lethal veneno viperino.

Para allivio do mal que me devora,
Em vão de mil queixumes namorados
Encho o deserto onde a tristeza mora.

Volto outra vez aos cantos desprezados;
Em vez de canto minha musa chora
E murmura na frauta sons maguados...

B. Octavio.

CARMEN SÆCULARE

DE HORACIO

Phœbe silvarumque potens Diana,
Lucidum cæli decus, o colendi
Semper et culti, date quæ precamur
Tempore sacro,

Quo Sibyllini monuere versus
Virgines lectas puerosque castos
Dis, quibus septem placuere colles,
Dicere carmen.

Alme Sol, curru nitido diem qui
Promis et celas, aliusque et idem
Nasceris, possis nihil urbe Roma
Visere majus!

Rite maturos aperire partus
Lenis, Ilithyia, tuere matres,
Sive tu Lucina probas vocari
Seu Genitalis:

Diva, producas subolem, patrumque
Prosperes decreta super jugandis
Feminis prolisque novæ feraci
Lege marita,

Certus undenos deciens per annos
Orbis ut cantus referatque ludos
Ter die claro totiensque grata
Nocte frequentes.

Vosque veraces cecinisse, Parcæ,
Quod semel dictumst stabilisque rerum
Terminus servet, bona jam peractis
Jungite fata.

Fertilis frugum pecorisque Tellus
Spicea donet Cererem corona;
Nutriant fetus et aquæ salubres
Et Jovis auræ.

Condito mitis placidusque telo
Supplices audi pueros, Apollo;
Siderum regina bicornis, audi,
Luna, puellas:

Roma si vestrumst opus Iliæque
Litus Etruscum tenuere turmæ,
Jussa pars mutare lares et urbem
Sospite cursu,

Cui per ardentem sine fraude Trojam
Castus Æneas patriæ superstes
Liberum munivit iter, daturus
Plura relictis:

Di, probos mores docili juventæ,
Di, senectuti placidæ quietem,
Romulæ genti date remque prolemque
Et decus omne;

Quæque vos bobus veneratur albis
Clarus Anchisæ Venerisque sanguis,
Impetret, bellante prior, jacentem
Lenis in hostem.

Jam mari terraque manus potentis
Medus Albanasque timet secures;
Jam Scythæ responsa petunt superbi
Nuper et Indi.

Jam Fides et Pax et Honos Pudorque
Priscus et neglecta redire Virtus
Audet, apparetque beata pleno
Copia cornu.

Augur et fulgente decorus arcu
Phœbus acceptusque novem Camenis,
Qui salutari levat arte fessos
Corporis artus,

Si Palatinas videt æquus aras,
Remque Romanam Latiumque felix
Alterum in lustrum eliusque semper
Proroget ævum.

Quæque Aventinum tenet Algidumque
Quindecim Diana preces virorum
Curat et votis puerorum amicas
Applicat aures.

Hæc Jovem sentire deosque cunctos
Spem bonam certamque domum reporto,
Doctus et Phoëbi chorus et Dianæ
Dicere laudes.

Tradução Rythmica

por Amerlco de Moura

O' Apollos, e, deusa dos bosques, Diana,
Vós que ornaes o céu e adorados sempre
Fostes e sereis, attendei-nos neste
Tempo sagrado,

Em o qual mandou da Sybilla o verso
Que escolhidas virgens, meninos castos
Aos bons deuses que amam os sete colles
Hymnos cantassem.

Almo Sol, que o dia em fulgente carro
Vens trazer e escondes, e novo e o mesmo
Tornas a nascer, oh! maior que Roma
Nada contemples!

Para o bom successo em maduros partos
Protectora, as mães, Ilithyia, ampara,
Quer prefiras ser Genital chamada,
Quer por Lucina.

Deusa, a geração accrescenta, apoia
Os decretos sobre a mulher nubenda,
Sobre a Julia lei marital, em nova
Prole fecunda,

P'ra que a multidões o periodo fixo
De annos cento e dez, em tres claros dias
E tres gratas noites, de novo traga
Jogos e cantos.

E, em cantar verazes aquillo, ó Parcas,
Que uma vez foi dito e afinal se venha
Firme a conservar, renovae agora
Bens que passaram.

Possa a terra, em fructos e gados fértil,
Tributar corôa espigosa a Ceres;
Germens alimentem salubres lymphas
E auras de Jove.

Oh! depõe o dardo e, bondoso e brando,
Supplices, Apollos, os meninos ouve;
Sideral rainha bicornes, attende,
Lua, ás meninas.

Si obra vossa é Roma e si á praia etrusca
Aportar puderam troianas tropas
Que em feliz viagem mudar mandastes
Lares e muros,

A's quaes, sem perigo, através do incendio,
Sobrevivo á patria, o piedoso Enéas
Um caminho abriu, e depois daria
Mais que o perdido,

Deuses, são costumes aos moços doces,
Deuses, aos anciãos concedei repouso,
E fazenda e prole, e assim toda a gloria
Dae aos Romanos.

E o que vem pedir-vos com alvos touros
Possa obter, de Venus e Anchises esse
Claro sangue, que é — ao guerreiro — invicto,
Brando ao vencido.

Já em terra e mar arreceia o Médo
A possante mão e a segure Albana;
Já os Scythas e Indos, soberbos antes,
Ordens lhe pedem.

Já a Fé e a Paz e o Pudor antigo,
A Honra, a desprezada Virtude volta,
Cheia a cornucopia, a Abundancia leda
Reapparece.

Augur e dum arco fulgente ornado,
E das nove musas querido, Phebo,
Que dos lossos membros do corpo aplaca
Dores com arte,

Pois que as Palatinas alturas elle
Vê benigno, e o Imperio Romano e o Lácio,
De outro lustro, e sempre melhor, a idade
Aurea prolongue.

Do Algido e Aventino a que tem a posse
Quíndecemviraes petições attende
E attenção benevola aos votos presta
Destas crianças.

Que estas preces Jupiter, como os outros
Deuses ouça, com segurança espero,
Eu de Phebo e Diana instruído coro
Para louval-os.

Orthographia Portuguesa

A questão orthographica que occupou o nosso Centro, e que parece insolúvel, porque toda a innovação nesse sentido vai de encontro á inercia dos professores, á preguiça dos jornalistas e ao pudor doutoral dos mestres que derogariam de sua erudição classica alatinada, si deixassem escapar alguma letra dupla ou parasitaria, esteve em grande voga no decennio de 1830 a 1840, em Portugal.

Os tres grandes chefes das letras portuguezas de então, Garret, Castilho e Herculano, tentaram soluções que não foram seguidas de nenhum exito pratico. Encontramos na nossa bibliotheca um geographo portuguez hoje tão obsoleto como Balbi ou Malte Brun, porém que teve a rara coragem de reduzir uma geographia universal a 3 volumes. Obra de tal folego não podia ser editada sem o apoio nacional das assignaturas, e ahi vemos escorado o escriptor, a começar pelas dos soberanos de Portugal e dos imperadores do Brasil, seguidas das dos personagens mais notaveis dessa epocha.

Foi sem duvida uma empresa gloriosa para as letras portuguezas, esses tres volumes de d. José de Urcullu — 15 de março de 1834 — Porto. Deveria descender de algum vasconço esse nome tão em u.

Um tratado sobre geographia universal não é empresa somenos nestes tempos em que temos obras ponderosas como as de Marinelli Reclus e Seuss com gravuras innumeraveis.

Recordo a anedocta que aqui no Centro se passou entre o nosso estimado consocio Antonio José e o professor Enge. Sustentava este que não existia em portuguez nenhuma geographia digna de ser chamada scientifica e verdadeiramente universal. Isso offendeu o patriotismo do inolvidavel consocio cujo retrato exorna a nossa galeria, como companheiro dedicado. Pois elle foi desencovar essa velha e tão esquecida obra de d. José de Urcullu, e exhibiu-a triumphante e jubiloso como si tivesse rehabilitado as glorias de Aljubarrota ou as descobertas da India e do Brasil.

Pois é ahi que o snr. Vogel, folheando em minha presença ha 15 dias as primeiras, encontrou o documento que vai abaixo transcripto. São 12 regras tão semelhantes ás propostas pela Academia Brasileira, que basta a sua leitura, sem commentarios ou confrontos, para se verificar como os signatarios do documento, em companhia de d. José Urcullu, tinham chegado aos mesmos postulados e conclusões hoje acceitos pelos reformadores da orthographia portuguesa.

Essa orthographia foi seguida em toda a obra.

Os successos scientificos e literarios devem ter sido tão grandes como a extranha graphia original e usada por essa epocha, em que se a destinava para a leitura dos soberanos e dos principes.

Que a nossa Academia Brasileira de Letras releia esse documento historico para verificar como os mesmos principios guiaram a associação literaria portuense, principios que se repetem agora, difficeis de se impôr, apesar de tão racionais.

O valor do documento aqui transcripto é tão respeitavel quanto se possa exigir.

Ha um memorial do auctor, que foi examinado perante uma associação de literatos da segunda cidade de Portugal, seguido de um relatório da commissão de 3 membros:

José de Urcullu, Pedro Antonio Soares Vellozo e Antonio José Dias Guimarães, que o subscrevem após arrasado e estudado.

Foram submettidos os 12 articulados á discussão, sendo afinal aprovados e publicados.

As leis orthographicas de Portugal e colonias e as da Academia Brasileira, não fizeram cousa diversa no fundo e na fórma. Os archivos dessa associação do Porto devem conter actas das discussões que os jornaes da epocha devem ter divulgado.

Não é, pois, a opinião de um unico auctor proponente. Digam os competentes agora si é ou não curioso esse documento hoje esquecido, quando o comparamos com as generalidades indeterminadas e palavrosas desses tres patriarchas das letras portuguezas dessa epocha, que

nada de preciso nos deixaram de suas estereis discussões onde pontificaram sem nada concluir para o uso pratico da posteridade.

O professor Americo de Moura vai aproveitar em notas esse documento descoberto em nossa bibliotheca pelo seu collega, professor Henrique Vogel, nos primeiros dias do corrente mês de março.

Aguardamos soffregamente os confrontos e identifições com os principios exarados na sua proxima edição, correcta e augmentada dos bellos e eruditos artigos publicados no «Estado de S. Paulo».

José de Campos Novaes

Fundamento da orthographia adoptada nesta obra

Persuadido da necessidade que ha d'um sistema de orthografia mais filosófico que aquelle que está geralmente em uzo, escrevi a principios do anno de 1834 uma *Memoria sobre a necessidade e utilidade d'algumas reformas na orthografia da lingua portugueza*, que foi lida no mez de Março do mesmo ano na Sociedade Literaria Portuense, da qual tenho a honra de ser Membro.

A leitura desta Memoria, deu lugar em algumas das Sessões posteriores a eruditos e renhidos debates uns em contra e outos a favor da doutrina que ela encerra, cujo resultado final veio a ter que se nomeasse uma Comissão de tres individuos para que apresentasse um projecto para uniformar a orthografia dos escritos da dita Sociedade.

Para aqueles que acharem extranha a que se segue n'esta obra, se poem á continuação a referida Memoria, e tambem o Parecer da Comissão, e n'esses escritos observarão as poderosas razões que tem tido o autor para adoptar o sistema que na sua opinião *concilia a razão com o uzo*, dando assim um passo agigantado no caminho das reformas orthográficas, que a filosofia e o espirito do século reclamam.

MEMORIA

sobre a necessidade e utilidade d'algumas reformas na orthografia da lingua portugueza.

La scritura por sus letras representa la voz: y assi devem concordar eutre si la voz y la escritura.
Arte del Romance Castellano.
Valencia, 1769.

Exposição:

Parecerá temeridade que um estrangeiro se proponha introduzir reformas orthograficas. Porem esta ideia desaparecerá tendo presente que no paiz da literatura não ha estrangeiros: todos gozam dos mesmos direitos: todos podem aspirar ás mesmas distincções; todos são cidadãos d'uma mesma republica; (1) objecto dos seus trabalhos é ou deve ser a utilidade publica.

(1) — Tous les hommes de génie, et tous ceux qui ont obtenu un rang dans la république des lettres, sont frères quel que soit le pays qui les ait vus naître. Lettre de Bonaparte au Citoyen Oriani, au quartier général à Milan, le 24 Mai 1796.

Não tenho a presunção de pènsar que as reformas que vou sugerir seram immediatamente aceitas. Conheço o imperio da preocupação, sei qual é a força do hábito, nam se me oculta o poder seductor da rotina na maior parte dos homens, poder que está em guerra com toda classe de reformas. Sem embargo, não esito em apresentar as minhas á discussões dos inteligentes, ou para que se modifiquem se se julgar necessario, ou para que se acelere a época da sua introdução alhanando consideravelmente o caminho ás classes iliteratas. Assentados estes principios vou expôr o motivo que me tem induzido a propôr um novo sistema orthográfico, declarando-me abertamente inimigo da etimologia.

Motivo das Reformas

Se houvesse em Portugal só uma orthografia, isto é, se todos os que escrevem correctamente seguissem umas mesmas regras, eu me sugeitaria gostoso a elas, como me sujeito ás que seguem os Francezes, os Inglezes, e os Espanhois, quando escrevo nas suas respectivas linguas. Porem tenho observado que cada autor portuguez adopta um sistema particular, de sorte que as regras dadas por Madureira estam hoje tão alteradas na prática que não as conheceria o autor que as deu á luz. Logo se depende do arbitrio d'um autor fazer as alterações ou modificações que julga convenientes, não será muito melhor que uma corporação Literaria, depois d'um maduro exame, faça e publique um pequeno tratado de Orthographia? Este tratado adoptado de repente por 40 ou mais individuos, e posto em prática por eles nas suas cartas familiares, e em tudo quanto imprimirem, fará com que muitos imitem o seu exemplo, e em pouco tempo se expalhem por todo o reino: o que nunca poderá conseguir um autor só por mais esforços que ele faça. Mas entremos em materia.

Definição da Orthografia

“A Orthografia, diz a Academia Espanhola, (1) é a que aperfeiçoa as linguas, conserva a pureza, assignala a verdadeira pronunção, e significado das vozes, e decia o ilegitimo sentido do escrito, fazendo que a escrita seja um depósito fiel e seguro das leis, das artes, das sciencias, e de tudo quanto discorreram os doctos, e os sabios em todas as profissoins, e deixáram encomendado á posteridade para a universal instrucção e ensino.”

Tenho copiado as palavras da Academia espanhola, porque sendo a lingua castelhana, assim como a portugueza, filha da latina, as razões dadas por ela no seu tratado para simplificar a orthografia, podem servir para ambas. Ora se a Espanha não precisa, como a esperiencia o tem demonstrado, para ler e escrever correctamente e com propriedade, da etimologia, é preciso confessar que a Nação portugueza se acha no mesmo cazo. Este argumento contra a etimologia não tem replica satisfatoria.

Absurdos da Etimologia

Porem que é a etimologia? A grande origem da confusão dos alfabetos d'Europa, o labirinto complicado onde se perdem as pobres crianças, os estrangeiros, e os sordo-mudos que aprendem a ler.

Um dos maiores absurdos que se tem podido introduzir na arte de pintar as palavras, é a regra que nos prescreve deslindar a sua origem para sabermos de que modo devem ser trasladadas ao papel. Que cousa mais contraria á razão que estabelecer como regra da escrita dos povos que hoje existem, a pronunciação dos povos que existiram ha dous ou tres mil anos, deixando, segundo parece, a nossa para que sirva de norte á ortografia d'algun povo que tem de florescer dentro de dous ou tres mil anos?

Embora que soubessemos sempre a etimologia das palavras de varia escrita, a prática que se recomenda com a origem careceria de semelhante apoio.

Os que vendo escrito *philosophia* julgassem que assim escreviam esta dicção os Gregos, estariam muito enganados. Os Gregos marcavam o som *ph* com uma letra simples, de que talvez procedeu o *f*; de sorte que escrevendo *filosofia*, nos aproximamos muito mais á forma original d'esta dicção, que não do modo com que os Romanos se viram obrigados pelo diferente som do *f*. Por isso ha 130 anos que a Academia dos Generozos julgou que era excusado dar ao *ph* o valor de *f* na escrita portugueza. Não obstante isso o *ph* é uzado por Madureira. Mas é digno de notar-se que este acerrimo etimologista se ve muitas vezes obrigado a sacrificar a etimologia ao uzo; logo se o uzo pode, em conceito d'este oráculo da ortografia portugueza, mais que a etimologia, porque não se ha de abandonar esta inteiramente deixando ao uzo o cuidado de demostrar a inutilidade absoluta d'ela?

O mesmo que tenho dito do *ph* digo tambem da prática de escrever *Acheos*, *Achiles*, *Melchisedech*, etc. Nem os Gregos, nem os Hebreos escreveram tal *ch*, porque representavam este som com uma letra só destinada expressamente a isso. Que fundamento tem pois na etimologia os que aconselham escrever as vozes hebreas e gregas á romana. Em quanto ao uzo todas as vezes que este se opoem á razão e conveniencia dos que lem e escrevem o chamo *abuzo*.

Resposta a algumas objecções

Não faltam pessoas que se declaram contra as reformas obviamente sugeridas pela natureza e fim d'esta arte, alegando que parecem *feias*, que *ofendem á vista*. Como se uma letra poudesse parecer formosa em certas combinações, e disforme em outras! Todas essas expressões se tem algum sentido, só significam que a prática de que se trata de reprovar com elas é *nova*. E que importa que seja novo o que é util e conveniente? A lingua portugueza

conforme hoje se fala, é acazo a que se falava no tempo de Afonso I? Pois si o tempo tem ido reformando o idioma, ha de ficar para sempre inalteravel o modo de trasladar ao papel as palavras? Se o que é util não tivesse sido admitido por *novo*, em que estado estaria hoje a escrita? Em lugar de traçar letras, estaríamos divertidos em pintar geroglyphicos como os Egipcios, ou em fazer nós com os *quipos* como os Peruanos. Certamente a forma dos números romanos é mais elegante que a dos algarismos árabes: e não foram admitidos estes universalmente logo que se conheceu a sua utilidade para os cálculos, deixando os outros para as inscripções?

Parece-me que as razões que acabo de expôr sam bastantes para pulverizar e reduzir a átomos todos os argumentos que se podem fazer a favor da etimologia, com tudo elas serão pouco convincentes para muitas pessoas porque não levam comsigo o pezo da autoridade.

Autores portuguezes anti-etimologistas

Nem tem faltado Portuguezes que fossem d'este mesmo modo de pensar. Sei muito bem que as reformas que proponho não sam novas em todas as suas partes; pois tenho entendido que o respeitavel D. Theodoro d'Almeida, não só foi d'este mesmo parecer, mas até fez um ensaio, que não foi bem sucedido porque a opinião pública não estava então tão preparada como agora, nem houve uma corporação literaria que lhe prestasse o seu auxilio para vencer as dificuldades com que teve que lutar, e que desgrazadamente foram maiores que os seus esforços. E' pena que Antonio de Moraes Silva, autor do dicionario da lingua portugueza, não tivesse o valor necessario para preferir a sua opinião á dos outros. «Quanto á ortografia que segui, diz ele, declaro altamente e de bom som, que na maior parte a sigo contra o meu parecer, e porque assim o querem. Eu sou pela ortografia filosófica, a qual fundada na analyse dos sons proprios ou vogais, e na de suas modificações pede que a cada um se dê um só sinal ou letra privativa, distincta, e que não represente outro som ou consoante».

Não ignoro que no anno de 1823 se imprimiu uma Memoria, que se acha no Tomo VIII, parte 1, página 102 da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, com o titulo de «Reflexões e Observações previas para a escolha do melhor sistema de Orthografia portugueza: e dedução dos seus principios capitais». Autor Rodrigo Ferreira da Costa.

Porem este senhor quiz introduzir um sistema *mixto* de orthografia, e com ele em lugar de diminuir não fez senão aumentar as dificuldades da escrita.

Isto mesmo é um argumento mais que milita a favor do meu sistema de simplificação. Quanto menor for o número das regras, maior será a facilidade de as conservar na memoria, devendo ser poucas, claras e terminantes como as leis d'uma nação bem governada.

Desapareça pois o empirismo dos etimolo-

gistas, e o monopolio que eles querem fazer sobre o modo de pintar as palavras. Eu comparo os etimologistas com aqueles que se opoem ás máquinas de vapor, aos caminhos de ferro, ao ensino Lancasteriano, e Hamiltoniano, e a quanto pode facilitar a mão d'obra e economizar o tempo. Metidos n'um labirinto de contradições com os mesmos principios que estabelecem, a pezar de conhecerem as vantagens que resultam d'um sistema simples d'ortografia, defendem por um amor proprio mal entendido, ou por uma preguiça mal dissimulada, aquilo mesmo que mesmo sabem é um obstáculo para aprender rápidamente a ler e escrever nas escolas.

Indicam-se varias reformas: algumas que logo podem ser introduzidas, e outras indicadas para o futuro.

Mas seja d'isto o que for, direi acerca das reformas, que nem a etimologia, nem a autoridade devem repugnar a substituição da letra que mais natural ou geralmente represente um som, todas as vezes que a nova prática se não oponha aos valores estabelecidos das letras ou das suas combinações. Por exemplo o *j* é o sinal mais natural do som com que começam as dicções *jardim*, *genio*, *giro*, *joia*, *justiça*, porquanto esta letra não tem outro valor em portuguez, circumstancia que se não pode alegar em favor do *g*. Em tal cazo porque não havemos de pintar este som com o *j*? Para os ignorantes o mesmo faz escrever *genio* que *jenio*. Os doctos só estranharão a novidade, a qual ha de merecer a sua a sua aprovação, se meditam o muito que contribue a simplificar a arte de ler, e a fixar a escrita. Eles sabem que os Romanos escreveram *genio*, porque pronunciavam *guenio*, (1) e confessarão que tendo nós variado de som, deviamos tambem termos variado o signal que o representa.

Estas tais apenas acreditam que a neve é brSnca, e o mar salgado se Anaxágoras, Plinio, ou Aristóles não apoiam uma verdade tão patente. Não quero pois que fiquem desconsoladas n'este ponto: vou apresentar-lhe o que diz M. Beauzée na Enciclopedia Methodica. Tomo II, pagina 650, palavra *Néograsphín*. Alem do que ele escreveu na Enciclopedia franceza em materia de gramatica e literatura, publicou outras obras de merecimento; por conseguinte a sua autoridade não pode ser suspeitosa e indifferente.

Opinião de M. Beauzée sobre a Etimologia

«Pelo que respeita aos direitos da etimologia, diz este autor, é rasoavel que nós vamos procurar n'uma lingua estrangeira e morta, que

(1) — A letra *c* se pronunciava sempre entre os latinos como *k*; e assim diziam Kikero, d'onde nós Cicero ou Zizero, e o *g* sempre com a força que tem a *gula*. Porem temos alterado a pronunção destas duas letras antes de *e* e do *i*, de sorte que em lugar de *ke ki* pronunciámos *ce ci* à castelhane. V. g. *Cera* e *Cibus*, por *Kera* e *Kibus*; e em lugar de *qua* e *qui* pronunciámos *je* e *ji*, segundo a mesma lingua. V. g. *Genu* e *Gigas* pronunciados a latino soam em castelhana *gueno* e *guigas*, e os pronunciámos *jenu* e *jigas*. Os Francezes, Italianos e outras nações applicam ás referidas silabas a pronunção que corresponde ao idioma. — Gramática Latina, por D. João de Iriate — Londres 1826 — página 291.

é ignorada das $\frac{18}{20}$ partes da nação as razoins da nossa ortografia que toda a nação deve saber?

Não é condenar gratuitamente à ignorancia d'uma cousa essencial, todos aqueles que não tiverem feito as despezas superfluas de estudar o latim e grego? Não é pôr obstaculos ridiculos á perfeição d'uma lingua, que deve ser para nós mais precioza que outra qualquer? A ortografia é para toda a nação; o conhecimento das etimologias não serve senão para um pequeno número de homens, que depois de tudo bem examinado, eles mesmos não tiram grande vantagens para si, nem para o publico.

E' pois necessario saerificar a vantagem de vinte milhoins d'almas ás vistas pedantescas de duzentos homens que não sam por isso mais sabios, nem mais uteis? A injustiça e o ridiculo d'esta pretensão o tem conhecido muito bem a Academia d'*ella Crusca* para a lingua italiana, e a Real Academia de Madrid para a lingua castelhana: a ortografia d'estas duas linguas está reduzida a pintar justamente a pronunção, sem respeito a etimologia que a desfiguraria: e os sabios d'Italia e Espanha não deixam por isso de serem bons etimologistas».

E mais abaixo o mesmo autor diz: «A escrita seria inutil sem a arte de ler, a primeira de todas as artes na ordem do ensino, porque ela é a chave de todas as outras; de sorte que todos os esforços se devem dirigir a simplificar, generalizar e subtrair esta arte ás excepções e contradições».

E na pagina 606, palavra *Muet*, diz: «Uma simples razão de etimologia não é sufficiente para autorizar na ortografia, o uzo de letras que a pronunção não exige. A ortografia deve ser para toda a nação, e não se deve pretender que toda a nação saiba o grego, latim, hebreo, e o celta d'onde a nossa lingua tira a sua origem».

O mesmo autor no volume III, página 239 diz o seguinte: «Observaremos em último lugar, que quazi todas as nações de Europa pretendem que a sua ortografia é a melhor por isso que escrevem como elas pronunciam.

Esta pretensão é infundada; e se pode ter lugar para uma lingua seria para a Espanhola antes que para outra.

Porem ainda não é tarde para o fazer; pois a substituição do *j* ao *g* em tais cazos nada tem contra si senão a etimologia que poucos conhecem, e o uzo particular de certas vozes, que devem someter-se ao uzo mais geral da lingua.

O mesmo digo da letra *c*, que deve ocupar o lugar do *q* nas vozes *quando*, *qual*, *questor*, *frecuente*, n'esta forma *cuando*, *cual*, *cuestor frecuente*, isto é, todas as vezes que se pronuncia o *u* que vai imediatamente depois do *q*.

Já tenho dito em outro logar que o *ch* não deve ter dous sons tão apostos entre si, como nas vozes *Achaia*, e *achar*; *cherubim* e *cheirar*; *chimera*, e *chinela*; *Antiocho*, e *chocar*.

Não é muito mais simples e conforme do genio da lingua portugueza escrever como em espanhol *Acaia*, *querubim*, *quimera*, *Antiocho*, etc.?

Não ha bastantes dificuldades e obstaculos

no brilho das sciencias, senão que ainda querem aumentar o seu número? Tambem conspira ao aumento d'essas difficuldades o uzo do *y* em em logar do *i* vogal. Fique pois reduzido o uzo da letra *y* só aos nomes proprios estrangeiros e nacionais, e n'esta regra única estarão comprehendidas as nove dadas na página 100 do tratado de orthographia de Madureira.

Quanto ás letras dobradas a razão dicta que sómente se devem emprogar aquellas que se pronunciam distintamente, devendo-se des-terrar as que se conservam só por respeito a etimologia. Por exemplo as palavras *elle*, *ella*, *affavel*, *attento*, *oppilação*, *abbade*, *abreviar*, *accusar*, etc. podem-se escrever, sem que por isso resulte a menor confusão, *ele*, *ela*, *afavel*, *atento*, *opilação*, *abade*, *abreviar*, *acuzar*, etc.

Julgo portanto que a dobra das letras consoantes é inteiramente ociosa, porque só uma das duas tem som, porque faz perder tempo a quem as escreve que podia no entanto escrever outras. porque embaraça o ensino das crianças, pois lhes custa muito a soletrar principalmente quando os mestres teimam em lhes fazer tomar uma d'elas para traz, e outra para diante; e finalmente quanto á etimologia, quando ouvimos falar nunca nos embaraçamos por saber se o que fala dobra ou não dobra as letras na sua mente.

O *th* está muito em voga, particularmente entre escrivains; mas bem se conhece a inutilidade do *h* depois do *t*.

E' tão reconhecida a violencia da pronun-ciação da primeira letra das combinações *çç*, *cc*, *ct*, *gm*, *pc*, *ps*, *pt*, que nunca as pronuncia quem não quer ser affectado. Por isso se escreve classicamente *aceitar*, *acrescimo*, *autor*, *aumento*, *conceição*, *contrato*, *presunção*, *salmo*, *terigio*, etc. contra a etimologia que é *acceitar*, *accrescimo*, *auctor*, *augmento*, *concepção*, *contracto*, *presumpção*, *psalmo*, e *pterigio*, etc.

Poderia ainda estender-me mais sobre outras reformas não menos uteis e necessarias que as que precedem, porem é preciso ter presente que não me proponho dar aqui um tratado completo de orthografia. D'outro lado, não sou d'opinião que todas as reformas se façam de repente, porque de qualquer classe que elas sejam, é preciso que a prudencia caminhe *pari passu* para serem bem acolhidas. Assim mesmo a experiencia diaria nos faz ver quanto é difficul- tozo vencer os hábitos inveterados com os quaes vivem os homens em boa companhia, sem que queiram tomar o trabalho d'examinar as vantagens que poderiam resultar de seguir um modo de obrar oposto ao seu sistema ordinario, e que muitas vezes nasce de habitual indolencia. Sirva isto de resposta aos que exigirem de mim uma reforma radical orthográfica.

Recapiulação

Ora, resumindo em poucas palavras o que fica dito, resulta:

1.º Eu tenho o mesmo direito que qual-quer outro para apresentar ou propôr um novo sistema de orthografia.

2.º Da confusão que reina na orthografia da lingua portugueza, segue-se a necessidade d'estabelecer um sistema fundado sobre poucas regras, porem claras e terminantes, prescindindo absolutamente da etimologia.

3.º Si a lingua castelhana, filha da latina, tem sacudido o jugo da etimologia, a portugueza que reconhece a mesma mai pode fazer outro tanto.

4.º Ainda que seria utilissimo fazer um novo sistema de orthografia completo e radical, a prudencia dicta que só se façam algumas reformas por agora, indicando de passo outras que o tempo e a illustração devem introduzir.

PROPOSTA

Em viista de quanto fica exposto, proponho que seja nomeada uma Comissão, a qual tomando em consideração esta Memoria apresente a esta Sociedade as regras de orthografia pelas quaes se deverão governar os seus individuos, uniformando assim a orthografia dos escritos da mesma Sociedade, e que as regras que se estabeleçam estejam emancipadas da autoridade da etimologia, e ao alcance dos menos doctos. A época em que se estam a fazer em todas as partes tantas reformas politicas, religiosas, e d'estudos, é a mais oportuna e favoravel para dar impulso ás que eu proponho n'esta Memoria.

Porto 15 de Março de 1834 — O Socio —

José de Urcullu.

PARECER

da Comissão encarregada do Projecto para uniformar a orthografia dos Escriptos d'esta Sociedade.

A Comissão encarregada de propôr algumas regras gerais sobre a orthografia que deve uniformar os escritos d'esta Sociedade, julga do seu dever advertir que nem se propoz uma reforma radical, a qual *ab imis fundamentis* careceria que se alterasse o som de algumas vogais como o *e* e o *o*, de algumas semivogais como o *f*, e o *s*, e troca de varias consoantes, etc.; nem tampouco tentou organizar um sistema completo de orthografia, extendendo seus principios á generalidade da lingua, o que demandaria demasiado trabalho, meditação e coragem, ao mesmo tempo que retardaria a adopção d'algumas regras gerais, que devem quanto antes estabelecer-se para servirem de norma nas composições que vam publicar-se em nome da Sociedade.

Julgou pois a Comissão que adoptando um *justo meio* que concilia-se a razão com o uzo, e a urgencia d'um trabalho rápido, e apoiada nos argumentns dos dignos membros que ventilavam as questoins relativas á orthografia, poderia propôr as regras seguintes, segundo as quaes fossem filologicamente uniformados aqueles escritos que tiveram de publicar-se em nome da Sociedade, afim de que asua orthografia não fique exposta ás fluctuações do capricho de cada contribuinte, nem tampouco, d'um censor

nomeado para uniformá-los, mas ás regras adoptadas, que todos os membros desta sociedade nos comprometemos observar.

A Comissão não esconde as dificuldades com que teve que lutar em tarefa tão ardua, na qual d'um lado a razão exige reformas radicais, e do outro o abuzo pugna pelo seu imperio ha longo tempo estabelecido, e finalmente o capricho de cada particular o impele a preferir a sua ortografia, pois que não ha tribunal onde competentemente se possam discutir e sentenciar questoins tão variaveis; por isso a Comissão não tem a vaidade de supôr que propoem as regras mais convenientes ao intentado fim: mas penetrou-se da sua missão, e no desempenho d'ela não esteve ao seu alcance fazer melhor. No cazo d'estas ou quaesquer outras regras serem adoptadas, a Comissão propoem qu'elas se publiquem em frente de seus anais, para d'este modo serem julgados os seus escritos na parte ortográfica.

REGRAS

I

Todos os nomes de sciencias e artes serão escritos segundo a ortografia etimológica.

II

Todos os nomes proprios de pessoas ou couzas, não aclimatados na nossa lingua, serão escritos na ortografia das naçoins, paizes ou lugares que pertencerem.

N. B. — As duas regras acima admitem as seguintes restriçoins.

1.^a Que o Phi grego não sendo mais que uma letra equivalente ao nosso F, será substituido por esta em todos os nomes de origem grega em que possa entrar. V. g. filósofo, trofeo, Morfeo, triumpho, etc.

2.^a Que igualmente o Theta ou Th não tendo entre nós o som grego linguo-dentario, porém só o de simples T, será por este substituido em todas as palavras de origem grega em que entra o dito Theta. V. g. termómetro, ateo, Tomaz, Tetis, etc.

3.^a que o Ypsilon grego sendo equivalente ao u vogal portuguez, e pronunciando-o nós constantemente como i também vogal, seja este substituido em lugar do y em todos os nomes de origem grega em que entre V. g. Pitágoras, síndico, sistema, lira, etc.

4.^a que o shi grego sendo alfabeticamente equivalente ao nosso Q, e valendo também algumas vezes na pronuuciação e ortografia clássica, o mesmo que o nosso C, seja substituido nas palavras de origem grega segundo estes dous valores, regulando-nos pelas regras comuns da lingua portugueza. V. g. no primeiro cazo, Arquimedes, Aqueronte, químera, monarquia, etc; e no segundo, monarca, mecânica, Arconte, anacronismo, etc. Para os outros elementos da lingua portugueza servirão as seguintes regras deduzidas d'uma

temperada combinação das etimologias, e da pronunciação.

III

Desdobrar-se-ham todas as consoantes que não tem som distincto das suas singelas. V. g. dous *tt*, dous *mm*, dous *nn*, dous *pp*, dous *ll*, etc. escrevendo-se *atenção*, *comum*, *anuncio*, *aplicar*, etc.

IV

Será suprimido o *H* no verbo *Ser*, e no adjectivo *um*, *uma*, e os seus plurais.

V

As terceiras pessoas dos plurais dos verbos, em todos os tempos que não terminarem em *em*, terão o final em *am*, excepto nos futuros que terminarão no diptongo *ão*. V. g. *davam*, *mostraram*, *fizeram*, *darão*, *mostrarão*, *farrão*, etc.

VI

Todos os nomes regulares acabados em *al*, terão o plural em *ais*. V. g. *tal*, *tais*; *qual*, *quais*: geral, gerais. E os que no singular terminam em *ão*, terão o plural em *oins*, ou *ains* segundo a sua terminação. V. g. *questão*, *questoins*; *solução*, *soluçoins*; *pão*, *pains*; *capitão*, *capitains*;

VII

As palavras terminadas em *eo*, quando fôr longo, se escreverão assim. V. g. *ceo*, *chapeo*, *veo*, etc., e terminarão em *eu* quando for breve. V. g. *ardeu*, *meteu*, *conheceu*, etc. As palavras que acabam em *iu* se escreverão assim quando fôr longo. V. g. *sentiu*, *mediu*, *vestiu*, e terminarão em *io* quando é breve, como *proprio*, *nescio*, *incendio*, etc.

VIII

Todas as palavras que acabam em *ão* se escreverão em *au*. V. g. *grau*, *mau*, *pau*,: excepto o dativo *ao*, por ser composto dos dous artigos *a* e *o*.

IX

Entre duas vogais o *s*, que sôa como *z*, será sempre substituido por esta letra. V. g. *roza*, *cazo*, *pizo*, *rizo*, *pezo*, *uzo*, etc.

X

Quando duas vogais unidas não soarem num só tempo uma diéresis (..) designará os sons separados. V. g. *paiz*, *aerio*, *eloquente*, *consequencia*, etc. (1)

XI

Toda a palavra esdrúxula se escreverá com

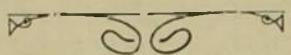
(1) Nos exemplos apontados falta a diéresis preceituada, naturalmente por carencia do material typographico na occasião.

um acento agudo sobre a vogal antepenúltima. V. g. *pássaro, tépido, ídolo, óculo, crepúsculo*. etc.

XII

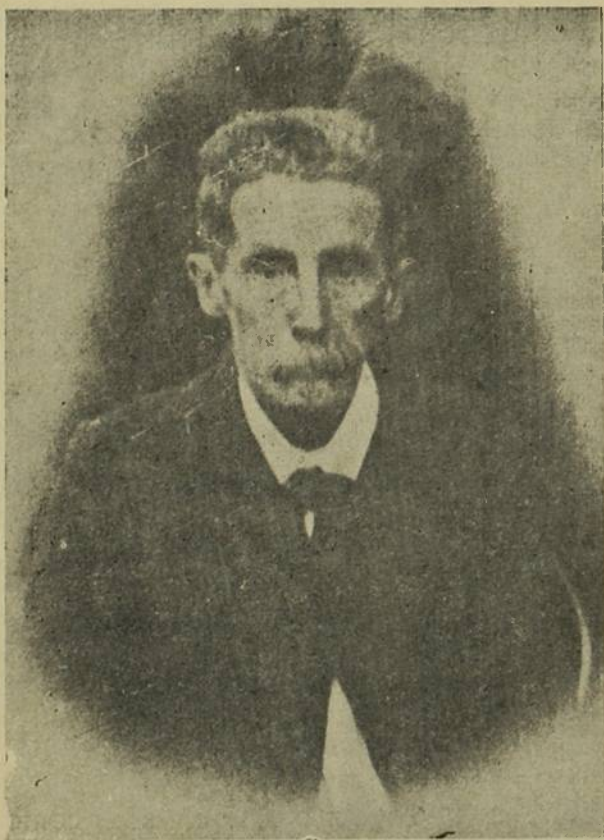
Em todas as mais palavras se regulará a ortografia pelo dicionário de Moraes.

Porto. 5 de Julho de 1834. — José de Urcullu — Pedro Antonio Soares Velozo — Antonio José Dias Guimarães.



Carlos Ferreira

De cada vez que tomba um paladino do velho romantismo, salta-nos á balha a questão de escolas literarias, entre as



quaes se pretende culminar a escola naturalista.

Claro é que a evolução das idéas havia de operar: forçosamente uma revolução não só literaria mas também artistica. Os prístinos moldes correctos e frios do velho classicismo foram a pique, para dar logar á escola romantica, como também esta sossobrou, por seu turno, abrindo campo á nova formula realista ou naturalista.

Mas, perguntamos, terá o naturalismo entre nós, para não nos referirmos a Portugal e mesmo a França, de onde o copiámos,prehenchido os seus fins, satisfeito o seu programma?

Eis uma pergunta que encontra facil e cabal resposta entre leitores de mediano censo literario.

Não. O naturalismo — qual o temos — falseou o seu programma, constituindo-se em mera machina photographica, e, o que é peor, com a objectiva sempre assentada para o pantanal da mais torpe pornographia. E constituiu-se elle em mera machina photographica, porque alijou de si o idéal, sem levar em conta que o idéal é a propria emanção do bello, como o bello o é da verdade. Tirar-lh'o, portanto, é despil-o do sentimento e da poesia, é reduzil-o a esse inglorio papel de mero copista, de simples mechanico, sem o encantamento e o arroubo que se requerem numa perfeita obra de arte: musica, pintura, esculptura, prosa ou verso.

Para o verdadeiro artista, não deve ser o som um simples arruido, um simples traço — a côr, a fôrma curvilínea, recta ou quebrada — apenas uma faceta, a palavra — simples voz guttural. Para elle, deve o som transformar-se em harmonia, a côr — em iris cambiante e seductor, a fôrma — em brilhante vestidura, a palavra — em recamo pomposo e delicado, seja na prosa ou no verso.

Sem a encantadora luz da poesia, sem os philtros inebriantes do sentimento, sejamos logico e sejamos franco, impossivel nos é comprehender uma obra de arte.

Vêde-me o proprio chefe da preconizada escola naturalista, o admiravel burilador de *Nana*, do *Assomoir*, de *Lourdes* e do *Germinal*... que ardorosa imaginativa, que poeta encantador, mal e mal agrihoado ao objectivismo de que, não raro, tenta sua alma desencadear-se para a região subjectiva. E assim são Flaubert, os irmão Edmundo e Julio de Goncourt, e tantos outros, sendo certo — no dizer de illustre critico — que sómente a Guy de Maupassant caberá na verdade o nome de genuino naturalista, porque, de facto, elle é um impessoalista e, sobretudo, um grande objectivista.

O naturalismo, qual o vêmos, gafouse de senões, e senões graves, tentando suffocar os surtos da verdadeira sentimentalidade, com o baixar o vôo das esplendidas e opulentas esferas onde corruscam sóes, brilham constellações, abre-se em estendal lactescente todo um estellario fulgentissimo, para se atascar no paul infecto das podridões sociaes, comprazendo-se, deleitando-se em descrever o vicio repugnante e a paixão nojenta, a rebalsar-se na lama de onde se evaporam fluidos pestilenciaes, com que elle se delicia ou parece deliciar-se.

Disse com razão um mestre da critica, que o naturalismo entre nós não tem sido outra cousa mais que um arremedo grosseiro, uma cópia servil da escola francesa.

Já se não copiam os grandes quadros da natureza, os usos e costumes dos povos e das sociedades... Armam-se de saccola e gancho, os *soi-disant* naturalistas, e vão-se para as sargetas e canos de exgotto, no deprimente e affanoso mistér de fisgar farrapos, de catar imundicies e desnudar chagas asquerosas... Já não é naturalismo, o que está em inóda, é pornographia abjecta, já não tentam moralisar, mas simplesmente viciar!

Isso tudo representa, em boa linguagem, a febre do lucro, o prurido de exgottar edições sobre edições, que são devoradas avidamente por um publico sedento de escandalos.

Tres padrões inconfundiveis se nos deparam no campo realista da formosa lingua portuguesa: um luso e dois brasileiros.

Queremos referir-nos a Eça de Queiroz, Aluizio de Azevedo e Julio Ribeiro. Foram todos elles, incontestavelmente, os mais lidimos representantes da escola que se influenciou na arte francêsa, como esta se abeberou, por seu turno, da philosophia realista.

O formoso, o bellissimo espirito de Eça concebeu e realizou o mais bello monumento literario que se conhece em vernaculo, — o seu *Primo Basilio*. Ninguém poderá negar, á bôa fé, que essa obra prima de realismo não seja, em suas linhas geraes, eminentemente moralisadora, e... todavia, nenhum homem

honesto teria a imprudencia, ou melhor — impudencia, de confial-a ás mãos de uma esposa ou de uma filha.

E' que Eça de Queiroz, o grande mestre de todos nós no manejo da phrase, escreveu, para fazer coro com os naturalistas à *outrance*, algumas paginas indignas de um olhar limpidamente casto... é que descreveu scenas revoltantes que causam engulho e fazem córar. Esse livro, que poderia e deveria ser uma lição de moral, tornou-se em pedra de escandalo, falseando os fins que devera ter em vista.

O mesmo criterio nos suggere a obra realista de Aluizio e de Julio Ribeiro: peccaram pela pornographia de que fizeram ostentação, em mais de uma pagina. Julio Ribeiro, sobretudo, o grande escriptor paulista e profundissimo conhecedor de nosso idioma, desbaratou as perolas do seu escritorio linguistico em um lavor ingrato, tentando obra naturalista.

Consequentemente a esse estado de cousas, abriu fallencia a escola naturalista, accusada aqui, como alhures, de fazer praça de violencias e cruezas espontaneas em seus processos, toda entregue a uma systematização de materialismo e pessimismo exaggerados. Della subsiste o que havia de aproveitavel, isto é, «o que havia de bom e são, o que assegurou outróra a sua victoria contra um idealismo convencional», para usarmos da mesma expressão do excellente critico francês, o snr. *Pellissier*.

De resto, a visão do natural, a expressão da verdade na arte, não foi privilegio do actual processo literario. Nenhuma escola que se preze, deixou de cultivar o naturalismo, muito embora através da gaze de um sentimentalismo exaggerado, de um subjectivismo excessivo. Já assim foi a escola classica, já assim a romantica. E a mesma pecha que o naturalismo assacca contra o romantismo, este, por seu turno, julgava-se no direito de com ella fulminar ao Classicismo. Duas figuras de alto relevo, uma aqui, outra em Portugal, ambas da epocha romantica, vêm corroborar esta nossa afirmativa. São ellas Franklin Tavora (1842-1888) e Julio Diniz, (Joaquim G. Gomes Coelho, 1839-1871) illustre medico

portuense. Um e outro foram os precursores do naturalismo nestes dois países irmanados pela lingua. João Franklin da Silveira Tavora, no respeitavel dizer de Silvio Romero e João Ribeiro, é o chefe do naturalismo tradicionalista e campestino na novellistica brasileira. Julio Diniz deu á novella em Portugal «uma direcção moderna, tornando-a naturalista, e prima no desenho dos personagens, que são em geral sympathicos ao leitor, e na pintura realistica dos quadros, copiando a natureza com minucia e rara fidelidade», como textualmente assevera J. Simões Dias, erudito historiador da Literatura portuguesa. Emquanto Tavora embebe o seu pincel na polychromia da scena brasileira, da esmeralda dos campos ás fulgurações das tintas levantinas e dos occasos opalescentes, Diniz vai inspirar-senopinturesco da paisagem agreste do Minho e Traz-os-Montes, ante o es-cachoeirar das aguas que espumejam por entre fragas, e vão cantar nos engenhos e nas asenhas, e ante a crista das serras altivas que se recortam no azul dos céus. Taes eram os primordios, o arraiar do naturalismo que se enchafurdou pelo pantanal, já linhas atrás descripto.

Emquanto Diniz foi medico e romancista, Franklin Tavora percorreu todas as provincias da literatura, desde o romance ao conto, do conto á comédia, da comédia á critica politica, literaria, e á historia, trabalhou paginas opulentas que lhe deram logar de destaque entre os maiores e melhores plumitivos patrios.

Ora, essa escola que contara legiões tão illustres em todo o orbe latino, e sob cujo benéfico calor floresceram de forma admiravel a imprensa, a oratoria parlamentar e a pedagogia, não era tal um systema de somenos, facil de arrasar-se, sem deixar pedra sobre pedra. Ella perdeu, sim, a sua crosta grosseira, e guardou os seus blocos lapidares, que viriam, mais annos menos annos, fundir-se no monumento actual, tambem desbastado das asperezas e angulosidades que o desfejavam, sinão desnaturavam.

De uma e outra escola perdurou apenas o que havia de bom e aproveitavel, e que dá os elementos preciosos em que se unificam os actuaes processos litera-

rios. Coelho Netto, na sua synthese da literatura brasileira, affirma uma verdade, dizendo que nos escriptores da transição naturalista é patente a superioridade da linguagem. «Os livros não vêm desalinhados: revelam trabalho, escrupulos de forma, caprichos por vezes excessivos...»

Pois bem, utilizemo-nos desses materiaes magníficos, não desprezando os thesouros de sentimento e de moralidade, as idéas nobres e os intuitos generosos da velha escola em que esta se fundiu ou se vai fundindo. Tambem a flor e a estrella são duas entidades reaes, e que merecem copiadas: aquella no seu matiz encantador e na sua petala delicada de que se desprende ineffavel perfume, esta, no magico fulgor que nos está a infundir cogitações de ordem superior, e que nenhuma philosophia positiva pôde ainda desvanecer.

E' já tempo de encerrarmos estas considerações, para dizermos algumas palavras do benemerito e saudoso patricio que nol-as veiu despertar.

*
* *

Estalaram-se afinal as cordas áquella cithara, cujas melodias fizeram epoca, na idade aurea da poesia nacional.

Lyrico, e dos melhores que o parnaso brasileiro conta entre os poetas do periodo romantico, foi a nota dolente, a predilecta feição do inspirado cantor de *Rosas Loucas, Alcyones, Redivivas e Plumas ao vento*. Era-lhe typica essa nota sentimental, ainda na prosa de expressão faceta e na comedia jocosa; brotava-lhe insistente e espontanea na palestra intima, em que o visitavam a alegria e o prazer. E' que a Carlos Ferreira, do alvorecer do berço ao negrejar do tumulto, jámais lhe sobredoiu a existencia uma ventura perfeita. Si alguma vez se lhe abriu uma clareira, em que brincasse um loiro raio de sol, era esta de passagem rapida, offuscada sempre por sombria nuvem de um tédio e tristeza indiziveis.

Quizeram aquelles que lhe não sabiam devidamente auscultar o coração, taxal-o de fraco e inconstante no labutar da vida. Uma injustiça clamorosa que lhe faziam. Victima, sim, elle o foi de um idéal in-

tangível, de uma aspiração vaga e indefinida, de uma miragem fallaz que lhe estava sempre a acenar, fazendo-lhe sonhar com os luminosos páramos de um mundo perfeito, onde a dôr fôsse um mytho, uma ficção, o mal, e as misérias, uma palavra vazia, inexpressiva!

Alma de creança, em fragilissima argilla, eis o que foi o saudoso extincto. Mas, si o era na vibratilidade daquelles nervos, e no estuar daquelle peito acs sentimentos affectivos que lhe exornavam o bondoso e meigo coração, havia, sem embargo, no sua alma surtos varonis quanto á integral comprehensão de todos os deveres, de todas as virtudes cavalleirescas, que são o innegavel apanagio das personalidades verdadeiramente superiores.

Nunca se dobrou a subserviencias, nem jámais pactuou com baixezas de qualquer especie.

Nos seus olhos, de limpido olhar, vivos e percucientes, espelhava-se, em pleno fulgor, toda a lealdade, toda a grandeza daquelle alma.

Não sabia mentir, nem siquer tergiversar; ia rectilinio ao fim que tinha em mira, sem vacillações, sem restricção alguma. Era nisto, precisamente, que se revellava insophismavel a sua varonilidade. Teve amigos, teve-os dos mais illustres e dos mais nobres, e foram esses os amigos de todos os tempos, e em cujo peito se cultuava com carinho, o sacratissimo sentimento da amizade; outros houve elle, devia certamente havel-os, que foram optimos companheiros dos bons tempos, em que Carlos Ferreira francamente pontificava como *summus-sacerdos* da imprensa, e para os quaes a figura do poeta valetudinario se foi esbatendo, e afinal apagou-se por completo na ribalta da vida, desde que o Destino inclemente o reduziu ao estado precario em que morreu.

Mas, si não quero pôr aqui em destaque toda a primeira cohorte, por não preterir nem esquecer nomes, manda-me, entretanto, a consciencia, que projecte toda a luz da publicidade sobre tres nomes que já vão representando uma tradição desta terra, e que constituem um traço de ligação entre a Campinas de

outr'ora e a Campinas hodierna, são elles Bento Quirino dos Santos, Antonio Carlos da Silva Telles e José Paulino Nogueira. Tres nomes de velhos e fiéis amigos de Carlos Ferreira, os quaes ainda ha pouco — sou disso testemunha — deram sobejas provas, irretorquiveis, da mais cordeal e franca estima para com o saudoso poeta. Referindo-se a estes tres amigos, e ao abraçar-me, pela ultima vez que o vi, foi commovidamente, e com os olhos a marejarem, que o digno escriptor teve palavras da mais calorosa estima para todos elles. Em meio á imensa magua que enlucta as letras brasileiras, e muito particularmente os amigos do pranteado morto, sinto-me, entretanto, feliz em registrar este facto, declinando esses tres nomes, como de dever, pela dedicação franca e espontanea manifestada a Carlos Ferreira. E-lhes, de resto, gratissima a distincta Familia do glorioso escriptor fallecido.

* * *

Prolixo, quando nada enfadonho, seria eu, si tentasse neste ligeiro escorço, traçado ás carreiras, e á medida que me acodem as idéas, contornar a figura de Carlos Ferreira, no seu triplice aspecto—moral, intellectual e physico.

Quanto ás suas producções literarias, quer em prosa, quer em verso, tiveram ellas luminoso destaque em toda a imprensa do País; as folhas locaes, as de S. Paulo e do Rio, em unisono, teceram-lhes os mais merecidos e os maiores gabos, estudando-lhes o character, o sentimento e a escola a que se filiam, pondo-lhes em destaque o sentimento e as bordaduras delicadissimas de que se revestem. E', pois, ocioso estar a bater no mesmo assumpto, tão magistralmente por ellas explanado:—a figura intellectual do grande escriptor.

Ha que observal-o, sim, ligeiramente embora, sob o ponto de vista propriamente physico e moral, duas faces realmente interessantes e se estudarem no individuo.

Costuma-se dizer que o desenvolvimento excessivo de uma faculdade, ou de um membro, atrophia, não raro, os ou-

tros que lhe são adstrictos, dependentes ou, ainda, convizinhos.

No geral — poucas são as excepções — os brutamontes têm falhas intellectuaes, sobrando-lhes em ardil, agilidade e força, o que lhes falta em agudeza de espirito, em criterio ponderado e logico, em assimilação de doutrinas scientificas ou meramente de character philosophico; de frequencia, taes atrophias se extendem tambem ao seu *eu* moral, e manifestando-se por uma falha completa dessa faculdade, carecem de sentimentos affectivos, de cordura d'alma, de sensibilidade, e têm o coração completamente cerrado ás expansões do que é nobre e justo e digno. Capazes de todas as proezas, das maiores infamias, sejam ellas quaes forem, por não possuirem o senso intimo da consciencia, representam no physico a figura bronzea do discobolo nos jogos olympicos, ou do gladiador de Roma prompto sempre a lutar com o homem ou com a fera, postas as manoplas em jogo, certas no bote que lhes ha de arrancar, ás victimas, as entranhas ainda palpitantes.

Não assim, o individuo que, esquecendo ou pelo menos relegando para segunda plana a cultura physica, se embebe todo no cultivo de suas faculdades superiores, aquellas que distinguem o homem do bruto. O seu ambiente, o seu *meio*, é completamente outro, e, correlativamente, a par e passo que se lhe desenvolvem as qualidades do espirito, atrophiam-se ou, pelo menos, deixam de expandir-se, ficam inertes, as suas qualidades de mero animal.

Foi assim Carlos Ferreira: o *seu* moral e o intellectual estavam em flagrante contraste com o seu physico. Cresceram muito, cresceram em demasia, numa expansão bellissima dos mais formosos prediados. A banca do estudo absorveu-o por completo: houve desigualdade na partilha, e devia naturalmente sacrificar-se a sua individualidade physica. Era, com effeito, de natureza fragil e delicada, vibratil á mais pequenina emoção, sendo o seu systema nervoso uma verdadeira pilha electrica que o sacudia ás menores preocupações, fossem ellas do character que fossem.

Seriam esses nervos a causa de sua morte, si uma gripe cruel não lhe abreviasse os dias; mas foram elles, em vida, durante longos annos, que o trouxeram agitado, incessantemente sacudido, em um supplicio atroz que immenso confrangia a todos os seus amigos. Soffria, porém, com verdadeira conformidade estoica, sem um gesto de revolta, sem uma imprecação nos labios.

Não é demais accentuar estes bellissimos traços de sua figura, numa época de puro industrialismo e do mais sordido mercantilismo, em que o progresso physico e a expansão da materia são o expoente da actualidade historica, e buscam suffocar todas as mais nobres expansões de character moral.

Carlos Ferreira não foi tampouco um impio, nem podia sel-o quem, com elle, possuia aquelle adamantino character e aquelle coração generoso, affectivo, bem-fazejo e sempre aberto á pratica do bem. De sobejo, outrosim, ficou provado que elle não foi ingrato para com D. Pedro II, o Imperador—Mecenas das letras brasileiras. Esse protesto o lançou o illustre escriptor em uma das mais bellas paginas de sua copiosa bagagem literaria.

Bem é, pois, que apaguemos, de um traço, tão cruel aleivosia, não de raro posta em jogo para lhe marear o immaculo character.

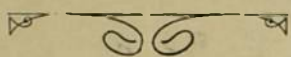
Figura exemplar, espelho de brasileiros, certamente que o gaúcho escriptor o toi, e póde arvorar-se com ufania em modelo de virtudes civicas e moraes. Talvez que outros fados lhe sorrissem no peregrinar da vida, si em vez de palmar a vereda escabrosa por onde seguiu, preferisse atalhar por desvios tortuosos. Bastava que se alugasse aquella penna adamantina aos regulos caricatos da politiquice, tecendo-lhes lôas, exaltando-lhes os meritos, e desapareceriam como por encanto a pobreza e as angustias daquelle lar. Mas já se disse e redisse linhas atraz, que Carlos Ferreira jámais dobrou a espinha em gesto vergonhoso de quem se acurva á lisonja ou de quem se agacha incondicional á procura de uns *trinta dinheiros*.

Elle, sob este aspecto, é um justo orgulho para o seu país; é um symbolo,

um modelo que ficou, como exemplo de cultura moral digno de ser imitado.

A "Revista" cumpre um dever sagrado, dedicando-lhe esta sentida homenagem postuma.

Redacção.



A Economia Popular

Expôndo, ha tempos, em sessão do «Centro de Sciencias Letras e Artes», o trabalho de uma associação philanthropica americana, cujo objectivo é desenvolver entre as creanças e nas classes proletarias a pequena economia, o nosso gremio distinguuiu-nos, por generosa indicação de um illustre consocio, com a honrosa incumbencia de transpôr para a *Revista*, a demonstração que fizemos. Desobrigamo-nos, hoje, desse grato dever.

A instituição americana

Em uma revista publicada em Boston, pelo Dr. Francis E. Clark, vimos, uma ocasião, em estilo terso e pittoresco, uma desenvolvida noticia de como funcionavam nos centros metropolitanos da grande republica, as associações de credito popular.

O typo de taes instituições é o «Penny Provident Fund», de New York, cujo presidente é o financeiro Otto C. Barnard.

De todos os systemas de economia postos em pratica, o menos burocratico, o mais accessivel, o mais pratico, é o do — sello economico.

Não é o sello economico a caixa economica postal — esta é official, a outra é de iniciativa privada.

O «Penny Provident Fund» adoptou o systema do sello economico, por ser pratico e seguro.

E ha um precioso elemento psychologico no sello economico: a mania de colleccionar sellos usados, a novidade do systema, e attracção que exerce sobre o espirito das creanças.

Eis como funciona a associação philanthropica de New York:

Organizada como personalidade juridica, seu presidente garante os fundos que recebe dos depositarios com uma fiança de 20 mil dollars. O escriptorio central emite sellos que são comprados por agentes fidedignos e distribuidos por intermedio delles ao publico.

Ha agentes, senhoras de alta sociedade, que se não limitam a esperar que os proletarios lhes vão comprar o sello economico.

Vão aos cortiços, explicam aos pobres as vantagens que offerece a sociedade, mostra-lhes os sellos, bellos sellos desenhados a côres, desde um centimo até um dollar, e saem deixando uma caderneta em que se collaram bellos sellos, e levando na bolsa uma quantia insignificante, sim, mas salva da prodigalidade da miseria.

Qualquer quantia, menor que a somma dos valores dos sellos collocados na caderneta, póde a qualquer tempo ser retirada pelo depositario.

A caderneta é provida dos dados necessarios para a identificação do possuidor.

Uma vez perdida, é irremissivel.

E' claro o valor pratico e educativo de tal systema.

A contabilidade fica reduzida ao minimo, e a probabilidade de fraude é muitissimo pequena.

Para melhor conhecermos a associação, recorremos aos bons officios de *miss* Mand C. Hill, intelligente professora que, depois de ter collaborado na organização do systema escolar em Porto Rico, depois da guerra hispano-americana, esteve em S. Paulo, leccionando no curso normal do «Mackenzie College». Interessada como nós, no desenvolvimento da verdadeira educação, e percebendo a adaptabilidade, dos methodos do «P. P. F.» ao meio nacional, enviou a operosa educadora, ao nosso endereço uma collecção do

Material

empregado pelos associados do «P. P. F.» na sua obra de colossal alcance philanthropico e economico. Consiste esse material do seguinte:

1. sellos — coloridos, bem impressos,

tendo no alto «Penny Provident Fund» e no centro o valor, desde um centimo até 100, i-e, um dollar.

2. cartões de deposito — dobrados ao meio em forma de carteira, com capacidade para 36 sellos adhesivos, nas faces internas, tendo nas capas, o endereço do escriptorio central, os nomes dos directores, formula para o recibo da liquidação, numero, data da abertura, assignatura do depositante e regulamento das operações.

3. pamphletos — com uma exposição dos principios a que se se subordina a associação, lista de 300 agencias, e instrucções para o funcionamento das agencias.

4. formulas — para receber a assignatura dos depositantes para o archivo do escriptorio central, afim de evitar fraudes.

5. Envelopes para os cartões de deposito, ou cadernetas.

6. Cauções — para substituir os cartões de deposito, no caso de desejar o depositante effectuar a transferencia das quantias economizadas para outro estabelecimento de credito, a que o proprio «P. P. F.» encaminha os seus clientes.

Condições

Os depositos e retiradas são subordinados ás seguintes regras:

1. As retiradas só se fazem por meio da apresentação dos cartões sellados, na agencia que os forneceu. A agencia reserva-se o direito de exigir aviso da retirada com uma semana de antecedencia. Os cartões liquidados, depois de passado o recibo pelo proprietario, terão os sellos inutilizados por um alicate semelhante aos que se usam nas Estradas de ferro para picar bilhetes.

2. Só se fazem depositos, collando sobre os cartões sellos cujo valor declarado correspondam ao total do deposito. Quando o deposito attinja a 1\$000, póde o cartão ser substituido por uma caução, no escriptorio central.

3. Os cartões são intransferiveis. Perdido ou inutilizado o cartão, os depositos não pódem ser reclamados.

4. Cobram-se 5 centimos pelos cartões liquidados com quantia inferior a 50 centimos.

5. O «P. P. F.» não é caixa economica; apenas é uma agencia para effectuar-se a economia de pequenas quantias que pódem ser ahi depositadas, e só responde pelas quantias arrecadadas e depositadas em bancos de sua confiança, e não responde pela quebra de seus banqueiros. Não se pagam juros, porque é muito dispendiosa a collectagem de pequenas sommas.

Como se estabelecem agencias

Qualquer pessoa ou associação póde abrir uma agencia, correspondendo-se com o escriptorio central, e comprando alli os sellos que devem representar o capital de inicio das operações da agencia. O centro fornece gratis o resto do material, porém recebe qualquer donativo que auxilie a cobrir as despesas de expediente. As agencias estabelecidas fóra do perimetro urbano farão á sua custa as despesas do correio, na correspondencia com o centro.

Não ha, nas agencias, escripturação alguma. O movimento é feito em sellos.

Imaginemos que se inicia uma agencia com \$25.00. de sellos adquiridos no escriptorio central. Na primeira semana entram depositos no valor de \$10.00. Esse dinheiro poderá servir para a aquisição de mais sellos. Si a agencia encontra depositantes para empregar os \$25.00, dobrará o capital, adquirindo sellos de valor correspondente. No caso de uma corrida á agencia, esta na peor hypothese só terá de devolver aos depositantes as quantias que recebeu, e si resolver suspender operações, resgatará o capital inicial no escriptorio que paga aos agentes, em dinheiro, o valor correspondente aos sellos novos ou inutilizados pela agencia. que forem apresentados a resgate.

Por esse processo é impossivel perder dinheiro.

As agencias têm de subordinar-se ás seguintes regras :

1. Não poderão receber depositos si não por meio de sellos.

2. O centro só fornece os sellos a dinheiro.

3. Quando o deposito attingir á minima exigida pelos estabelecimentos de credito, como caixas economicas e bancos populares garantidos, as agencias deverão procurar persuadir o cliente a transferir o seu deposito para um estabelecimento solido *que pague juros*.

4. Na data marcada, deverão enviar ao centro a estatistica do movimento. Para isso os cartões devem ser numerados na ordem da emissão, e quando um depositante possuir mais de um cartão, devem estes ser designados com uma letra depois do algarismos. Exemplo: — se o depositante n. 10 adquire outro cartão, este será marcado n. 10 A; o terceiro cartão será n. 10-B, etc. Para achar o numero de depositos em vigor, subtrai-se do numero de ordem, o numero de cartões redimidos, sem contar os que tenham as letras depois dos numeros.

5. Enviar ao centro as formulas com as assignaturas dos depositantes.

6. Exigir recibo dos cartões e cauções liquidadas.

7. O dinheiro em caixa, sellos novos e sellos inutilizados devem sommar quantia identica á que se encontra no credito da agencia em conta corrente com o centro.

8. Em caso de violação destas regras, o centro poderá suspender as agencias delinquentes.

Adaptabilidade

Como se vê, o mechanismo do «P.P.F.» é tão simples que a sua adaptabilidade a qualquer meio civilizado é axiomática.

Aliás, não são os americanos os que maior desenvolvimento têm dado ao *sello economico*. Na Inglaterra e em outros

países ha numerosas instituições de economia popular que adoptaram este methodo de funcionamento.

E em escala colossal, sob a admiravel sagacidade de Lloyd George, esse é o mechanismo estabelecido no «Insurance Act», com que o governo inglês, estabelecendo o seguro compulsorio de todos os trabalhadores do Reino Unido, por meio do deposito semanal, em forma do sello adhesivo, deu golpe fatal contra o pauperismo da velhice proletaria, nos dominios de George V.

Não ha um só argumento que se possa apresentar contra a viabilidade e possivel adaptação do plano do «P.P.F.» entre nós, que não possa ser respondido com factos e com a experiencia. Haverá, apenas, um obice á realização de um plano similhante, em nossa terra — a indiferença encadernada em preguiça odiosa e lamentavel.

Sobretudo, adapta-se esse plano ao ensino da economia

Nas Escolas.

Em tempos idos, cogitou a legislação escolar do Estado de S. Paulo, de tornar uma realidade o ensino da economia nos estabelecimentos de instrucção publica. Uma simples inspecção do regulamento respectivo, explica porque elle não entrou em execução — era inviavel em sua perfeição de detalhes burocraticos.

Depois, quando agitavamos na imprensa esta mesma idéa, logo que publicámos em um diario da capital um artigo resumido com a descripção dos trabalhos de sociedades humanitarias correspondentes do «P. P. F.» em New-York, houve quem enviasse ao jornal a seguinte carta:

«Li, com o interesse que ligo ao assumpto, o bello artigo do sr. Erasmo Braga, publicado nesta folha, sobre um systema popular de caixas economicas.

Cumpre-me, porém, lembrar ao illustre articulista que, no referente ás escolas, não se faz mistér criar, basta pôr em execução o que já temos disposto em lei e, creio, é plenamente exequivel e pratico.

Em seu art. 3º., paragrapho 4º., dispõe o regulamento das caixas economicas, que baixou com o decreto n. 7.938 de 2 de abril de 1887:

«Para facilitar a realização dos depositos, nas escolas e estabelecimentos de trabalho, as caixas economicas poderão criar cartões auxiliares das cadernetas, em queos depositantes vão fazendo entradas do valor de 100 réis até perfazerem 1\$000: Estes cartões em que os directores dos mencionados estabelecimentos irão indicando, por meio de um sinete, as quantias que forem recebendo dos depositantes, logo que completem a somma de 1\$000, serão pelos mesmos directores apresentados á respectiva caixa economica, filial ou agencia, acompanhados do numerario que representam, e ahise dará em troco uma caderneta em nome do depositante, si se trata da primeira eutrada, ou si não fôr entrada nova, abonar-se-á na caderneta já existente a importancia do cartão.»

Que a nossa Caixa Economica está prompta a dar execução a esta disposição, não ha duvida. O que resta saber é si os directores dos estabelecimentos escolares se promptificam a fazer a parte que delles exige a lei citada.

Que si tal conseguissemos, fariamos uma obra meritoria, «introduzindo nas escolas o ensino economico», ninguém, por certo, o contestará; mas como da theoria á pratica vai longa distancia, sou levado a crêr que sem uma disposição qualquer nos regulamentos das escolas, que venha ao encontro do disposto no citado regulamento das caixas economicas, nada se fará.»

O systema preconizado pelo decreto citado, é materialmente máo. A vantagem do sello adhesivo está precisamente na facilidade da fiscalização das agencias, por parte do escriptorio central, e na reducção ao minimo da contabilidade das agencias, ao passo que o methodo do sinete, sobre não ter os elementos psychologicos do systema sphragistico, não facilita como este a liquidação das operações.

Mais, ainda, onde estão as *caixas economicas respectivas*, sem as quaes é impossivel tirar proveito do sinete? O missivista parece ter limitado seu horizonte aos estreitos ambitos da capital do Estado.

A observação final da carta, si não faz justiça aos sentimentos dos dedicados professores que dirigem os estabelecimentos officiaes de instrucção, é todavia justissima no que diz respeito á ausencia de regulamentos viaveis para o fim collimado. E sem regulamentos, é impossivel conseguir coisa alguma, porque neste particular só a Russia nos levará vantagens...

Todavia, mais de cinco annos decorreram. Nenhuma agencia ou filial da Caixa Economica se estabeleceu no estado, muito embora se tenha organizado a Sociedade Incorporadora, com a sua federação de 50 bancos de custeio rural em todas as zonas agricolas de S. Paulo, procurando attrahir as pequenas economias dispersas nos municipios para applical-as, com proveito, no auxilio á lavoura.

Nesse interim, medrou o jogo do bicho; o cinematographo baixou de tal forma as suas tarifas, que todos os tostões que as creanças e os proletarios obtem, escoam-se pelos *guichets* dos *chalets* e das casas de diversão barata.

Uma grande crise economica ameaça outra vez o país, e concurrentemente os habitos de desperdicio e de improvidencia mais têm carcomido o caracter nacional.

Alcance social da providencia

O espirito philanthropico moderno, bem orientado e scientificamente operoso, não só busca alliviar o soffrimento humano, mas provê ainda para a futuro, busca ensinar, educar o pobre, afim de o tornar indipendente no trabalho feliz, no lar, e capaz de encarar o futuro com tranquillidade e confiança.

E' admiravel como o «pobre» é prodigo; assombra descobrir, na mais profunda miseria, a vaidade, o desperdicio, a indolencia, e a insensa tez concorrerem

para agravar o estado de penuria em que jaz a grande maioria da raça humana.

Os caprichos mais tolos têm ás vezes por moldura a mais dolorosa pobreza. A improvidencia mais prodiga é, ás mais das vezes a companheira soez da necessidade mais cruel.

Uma pessoa dada á obra de caridade conta que de um preto, em cujo rosto a fome estampava as suas linhas mais angulosas, ouviu o seguinte programma economico: «Quando tenho dez mil reis, vivo como rico, e quando tenho um tostão vivo com o tostão».

Senhora de alta sociedade, que em uma capital americana se dava á distribuição de soccorros pelos pobres de seu bairro, impressionou-se fundamente com a probreza de uma viuva cheia de filhos. Na visita seguinte, levou-lhe generosa dadiva. Mas qual não foi a sua grande surpresa na semana posterior, quando a beneficiada lhe mostrou orgulhosa um bello album de retratos, «como nenhuma das vizinhas possuia igual» — ao passo que as crianças tiravam de frio e roiam codeas de pão velho e endurecido.

E' incrivel a violencia do capricho e dos desejos dos pobres improvidentes.

Esses exemplos pôdem ser repetidos, «mutatis mutandis», aos milhares, e a mais leve pratica da beneficencia habilitará o leitor a tirar a prova real destas asserções.

A pratica da economia e da providencia é uma questão de habito, de educação, de «training». Dahi a necessidade da propaganda, da insistencia, da reiteração dos actos de economia, da lição que orienta o espirito, da disciplina que aperfeiçoa as faculdades e restringe as más propensões.

Ha, pois, um lado scientifico e pedagogico na economia popular.

Exige-se para o exito de um tentamen desta ordem a sinceridade de um apostolo, a capacidade administrativa de um financeiro, a dedicação e um mestre, e a subtilidade e acuidade de um psychologo.

A miseria é uma doença — é necessario fazer o diagnostico dos casos e

dirigir o tratamento com o tacto de um medico.

A solução desse problema relaciona-se com quasi todos os ramos de hygiene moral e social. Elle diz com o alcoolismo, com a escravidão branca, o descanso dominical, a distribuição da fortuna, e traz no bojo a grave questão que faz do socialismo o grande facto do seculo presente.

Esses problemas economicos hão de um dia definir-se em nossa organização social, assumindo character grave e complicado, e os destinos da patria de nossos filhos não pôdem ser indifferentes aos intellectuaes que formam o nosso gremio, aos patriotas que governam o nosso estado, e aos philanthropos que amam a nossa raça.

Commentando a carta acima transcripta, um dos orgams da imprensa campineira feriu, nas seguintes expressões,

Uma nota de desanimo

Esta idéa de criação das caixas economicas, ha vinte e um anno regulamentada em lei, vai apparecendo a cada passo na imprensa, com uma forte e constante aspiração popular.

Quantos esforços não foram já feitos para a criação da caixa economica em Campinas?

Quantas sympathias cercaram esses nobres pensamentos. explicaveis e bem justificadas uuma época em que a vida se torna cada vez mais difficil, e com essas difficuldades acabrunha a pensar no futuro incerto e duvidoso?

Hão de lembrar-se os leitores quanto trabalhou na camara passada por essa criação o pranteado vereador e distincto medico dr. Angelo Simões, cujos esforços foram relativamente coroados pela acceitação de sua proposta. de se representar, como fez a camara municipal de então, ao governo federal para ser aqui creada a caixa economica.

O decreto de 1887, para ser uma feliz realidade, deveria contar, como diz aquelle communicado, com a boa vontade dos directores dos estabelecimentos de instrucção.

Não ha creança, por mais pobre que seja, que não possa fazer entradas de 100 réis, até perfazerem a quantia de dez tostões que então seriam depositados na Caixa Economica.

Para quantas e quantas crianças não seria isso um auxilio no futuro?

Infelizmente, entre nós parece ser a imprevidencia um predicoado arraigado, difficil de extirpar.

Nem mesmo offerecendo os meios mais faceis e exequiveis de prevenir o futuro se consegue essa acquiescencia que seria de esperar, pois não ha quem não sinta a obsessão sobre o que lhe pôde acontecer em época avançada da existencia, a si e a sua familia.

As creanças têm aquelle meio, mas nada se fez nesse longo transcurso de tempo.

Creou-se aqui mesmo uma associação de auxilios mutuos, a Previdente, em condições tão boas que seus fundadores contavam logo um respeitavel numero de mutuarios, que assim iriam garantir o futuro da familia.

Mas pensa-se nisso?

Parece que nos deixamos ir na força da vaga que nos arrebatá, até ao ultimo suspiro, já sem esperanza em cousa alguma.

E' lamentavel!

No entanto, vivemos em um meio culto, donde partiu o impeto maior de propaganda republicana, donde partiu o brado de indignação contra o morticínio dos indigenas.

Porque não houvera de partir de Campinas o movimento nacional da educação economica das creanças, dos proletarios e de todos quantos, nesta uberima região, se crearam sob o influxo da imprevidencia e do desperdicio?

Não fôra o «Centro» associação votada exclusivamente á contemplação doutrinaria, e fôra de seu programma a acção social, proporíamos a este gremio que tentasse realizar este ou semelhante

Plano

Uma commissão formada de pessoas idoneas, de responsabilidade social, sem

distincção de credo politico ou religioso, convidaria para uma reunião as pessoas que se interessassem por esta idéa, esforçando-se por conseguir a presença de financeiros, professores, philanthropos, ministros das religiões, directores da industria, auctoridades e senhoras.

Discutidas as bases da instituição, far-se-ia a incorporação legal da sociedade, cujos destinos seriam confiados a uma directoria composta de cidadãos prestigiosos que servissem gratuitamente. Adoptar-se-iam os principios e as regras do «P. P. F.» de New-York, no que fossem adaptados ao nosso meio, e quando não fosse possivel acoroçoar os depositos em estabelecimentos de credito existentes, limitar-se-iam as operações a crear nos clientes o habito de guardar suas economias, por forma agradavel e rapida.

Mas que prestigio não teria um movimento destes, bem dirigido, a reclamar dos poderes publicos o aperfeiçoamento do mechanismo economico, de maneira a poder tornar pratico o deposito a juro razoavel em estabelecimentos recommendaveis?

E si os regulamentos não permitissem introduzir nas escolas e outras instituições o sello economico, havia de promover-se a abertura de agencias junto das escolas, perto das egrejas, no seio de familias bem organizadas, onde quer que se achasse um coração bem formado, uma senhora bemfazeja, anjo da caridade, que disputasse ao jogo e ao desperdicio uns nickeis que bem poderiam ser o inicio de uma fortuna, ou melhor de um habito sadio de providencia e de poupança.

E, depois, para que appellar para esses sentimentos reconditos de nobreza moral, si até mesmo o mais elementar interesse já está a recommendar um movimento que traz no seu amago a sementeria da prosperidade e do bem-estar do maior numero....

Erasmus Braga



A solubilidade dos electrolytos e pressão osmotica

Por esta Revista já tivemos occasião de expôr uma das applicações da pressão osmotica, e, a titulo de vulgarização das applicações e consequencias que se pôdem tirar daquelle importante factor, vamos hoje fazer algumas considerações sobre a sua influencia na solubilidade das substancias electrolyticas.

Ha muito se conhecem os phenomenos de equillbrio chimico, que consistem no estacionamento de uma reacção, de modo que, para a mesma temperatura, permanecem constantes as relações entre os pesos da substancias que deram logar á reacção e os pesos dos corpos que resultaram della. Estes phenomenos são devidos ás transformações chímicas reversíveis, isto é, que se pôdem effectuar em sentidos oppostos, de modo que os productos que se vão formando, de um dado momento em diante, reagem e dão logar justamente aos corpos de que elles provieram. Dahi, dada uma certa temperatura, a constancia na composição dos systemas por elles formados. Para se evitar o equilibrio chimico, torna-se necessario que um dos productos da reacção seja eliminado do campo desta. Quando um dos productos da reacção é gazoso, é facil obter-se essa eliminação. A cal virgem, por exemplo, é preparada por uma reacção susceptivel de dar logar a um equilibrio chimico, entretanto, é elle evitado, deixando desprender-se o anhydrido carbonico, producto da reacção.

Os equilibrios chímicos, dos quaes as dissociações(1) são um caso particular, têm sido bastante estudados, e Debray verificou que nas dissociações dos systemas heterogeneos (assim se chamam os systemas formados por um corpo solido e um gazoso) a composição destes está muito sujeita á pressão do gaz que se origina da reacção, e formulou a lei conhecida pelo nome de lei de Debray: a dissociação de um corpo solido, que se decompõe dando logar a um solido e a um gaz, é limitada pela pressão do gaz posto em liberdade; a cada temperatura corresponde uma pressão que limita a decomposição, e que se chama tensão de dissociação.

Nos systemas homogenios (em que os componentes são todos gazosos), cujo estudo se torna muito mais difficil, as pressões parciaes dos componentes não são tambem extranhas á sua composição, entretanto, ainda não se sabe até que ponto vai sua influencia.

De accôrdo com a lei de Debray, si se augmenta a pressão do producto gazoso da reacção, este se combina com o producto solido até que, pelo seu desaparecimento, a pressão diminua e atinja o valor da pressão de dissociação correspondente á temperatura da experiencia; si, ao contrario, se retira o produ-

cto gazoso, ou se permite que elle se distenda de modo a diminuir a sua pressão, uma nova quantidade do composto se decompõe até que a pressão de dissociação se restabeleça. Explicam-se por este modo os phenomenos de efflorescencia: a formação do deposito armopho na superficie dos crystaes depende essencialmente da tensão do vapor d'agua existente na atmosphaera, e pôde mesmo desaparecer si a tensão do vapor attinge a um certo valor que varia para cada corpo.

De accôrdo com as theorias modernas, são perfeitamente identicos aos phenomenos chímicos, que vimos de citar, os phenomenos que se passam quando se dissolve uma substancia electrolytica. De facto, quando um corpo susceptivel de soffrer a acção de uma corrente electrica se dissolve, opera-se, de conformidade com a theoria de Arrhenius, no seio do dissolvente, uma verdadeira dissociação, electrolytica: o corpo dissolvido se separa em *ions*, que são atomos, ou grupos de atomos, carregados de uma certa quantidade de electricidade (electron) positiva ou negativa.

Sendo assim, estabelece-se o equilibrio entre o corpo dissolvido e o dissolvente, e entre aquelle e os productos de sua dissociação, resultando dahi a constancia, para uma temperatura dada, da quantidade maxima de substancia que se pôde dissolver, em um certo volume de dissolvente. Augmentando-se, porém, este, uma nova quantidade da substancia se poderá dissolver; tornando o menor, por uma evaporação por exemplo, uma certa porção da substancia dissolvida se precipitará. No primeiro caso diminuir-se-á, no segundo augmentar-se-á, a pressão osmotica da solução.

Parece natural que se possa attribuir o limite da dissociação electrolytica a uma causa identica á que limita a dissociação ordinaria: a uma tensão, que será neste caso a pressão osmotica, e poder-se-ia admittir que, assim como os phenomenos da dissociação ordinaria estão sujeitos a tensão dos vapores ou dos gazes produzidos, assim os phenomenos de dissociação electrolytica, isto é, de dissolução, dependem da pressão osmotica. De facto, observa-se que a introdução em uma solução electrolytica de outro electrolyto tendo um *ion* commum com ella, augmentando a pressão osmotica correspondente a este *ion*, provoca a sahida do systema dos *ions* em excesso; este facto, por sua vez, rompe o equilibrio electrico entre os *ions* restantes e ilimina do systema nova quantidade de *ions* cuja carga electrica será igual em valor absoluto, porém, de signal contrario á dos *ions* que primeiro sahiram. Este desaparecimento de *ions*, da solução, não implica a sua precipitação, porque elles pôdem se unir para formar um corpo electricamente neutro que ficará em dissolução, si isto não destruir o equilibrio existente entre o corpo dissolvido e o dissolvente.

Explica-se por este meio o facto de algumas substancias difficultarem a dissolução de certos corpos, e outras facitarem-n'a. No primeiro caso, a substancia introduzida na solu-

(1) Chama-se assim o equilibrio chimico existente entre uma combinação e uma decomposição.

ção tem um *ion* commum com o corpo dissolvido; no segundo ella modifica alguns dos *ions* existentes, e permite assim a formação de *ions* novos, o que dá logar a um augmento do coeffericiente de solubilidade. E' por isso que o acido chlorhydrico tem a propriedade de produzir a precipitação da solução de certos chloruretos, e cada molecula de chlorureto exige para se precipitar tantas moleculas de acido chlorhydrico quantos são os atomos de chloro que ella possue.

Outras vezes, porém, o acido chlorhydrico augmenta a solubilidade do sal, e obtem-se pelo resfriamento das soluções saturadas, chlorhydratos de chloruretos crystallizados. Neste caso o acido chlorhydrico naturalmente não se dissocia em *ions*, e, quando entra em solução, combina-se se com a agua e o hydrato formado com o chlorureto, ou combina-se directamente com o chlorureto; havendo, em qualquer das hypotheses, uma diminuição dos *ions* chloro, o que, diminuindo a pressão osmotica a elles correspondente, facilita a dissolução de uma nova quantidade de chloruretos.

Explicação identica se dá ao facto dos sales ammoniacaes facilitarem a dissolução do hydrato de magnésio, do hydrato ferroso, etc. Quando se dissolve um destes hydratos, elles se dissociam em *ion* hydroxyla e *ion* metalico; a dissolução de um sal de ammonio produz um *ion* negativo e o *ion* ammonio, que é positivo; este ultimo *ion*, em presença do *ion* hydroxyla, com elle se combina e dá hydrato de ammonio que é pouco dissociavel, e esta combinação retira do systema em equilibrio *ion* hydroxyla, permittindo a dissolução de uma nova quantidade de hydrato. Como este, muitos outros exemplos poderiam ser citados.

Em vista do que acabamos de expôr, parece que podemos concluir que os phenomenos que se produzem nas dissoluções, são verdadeiros phenomenos de equilibrio chimico que estão sujeitos á influencia da pressão osmotica, e que podemos saber previamente si uma substancia augmenta ou diminue a solubilidade de outra. Si ha introdução na solução de *ions* semelhantes aos existentes, a solubilidade é diminuida, porque ha augmento da pressão osmotica correspondente a este *ion*; si ao contrario o corpo introduzido na solução combina-se com algum dos *ions* existentes, de modo a retirar-o do systema, a pressão osmotica é diminuida e a dissociação ionica sendo favorecida ha augmento da solubilidade. Não é portanto de extranhar que a pressão osmotica exerça no phenomeno da dissolução uma influencia tão notavel como a tensão dos vapores na dissociação e na vaporização.

Além disso, podemos tirar uteis insinuações das variações da pressão osmotica de uma solução. Assim é que, muitas vezes, a introdução de uma substancia nova em uma solução, nenhuma mudança apparente ahi produz, e sómente a medida das variações da pressão osmotica poderá nos indicar as modificações effectuadas. Foi assim que Jones, pelas medidas destas variações pôde saber que o a-

cido sulfurico em presença de um grande excesso de agua, fórma dois hydratos, combinando-se com uma e com duas moleculas d'agua, e que o primeiro, nas soluções diluidas, se decompõe parcialmente em agua e acido sulfurico.

ANNIBAL FREITAS.



O desenvolvimento da instrucção elementar em geral e o seu estado na America do Sul

(De THEODORO JAHN)

I.

O ensino primario popular, essa pedra fundamental da instrucção publica, é hoje considerado como uma necessidade social e acha-se inscripto á frente das instituições das nações livres. Tal noção é d'origem relativamente recente, pois data da Revolução francesa. O infeliz sabio Condorcet (+ 1794) a formulou no projecto de reforma da instrucção publica, elaborado na qualidade de membro da Assembléa Legislativa, que governou a França desde 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795. Nenhum dos homens daquelle tempo comprehendeu melhor do que elle a importancia da instrucção como instrumento da liberdade e egualdade proclamadas pela Republica, e a precisão de fazel-as entrar na ordem da realidade e dos factos. Uma constituição livre que não correspondesse á instrucção universal dos cidadãos, diz elle, destruir-se-ia por si mesma, e degeneraria n'uma dessas formas de governo que são as mais proprias para conservar a paz no meio de um povo ignorante e corrupto.

O seu vasto plano era inspirado pelos mais puros sentimentos democraticos, como se vê do seguinte trecho:

„ A instrucção publica é destinada a offerecer a todos os individuos da especie humana os meios de provêr as suas necessidades, de assegurar o bem estar, de conhecer e exercer os seus direitos, de entender e cumprir os seus

deveres; a assegurar a cada um a felicidade de aperfeiçoar a sua industria, de exercer as funcções sociaes, de desenvolver os talentos com que a natureza o dotou. tornando assim real entre os cidadãos a egualdade politica reconhecida pela lei." Aquelle projecto não pôde ser realizado naquella época de grande obstaculo, mas serviu para estabelecer os principios que devem regular a organização da instrucção popular.

Assim „a Convenção” em 30 de maio de 1793 decretou a criação d’uma escola primaria em todos os logares de 400 a 1500 habitantes, destinada a ministrar „os conhecimentos elementares necessarios aos cidadãos para exercerem os seus direitos, cumprir os seus deveres e administrar os seus negocios.” Este decreto foi o primeiro passo importante para a reforma do ensino publico, que em pouco tempo tomou um largo desenvolvimento, e agora chegou a generalizar-se em toda a parte, devido á comprehensão de que o Estado tem dever de pôr certa somma de positivos conhecimentos humanos ao alcance de todas as classes do povo, por meio d’um serviço publico, gratuito, obrigatorio e laical.

Graças a esta concepção moderna modificou-se completamente o aspecto da instrucção primaria. Ao lendario ensino de lêr, escrever e contar, tem-se acrescentado um grande numero de pontos accessorios, como as lições de cousas, os elementos de desenho, de geometria, as noções de historia natural e patria, de geographia, de lingua nacional, de composição, os exercicios gymnasticos, trabalhos manuaes, bibliothecas e museus escolares, o canto e passeios escolares, para constituir um ensino verdadeiramente educador e preparador para as mil exigencias da vida. Ultimamente estes melhoramentos têm attingido uma consideravel ampliação.

Em varios países já foram fundados estabelecimentos auxiliares da instrucção primaria, seja para inicial-a antes do tempo escolar, seja para completal-a depois. Aos primeiros pertencem as escolas maternas e infantis, que a sollicitude de governos previdentes, offerece para amparar os pequenitos filhos de paes des-

providos, e preparal-os para o posterior ensino escolar; os outros comprehendem as escolas industriaes, profissionaes e de trabalhos domesticos, destinadas a aprofundar e applicar os conhecimentos já adquiridos.

Vêmos assim, que a instrucção popular hodierna adeantou-se muito em relação ao passado, os assumptos educativos ligados a ella são tão importantes que fica elevada de servir a uma verdadeira reforma social. Antigamente o ensino tinha por fim unico vasar os futuros *subditos* no mesmo molde, sujeital-os ás idéas dominantes daquelle tempo, para assegurar a sua conservação; hoje pretende-se proporcionar ao individuo os meios de desenvolver bem as suas aptidões para que possa ser bom *cidadão* e intelligente *cooperador* do progresso social. Esta feliz orientação é filha do espirito democratico moderno. Em todas as partes do mundo civilizado, encontramos os vestigios da sua influencia regeneradora.

II.

Na America do Sul ella começou a manifestar-se um pouco tarde. No tempo da dependencia politica as metropoles bem pouco fizeram em favor do ensino popular, apenas toleravam as missões da catechese dos gentios, e algumas aulas de primeiras letras, que entre outras abriram os conventos, donde saiu o maior numero de alumnos com estudos imperfeitos e eivados de um tal ou qual odor de theologia. Foram os jesuitas, desde 1549, os Benedictinos, desde 1587, os Franciscanos, desde 1592, e os Carmelitas, desde 1593, que assim mantinham escolas publicas, em maior numero nas colonias hespanholas. Alli os Filhos de Loyola, sempre protegidos pelo governo de Madrid, conseguiram, em 1609, fazer do Uruguay uma provincia theocratica, obrigando durante 158 annos os indigenas a frequentar escolas de primeiras letras, artes, musica e exercicios militares. Essa cultura forçada, para fins puramente religiosos, não podia vingar, d’ella não restou, como sabemos, signal algum; a mesma sorte tiveram

trabalhos identicos, de missionarios, em outras regiões. Os resultados de taes tentativas forçosamente haviam de ser negativos. Um povo não se adapta a instituições sociaes para que não esteja convenientemente preparado pelo tempo, pelos usos e pelas tendencias, e que, para durarem, carecem de estar enraizados na sua alma. Tanto o governo hespanhol, como o português ambicionavam sómente thesouros e riqueza, e não cuidavam de elevar o nivel intellectual e moral dos seus subditos-colonos. O ensino ministrado em alguns lugares por clerigos, ou leigos, tambem pouco aptos para tal mister, não podia servir para restringir a ignorancia geral, o que contribuiu muito para depois retardar a divulgação daquella instrucção.

Muito tempo após a emancipação dos países sul-americanos, a instrucção popular permaneceu nesse estado baixo. A organização da nova ordem de cousas preocupava ainda tanto os novos governos que não sobrava tempo para combater este atrazo herdado. Encontram-se entretanto, aqui e acolá, indícios, que alguns estadistas reconheceram estes defeitos, e que se empenharam para remedial-os, mas por diversos motivos pouco conseguiram. A's difficuldades naturaes, como a ignorancia e o indifferentismo do grosso povo, e a vastidão dos territorios occupados por uma população pouco densa, associaram-se os frequentes disturbios internos, acompanhados da falta de meios, e impediram durante muito tempo as reformas necessarias. E' preciso levar em consideração todas estas circumstancias para avaliar o grau relativo a que tem chegado o serviço publico de instrucção primaria, hoje existente em todas as republicas da America do Sul.

Pouco antes do principio da segunda metade do seculo passado, manifestaram-se em diversos países sérias tentativas para elevar o ensino publico. Alguns parlamentos concederam maiores verbas para tal fim, fundaram-se escolas normaes para o melhor preparo dos professores, até com o auxilio de elementos extranjeiros (Chile, Argentina), crearam-se novas escolas com melhores

acomodações e provisões modernas, e procurou-se sempre mais corresponder á exigencia democratica das escolas leigas: alguns governos enviaram pessoas competentes á Europa ou America do Norte, para estudarem assumptos pedagogicos, e aproveitaram os conhecimentos adquiridos para remodelar de pouco em pouco os systemas antigos.

Este movimento reformatório perdeu, apesar de ser ás vezes estorvado por graves acontecimentos politicos, como no Chile em 1891, e teve exito satisfactorio na America do Sul. Entre os seus países salientam-se actualmente a Argentina, o Brasil, o Chile e a Republica Oriental, como aquelles que pelo cuidado prestado á instrucção popular obtiveram resultados favoraveis. Para caracterizal-os vou dar os seguintes apontamentos tirados da obra: «Chile em 1908», que Eduardo Poirier dedicou aos membros do 1.º Congresso Pan-americano, em Santiago:

Em 1830 existiam em Santiago 26 escolas elementares com 1,654 alumnos, e em 1843 o governo gastou com esta parte do ensino 30.600 pesos; em 1848 instruam-se no Chile, em 128 escolas, 7,000 creanças, das duzentas mil que deviam frequentar as escolas, e, para tal fim, o Estado só pôde contribuir com 43,000 pesos; em 1855 o numero de taes escolas estadoaes ou particulares subiu a 698 com 31,822 frequentadores, isto é, 11% das creanças de idade escolar; em 1864 existiam 993 escolas elementares com 50,807 alumnos, para os quaes o Estado e os municipios despenderam 334,778 pesos; em 1908 o Estado mantinha 2,214 escolas com a despesa de 14,428,391 pesos, existindo além dessas ainda 600 escolas particulares; a matricula indicava 257.174 creanças de idade escolar, das quaes muitas não frequentavam as escolas.

Para melhor orientação sobre o resultado alcançado por outros estados em 1908, sirva o quadro seguinte, publicado nos «Anales de Instrucción Primaria, tomo VIII, de Montevideo»:

	População geral por 1 km. q	Crianças na idade escolar	Crianças sem ensino	Propor- ção o/o
Uruguay	5,8	218,938	92,901	42,4
Argentina	2,0	1,226,000	655,810	53,4
Chile	4,0	649,855	444,564	68,4
Ecuador	4,2	254,400	184,766	72,6
Paraguay	2,4	126,269	93,368	73,9
Panamá	5,0	83,805	71,499	85,3
Brasil	2,5	4 103,000	3,537,078	86,2
Bolivia	1,3	390,783	342,223	87,5
Perú	2,6	911,910	806,940	88,4
Venezuela	2,8	532,313	494,062	92,8

D'uma outra fonte tirei, em referen-
cia a 1909, que n'aquelle anno o Chile
possuia 2,789 escolas elementares com
261,414 frequentadores, isto é, 46 % de
todas as creanças na idade de 6 a 14
annos; para a Argentina aquelle algaris-
mo importa em 51% com 614,680 alu-
mos e para o Uruguay na mesma porce-
tagem por 95,050 alumnos, e para o
Brasil sómente em 18% por 934,589 a-
lumnos.

O numero das escolas e dos profes-
sores foi o seguinte:

	Escolas	Professores
Brasil . .	12.221	14,059
Argentina .	5,321	18,571
Chile . . .	2,789	4,622
Uruguay .	1,053	2,224

Calculando-se para os países de cul-
tura mais elevada por mil habitantes pe-
lo menos 100 alumnos, resulta para o
Chile o coefficiente de 78,5, ainda mais
satisfactorio é mesmo para o Uruguay
com 87,7, e para a Argentina com 90,3.

Para o Brasil este coefficiente infe-
lizmente é apenas de 30,5, apesar dos
louvaveis esforços feitos neste sentidos
pelo Estado de S. Paulo. Mas seguindo
agora os outros Estados o seu bom
exemplo, é de esperar que o Brasil al-
cance logo um coefficiente mais elevado.
Como vêmos, os resultados geraes da
instrucção popular deste país são ainda
muito insufficientes apesar do movimento
progressivo que fica demonstrado pelos
seguintes dados officiaes:

	Escolas	Alumnos	Proporção	População
1869	3,516	115,735	9,2 ‰	8,417,000
1888	5,890	187,915	15 ‰	13,781,000
1907	11,147	565.922	28 ‰	19,910,000
1909	12,221	634,539	30,6 ‰	20,715,000

Para avaliar os esforços que fez o
nosso Estados para ampliar o ensino
popular, sirvam os seguintes indicações
tiradas das obras «Le Brésil en 1889» e
«Annuario Estatistico de S. Paulo» de
1910. O numero dos visitantes de esco-
las era:

1882	1886
14,186 creanças em 774 escolas	15,689 em 1,034 escolas
1909	1910
80,496	99,203 em 2,456 escolas

A população geral em 1910 era com-
putada em 3,182,000 habitantes com 439,
231 creanças de idade escolar, das quaes,
como vimos, 99,203 frequentavam e-
scolas.

O seguinte quadro mostra as quan-
tias despendidas com toda a instrucção
publica pelo Estado e pelas Camaras
Municipaes:

	DESPESAS	
	Estado	Camaras
1889	993:226\$	
1894	3.217:809\$	46:237\$
1899	5.727:828\$	164:847\$
1907	6.398:206\$	552:000\$
1909	9.817:462\$	611:035\$
1910	10.335:858\$	760:720\$

Quanto ás conclusões a tirar dos
precedentes numeros, que fiquem ao cri-
terio dos leitores !



A fortuna publica e particular e a questão caféeira

Sobre este momentoso assumpto, tivemos a honra, de dirigir ao exmo. sr. dr. Augusto Ramos a carta infra, que estamos certos vai merecer de s. excia. um consciencioso estudo, de que daremos cópia aos nossos leitores no proximo numero da "Revista".

*Exmo. sr. dr. Augusto Ferreira Ramos,
M. D. Socio Correspondente*

Nossa «Revista» cuja orbita de acção é vasta, não se limitando ás questões meramente academicas, mas curando tambem dos problemas vitaes que affectam a todo o pais e ao nosso Estado em particular, vem sujeitar á sua reconhecida competencia e respeitavel criterio uma questão que muito deve preoccupar o governo deste Estado.

Já v. excia. prevê que vamos ferir o ponto mais delicado e importante das finanças do Estado, isto é, a questão da cultura caféeira.

De algum tempo a esta parte, começaram de espalhar-se boatos alarmante sobre a situação do mercado de café. Constituirão taes alarmes os prodromos de uma nova crise caféeira? Que pensa v. excia. a respeito disso, e que poderá haver de verdade em todas essas noticias publicadas em uma circular allemã, relativas a um grande desdobramento que se teria dado, nestes ultimos annos a nossas plantações? Não lhe parece a v. excia. que, por causa do sempre imminente perigo da superprodução, deveriamos ter estatisticas officiaes, dando annualmente cifras exactas e indiscutíveis sobre o augmento de pés de café? Que lhe parecem os desmentidos officiaes, quando não baseados na existencia de taes estatisticas? Poderão elles, porventura, dasfazer na Europa o mau effeito das circulares emittidas innegavelmente com intuitos baixistas? O relatório Ackers sobre a extensão prevista da cultura de café no Archipelago Malaio provocou entre os fazendeiros, como é notorio, um effeito desanimador. Não deveria um tal relatório ser publicado *in extenso*, afim de se poder formar um criterio sobre o valor de taes affirmações? Que idéa v. excia. forma das qualidades de café inferiores („Robusta” e outras) comparadas com a cultura do Caochou, em Java, sob o ponto de vista pecuniario? A que preços se tornaria mais remuneradora alli a cultura caféeira? Certamente terá o sr. Ackers discutido estes pontos, de maior importancia, no seu relatório. Como resultado dessa investigação, teriamos a base para saber os preços reaes que, com a produção actual, nos conservariam a supremacia no mercado.

Vemos, outrosim, que parece haver sido abandonada a questão de regular-se a produção, o que, aliás, fazia parte do programma da

valorização. Não lhe parece tambem a v. excia. que o mau estar do mercado — cuja causa principal se prende, com ou sem razão, ao espantallo da superprodução — só poderá ser efficazmente combatida com uma nova adopção daquella medida? Sim, essa medida, como base, e uma propaganda intelligente e tenaz, como complemento, seriam o baluarte salvador. Não lhe parece, ainda, medida acceitavel, a formação de um forte nucleo agricola a cujo cargo ficaria a propaganda, entre os collegas da classe, de uma associação inteiramente consagrada á defesa de seus interesses? Deveriam, como primeiro passo, decidir os demais collegas, (resolução geral dentro do país, já que se torna inexequivel nos centros agricolas extranjeiros,) a tomarem o compromisso, por um periodo de 10 a 15 annos, de não se aventurarem a novas plantações, isto em forma contractual que garanta a effectividade da medida. Como corollario, solicitar-se-ia tambem dos governos estadoaes a decretação de uma lei, de character provisorio, prohibindo o estabelecimento de novas fazendas de café. Qual a opinião de v. excia. sobre tal medida? Não seria ella, si exequivel, o melhor amparo ao credito do Goveruo neste negocio da valorização, e a mais solida garantia de successo na sua acção de estabilidade? Como é curial, comprehende-se que seria injusto lembrar taes medidas sómente para a zona paulista, porque ir-se-ia animar, sinão incrementar fortemente, o desdobramento dessa cultura em outras regiões nacionaes, como Minas, Espirito Santo, Bahia, Paraná, etc.

Os relevantes serviços que v. excia. tem prestado nesta importantissima obra nacional, estão e estarão presentes á memoria de todo o país, havendo creado entre os brasileiros um movimento de grata estima para com a pessoa de v. ex. Parece-nos, portanto, que o nosso illustre consocio acolherá benevolmente esta solicitação da «Revista», na hora em que a situação mais está requerendo as suas luzes para a solução de um problema financeiro nacional. Com effeito, quem diz grandeza do Brasil, lembra a S. Paulo, e lembrar o Estado de S. Paulo é evocar a sua riqueza, isto é, a sua lavoura de café.

Absolva-nos v. ex. da importunação, emquanto nós aqui aguardamos os primores de sua penna com que illustraremos o proximo numero de nossa «Revista».

De v. ex.
compatricio, em.^o, att., ven.
Raphael Duarte,
redactor da «Revista»

*Illmo. snr. Raphael Duarte, Redactor-Gerente da
Revista do Centro de Sciencias, Letras e
Artes de Campinas.*

Distinctas saudações.

Tenho a satisfacção de accusar o recebimen-

to da apreciada carta de v. s., de 1º do corrente, e agradecer-lhe, penhorado, as bondosas referencias com que me quiz distinguir.

Incomodos de saude, embora leves, fizeram-me demorar esta resposta na qual não posso ainda tratar do assumpto que mais o interessa.

Sobre o relatorio Ackers nada posso ainda dizer, porque não me veio até agora ás mãos, o que espero não se demorará.

Quanto aos outros pontos tratados em sua carta, delles me occuparei em minha proxima comunicação, reconhecendo desde já, com v. s., que é capital a questão ventilada, merecendo, pela universalidade de sua influencia sobre todo o Brasil, os mais incessantes desvêlos por parte dos nossos Estados caféiros e da União.

Justificam-se amplamente os receios dos illustrados consocios sobre as consequencias do que se está passando em S. Paulo e no extrangeiro em relação ao café, e só louvores merece v. s. promovendo o estudo de tão graves questões.

No final do meu modesto relatorio sobre a industria caféira da America Hespanhola, que visitei, suggeri com empenho a creação em S. Paulo de uma Repartição official consagrada exclusivamente ao café.

As peripecias por que temos passado, nos 8 annos decorridos desde então, assim como as incertezas sobre a nossa verdadeira situação caféira actual, em face das ameaças cul'uraes do exterior e da anarchia que está reinando entre as nossas forças productoras, no territorio paulista, vieram demonstrar que não errei ao alvitrar aquella medida.

Funcionasse regularmente agóra, uma Repartição exclusivamente do café, e por certo teriamos hoje dados officiaes, capazes de responder com precisão ao questionario por v. s. formulado, e já, consoante a gravidade do caso, estariam sendo tomadas as neccessarias providencias.

Emquanto não chegarmos a organizar um tal serviço, o remedio é proceder como estão procedendo os dignos consocios: solicitar e divulgar informações, pareceres e alvitres com o pensamento de resguardar esse colossal thesouro nacional que é a industria caféira paulista, chave e principal garantia dos destinos do Brasil.

Fallecem-me os necessarios requisitos para corresponder ao seu honroso appelo, mas não deixarei de externar o que me occorrer. — Com elevado apreço, subscrevo-me

ad.ºr att.º cr.º

AUGUSTO RAMOS.



Estudos de Psychologia e de moral

O trabalho do espirito se manifesta durante a existencia e tambem na vida posterior, a unica que a posteridade reserva aos que sabem conhecer o valor da alma em suas manifestações com o corpo.

Emquanto vivemos, a reputação está para o homem como a celebridade está para o morto.

Uma é o vestuario da existencia, a outra a roupagem da morte.

A immortalidade é uma consequencia da existencia do espirito, ainda que se possa bem comprehender quanto estamos atrasados a respeito dos methodos de avaliar a virtude, as obras, os sentimentos intimos, manifestados no silencio da vida domestica, onde se fortifica o character das creaturas, de cujo valor provém o dos povos.

Todavia as obras primas da arte, como as do saber humano, são impereciveis, e se póde avaliar o merito por ellas, tal como se avalia a temperatura nos termometros.

O humilde e pobre que se eleva pelo genio, até dar ao seu trabalho este traço eternamente immortal das obras primas, escarnecido, desprezado e ludibriado; faz a satira contra o seu tempo e as injustiças, por que estas ficam esquecidas, ao passo que o tempo valoriza os seus eleitos e os trabalhos feitos.

O medico que cura, fazendo da caridade o seu apóstolado, enchendo os corações e os corpos de força e saude, póde morrer esquecido dos poderosos da terra, mas o elo que o prende á vida, não o deixa de todo separado do seu tempo.

Penetrando nos segredos da vida humana, elle bem conhece que quanto mais apparencias, mais hypocrisia e convenções escondem a verdade de que se faz emulo.

Nobre missão; mas é preciso que ella não seja o reflexo das escolas, das theorias, porém só do apóstolado que a caridade e o dever abrigam durante a vida.

Viver é agir em nome da alma que anima o corpo, que precisa de trabalho por ser a melhor partilha que lhe cabe.

Nunca se poderia escrever sobre a alma sem recordar o sentimento que brotou da innocente creança que respondeu a sua mãe quando esta queria saber o que era a alma: «E' o todo das affeições dos sentimentos, de tudo que ha de grande, nobre e elevado no homem», disse a mãe.

A criança de 7 annos ficou pensativa, e respondeu. Já sei mamãe, é com minha alma que eu te amo.

A união da alma e do corpo faz com que nós pensemos que o corpo tem alguma coisa maior do que a alma. Nossa alma, de uma natureza espiritual e incorruptivel, tem um corpo corruptivel ao qual está unida (Bosuet). A alma foi lançada no corpo para nelle fazer sua morada de curta duração (Pascal). E' uma triste condição n'este mundo, que a alma e o corpo sejam tão ligados, de modo que a alma arrasta esta carne da qual soffre todos os azares e misérias pelas quaes responde (Michelet). As feridas do corpo cicatrizam, as da alma ficam sempre incuraveis (Livry). Pela castidade, a alma respira com ar puro nos logares os mais corrompidos, pela continencia ella é forte, em qualquer estado em que se ache o corpo, tem o imperio dos sentidos; é bella pelo seu brilho e sua paz (Jaubert). A alma tem necessidade do olhar do corpo para contemplar o que ella ama, sendo ella mesma um espelho que guarda todas as imagens que recebe (G. Sand).

A paz da alma consiste no desprezo de tudo que a pôde perturbar (Rosseau). O homem só é um ser divino, pela sua alma (Rosseau). E' preciso que os pensamentos nasçam da alma, as palavras do pensamento, e as phrases das palavras (Jaubert). Só Deus crêou nossa alma (Pascal). Deus é a alma da natureza (Custine).

Platão admittia duas almas, uma immortal que se alojava na cabeça, outra perecivel que se alojava no thorax, quando estava irascivel, e no ventre, quando concupiscivel. De 3 modos explicavam os antigos o espiritalismo: Na escola carte-

siana: Harmonia preestabelecida, Theoria das causas finaes e Mediador plastico.

Desde o começo da criação, os sabios procuraram explicar a origem da alma.

As theorias que ficaram na historia se resumem em 3: A preexistencia da alma, A theoria do traducçionismo (Teruliano, Luthero e Leibnitz). A Theologia, que admite que a alma é creada com o corpo de cada creatura.

Os materialistas supprimem a alma, reduzindo-a a funcções de um órgão.

Cabanis assegura que o cerebro é um órgão com funcções destinadas a produzir o espirito, do mesmo modo que o estomago e os intestinos fazem as funcções da digestão, o figado a bilis, as glandulas parotidas e outras, a saliva.

O professor Buchner diz que o pensamento é a resultante de todas as forças reunidas no cerebro, esta resultante não pôde ser vista, é talvez o effeito da electricidade nervosa.

A alma é o que resta, depois que desaparece o pensamento, dizem modernamente os que explicam a união do corpo com ella, podendo servir este modo de vêr aos materialistas, como aos espiritalistas. No modo de pensar de muitos eminentes philosophos, a questão está em materializar ou espiritalizar a idéa, que é a alma mesma.

Como se vê, as bellas phrases não faltam, mas a verdade é que, como disse Chateaubriand, «o homem se empobrece em idéas, á proporção que se enriquece de sentimentos». Todavia, a alma não deixa de existir, o que prova quanto andam errados os que querem reduzir a alma a estes methodos que se pôdem descrever, mas não demonstrar.

Adeantamos algumas considerações tendentes a provar que o espirito, ou alma, é ligado á creatura e permanece immortal; mas aqui devemos especificar os meios pelos quaes se chega ao conhecimento da alma.

A psychologia experimental, que tem no hypnotismo scientifico a base de suas demonstrações, nos ensina que os progressos da sciencia asseguram aos que crêem e tem religião os meios positivos da demonstração, sem mais usarem-se os

methodos especulativos, de theorias preconcebidas.

A causa dos erros provêm das escolas e das theorias, que obrigam os discipulos a seguir a parte especulativa baseada em hypotheses e calculos complicados, mas que não passam de especulação, entendendo-se por esta, o methodo pelo qual se procede, por hypothese, a respeito das idéas preconcebidas das coisas.

A comparação de dois objectos entre si e com os outros, é incontestavelmente o meio racional de se chegar ao conhecimento das coisas.

O nosso planeta pôde-se comparar com outros pela sua extensão material, e sua athmosphera; mas não se conhecendo a perfeição da materia creada nos outros, alguns psychologos têm admittido que a alma que precisa aperfeiçoar-se sempre, não tenha só neste mundo a sua permanencia. A gradação dos seres mostra, quando se compara, que os animaes têm intelligencia e instincto, que este fica terra a terra como inato á conservação dos seres, ao passo que a intelligencia se aperfeiçoa, se educa, se eleva acima do homem, por uma intuição de sua propria grandeza.

Sendo a alma uma força que se engrandece em nós mesmos, pelas virtudes de cada um, e como força dada por Deus, não pôde deixar de agir e de existir immortal.

Esta força une o mundo interno ao exterior, como força intelligente que é, trabalha sciente e conscientemente durante a vida do homem, que lhe serve de séde e scenario para seu aperfeiçoamento.

Com effeito, desde que se conhece o homem e a familia, o povo, a nação, se verificou que a força psychica, é a unica que cresce para tornar imperescivel cada uma das existencias deste povo e nação perante a historia.

Os mais sabios homens da antiguidade volviam a força intelligente dos seus espiritos em procura da perfectibilidade.

A maxima *nosce-te-ipsam*, hontem, hoje, eternamente é o espelho reflector da creatura que se educa.

A intuição é companheira da inspiração, ambas são gradações das qualida-

des do espirito, e manifestações com que ella se eleva acima do homem.

A organização physica do homem, mostra-o em dependencia constante do mundo exterior, sem o qual não vive um só instante. Os limites deste mundo exterior cada vez ficam menos conhecidos, porque as descobertas da sciencia deixam, em cada passo dado para deante, outros limites ignorados. O espirito que vive no corpo, se communica do mesmo modo a este mundo visivel e invisivel, e é o acumulo da virtude e saber, que fazem a grandeza da alma, que paira acima da morte, além e immortal, como os atomos que não se perdem. A sua athmosphera fica outra, quando o corpo morre.

A força que circula no organismo, é perecivel; mas a que parte do Creador, e uniu-a nos corpos não o é. E por isso a força moral cresce sempre com os progressos da sociedade, para impôr a esta a perfectibilidade, que as conveniencias dos homens tanto retardam e evitam.

E' que elles sabem quanto é melhor e mais facil governar e seguir o desconhecido, do que guiar e viver a descoberto e ás claras sob o sol fecundo da verdade, que mostra as miserias humanas, assim como a luz mostra aos olhos os objectos que ella evidencia. Uma tal comodidade gera a hypocrisia.

O cerebro do homem, é um mundo em miniatura. Dos elementos imponderaveis da athmosphera se tirou a electricidade, applicada como força, guiada e interrompida á vontade do homem. Assim será explicado um dia o mechanismo da celula viva, o modo pelo qual ella produz a energia, e esta produz o pensamento, imaginação, crença e immortalidade, que não é outra coisa mais do que o viveiro dos espiritos.

Platão, o sabio Thales, Pitagora, definiam a alma «um principio que se move por si mesmo».

Modernamente se define a electricidade, uma força invisivel que tem a propriedade de imprimir o movimento a si mesma. Esta força é a electricidade, a electricidade é esta força...

Poderão dizer-nos: isso é uma petição de principio. Não, é a prova de que

assim como os corpos solidos, liquidos, gazosos se communicam e transmittem á distancia, com ou sem interrupção desta força, as manifestações de que elles são capazes, assim o espirito se amolda a ficar servindo de elo entre os seres e o Creador de todas as coisas.

Não ha quem estude e procure conhecer a evolução das coisas creadas, que não fique obrigado a ligal-as ao Creador.

Buffon que estudou os animaes, e procurou comprehender a vida organica, admittiu a theoria das moleculas organicas, dotadas de vida, indestructiveis, reversiveis e incorruptiveis. Assim ficou dante-mão defendido das acusações que se poderiam fazer, e que logo Cuvier fez notar, quando disse que as moleculas organicas não poderiam ter resistido á temperatura da epocha em que o globo esteve incandescente.

Assim a marcha da alma no estudo do genero humano, é seguida pelo progresso que ella obriga em uns, mais do que em outros povos, a evoluções pelo aperfeiçoamento, qualidades moraes, principalmente, de que se tornam capazes, quer pelo dominio que exercem sobre a natureza physica do globo, quer porque a situação geographica em que elles vivem permite apressar a educação das almas sob o ponto de vista das suas ligações com elles. As religiões emquanto forem varias no mundo e obedecerem á mesma regra, ficarão adorando e sustentando as forças que ignoramos e ás quaes attribuímos a propria felicidade. Só o tempo mostra os erros de cada seita, ficando cada vez mais evidente que ellas agem á procura da verdade, que é DEUS.

Pela conducta moral as virtudes se elevam, irradiam-se, sahindo do corpo, tal como os vegetaes preciosos que exhalam perfumes de suas folhas e flôres, ricos de alcaloides, que são a alma das plantas.

Ora, nós nunca podemos comparar estas plantas uteis e medicinaes, com cujos alcaloides se operam curas admiraveis, sem pensar na harmoniosa cooperação do reino vegetal com o animal, e nestas observações se póde vêr o elo

que prende umas coisas creadas ás outras, até que o que ellas têm de puro, impercível, possa tambem sair da materia corrosivel, para se consubstanciar em energias que perduram eternamente.

Tindal, o grande chimico inglês, disse: «A vida da planta equivale a um peso que sóbe, a do animal a um peso que desce».

A electricidade existe nos musculos, nos nervos, nos órgãos do animal, como nas cellulas das plantas.

E' a esta sobria combinação dos alcaloides que em doses minimas vão despertar as energias dos órgãos e a do corpo, que se deve o progresso da medicina dosimetrica, da qual o sabio Gabriel Viaud tem sido o mais brilhante historiador.

A natureza intima das forças nas plantas e nos homens vai assim sendo estudada: os mysterios vão desapparecendo, a verdade nos approximando na ordem physica, e ao Creador na ordem moral.

Não está longe o dia em que se reconhecerá que na planta, como na creatura, ha um elemento commum, isto é, uma particula do ether imperecível, agindo sempre para a perfectibilidade dos seres, das especies e da sociedade e familia a que pertencem.

A experiencia de Gabriel Viaud, que vamos aqui traduzir, dá bem a prova da vitalidade electrica que está nas fructas, nas plantas, nos animaes, na natureza emfim, que tem na terra o seu regeneratorio: «Collocam-se 12 melões maduros, isolados em cima de um vidro, associados em bateria, por meio de um fio de platina, cujas extremidades se ligam na parte superior de cada melão com a parte inferior do melão vizinho. Verificar se-á que se produzirá uma corrente electrica bastante forte para tocar uma campainha electrica.»

Quantas vezes, nós temos achado, como uns dos propagandistas que plantaram florestas, admirando-as e vendo que estas arvores, mudas, immoveis, se communicam entre si! Conheço arvores, que fecundam a distancia de muitos kilometros, com o pollen de suas flores as outras da mesma familia. Dirão, são as

abelhas. Mas a natureza que dá aos climas especiaes e montanhosos do Chile algumas especies de pinheiros que só ali vivem, como é que a milhares de leguas, veio tambem apparecer nos Campos de Jordão, na mesma altitude, onde possuo grandes florestas e extensos terrenos, estes mesmos pinheiros do Chile, unicos no Brasil?

Porque razão as altitudes que approximam os climas, fazem germinar as mesmas sementes que, quasi microscopicas, só podiam viver junto das plantas que as produzem! E as sementes do eucaliptus gigante, dos quaes fui o primeiro a fazer bosques, em S. Paulo, tão pequeninas que mal se pôdem vêr a olho nú, como e de que modo crescem tão rapidamente, que formam as maiores arvores que se conhecem!

O segredo da vida da semente, é o segredo da vida do homem, semente de Deus na terra para o adorar e bemdizer, mas que prefere ficar rachitica, como ficou o homem selvagem no meio das selvas da America, preferindo devorarem-se uns aos outros, a cultivarem a crença em DEUS, a obedecerem e viverem em paz. Os Incas sómente porque conceberam a religião do sol, puderam organizar a sociedade estavel. E' evidente que quando a humanidade tiver para sua crença e para sua moral, a do verdadeiro Deus, este voltará ao mundo para dizer o segredo que faz a vida facil e a humanidade feliz. Agora é preciso que a evolução seja lenta, e do indio selvagem ao homem civilizado, a distancia é grande mas a sociedade no meio da qual vive o civilizado, está cercada de duas barreiras immensas: a ignorancia dos que obedecem, e a falta de crença dos que dirigem.

A vida dos seres tem por caracteristicos:

1. A attracção e encrustação, propriedades que servem aos mine-
raes.
2. Intuição — a vida intuitiva é
commum aos vegetaes.
3. A vida instinctiva, que convém
aos animaes de todas as especies.

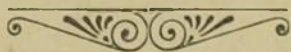
4. A vida intellectual e espiritual, só pertencente ao homem.

Quem não vê que esta faculdade que faz da creatura a imagem do seu Creador, torna o homem dependente d'elle para o perpetuar e adorar?

Emquanto a humanidade, covardemente, fugir da sua missão, os pequenos povos que têm crença e fé, se tornam grandes e a vida só é perturbada nestas nações pela necessidade de guerras, que são a praga da sociedade, com o fim de, pela propria destruição, tornar evidente o objectivo a que ella deve fatalmente submeter-se.

Deus é o resumo das quatro características que indicamos, porque pôdendo ser o homem que o segue, o reflector de sua propria grandeza, prefere viver no erro, destruindo a sua propria missão, e tornando-se pó. *In pulverem reverteris*. Assim, os seres que gozam de suas propriedades e dellas se contentam, formam este mundo admiravel de perfeição, digno do seu Auctor; só o homem não vê o seu proprio destino na terra.

Dr. Domingos Jaguaribe.



Plantas de ornamento



O mercado de flores e plantas ornamentaes cada dia mais se aperfeiçoa e se dilata graças aos modernos processos de cultura, systema racional de embalagem, facilidade e barateza de transporte, com a circumstancia de que os consumidores, verdadeiras legiões em todos os tempos, tende presentemente a augmentar com as exigencias da moda e a infinita variedade de materia prima das regiões tropicaes inexploradas. A regularidade monotona e as côres apagadas das especies classicas, como o — cravo, a — roza, o — jacyntho, etc, já não consultam mais as preferencias da maioria dos consumidores, adeptos incondicionaes do INEDITISMO. Productos antes da arte que da natureza, aquellas espe-

cies foram se despojando aos poucos da individualidade propria e dos escantos primitivos, transformando-se com o tempo em verdadeiros aleijões. Não obstante sua educação cosmopolita e refinada, sua historia gloriosa e secular e a numerosa côrte de adoradores, são actualmente desprezadas em proveito das rusticas e humildes camponezas — *as especies sylvestres*. — Estas com suas côres vivas excitantes e modalidade inteiramente nova vão ampliando os seus dominios, invadindo salões, ganhando proselytos e assimilando cautelosamente a civilização, sem perder comtudo a originalidade e a graça primitiva. Sendo um facto a preferencia que actualmente se observa para as especies rusticas, resta que saibamos tirar partido de algumas. e a flora de S. Paulo, mesmo dos arredores da Capital, é um viveiro inesgottavel; podendo em mãos habéis e pacientes constituir de futuro um mercado elegante e sem concorrente. Em pequenos canteiros previamente adaptados ao HABITAT primitivo, certas especies seriam, quando ainda novas e antes da floração, simplesmente transplantadas e no novo meio submettidas a uma dieta rigorosa e intelligente quanto a natureza do sólo, adubagem, réga, póda, exposição de luz e enxerto, tudo ao ar livre, mas abrigado das correntes de vento, sempre prejudiciaes. Em estufas com temperatura elevada e luz côada tentar-se-hiam outras operações mais delicadas e a multiplicação por semente e por estaca, de modo a conseguir um todo harmonico e pôr em destaque os encantos naturaes. E' exacto que muitas especies não trocam facilmente pelo acanhado canteiro de um jardim a liberdade e o ambiente illimitado das florestas e então degeneram em prejuizo dos orgams mais graciosos. A grande maioria, porém, sendo sensível ao conforto da civilização, que em troca de um horizonte estreito proporciona nutrição abundante e defeza efficaz contra os seus naturaes inimigos, não tardam a tomar um ar de saúde, um pôrte vigoroso e um conjuncto mais esthetico, destacando-se as folhas e as flores pela variedade de matizes, intensidade de brilho e colorido. Para não ir mais longe, citaremos o

IPE', a FLOR DE SÃO JOÃO, a FLOR DA QUARESMA, e a FLOR DOS PASSOS, todas genuinamente nossas e assim denominadas vulgarmente. Todas ellas já são muito vulgares nos parques de São Paulo, principalmente no elegante bairro de Hygienopolis, onde aliás são nativas, e de longa data consagradas pela preferencia das populações do interior, que não dispensam seu concurso nas festas intimas de familia e mesmo nas grandes solemnidades religiosas notadamente na legendaria Procissão do Senhor dos Passos. A FLOR DA QUARESMA é uma arvore de pôrte muito elegante, espalhada em todo o Estado de São Paulo, principalmente em terrenos de matta, frescos e ricos de humus, e que na epoca da floração perde uma parte das folhas e cõbre-se inteiramente de grandes flores brancas e roxas, ora de um colorido vivo, ora mais desmaiado, formando um contraste gracioso com o verde escuro das florestas. A FLOR DOS PASSOS é ao contrario um pequeno arbusto muito irregular, em consequencia das correntes de vento que a todo o momento castigam os serrados e campos desabrigados onde se desenvolve, apesar da extrema pobreza do sólo, am geral secco e de vegetação pouco abundante e rasteira. Esta tem a nossa preferencia, não obstante o pôrte desgracioso, que aliás se pôde corrigir com vantagem e sem grande esforço na segunda ou mesmo na primeira póda. A originalidade desta planta caracteristica observa-se já nas grandes folhas inteiramente cobertas de pêlos ondulados, de um verde avelludado e apenas interrompido pelas nervuras em forma de grossos cordões brancos distribuidos parallelamente na face inferior do limbo. A delicada conformação das folhas só é excedida pela rara belleza de suas flores, pequeninas, mas numerosas, de um roxo violaceo com reflexos metallicos, salpicadas desordenadamente de vermelho, de branco e de purpura, graciosamente distribuidas em abundantes paniculas terminaes, que dão ao todo um destaque incomparavel. Cultivadas até aqui á lei da natureza, sem nenhum cuidado especial, tem estacionado quanto á riqueza de formas e colorido, mas estamos con-

vencidos que sem grande esforço poder-se-ia obter variedades novas, não temendo confronto com as especies exóticas mais estimadas e acclimadas em São Paulo.

As novas variedades com alguns correctivos no pórtre selvagem e a transformação em dobradas das suas flores singellas seriam verdadeiras joias mesmo no seu conjunto, mas principalmente pelas folhas e flores.

A FLOR DOS PASSOS ainda mais susceptivel de uma evolução tomaria um pórtre mais regular e arredondado, constituindo com as suas folhas grandes e flores numerosas uma planta sem igual para centro de canteiro.

Pertencem ambas á familia das MELASTOMACEAS, assim chamadas pela materia corante de seus fructos; de origem americana, com excepção apenas de alguns generos espalhados pelas ilhas da Oceania e as regiões tropicaes do velho mundo; constando de 154 generos e 1800 especies conhecidas.

E' uma familia natural, muito caracteristica, composta de vegetaes de todos os pórtres: arvores, arbustos, sub-arbustos e raramenteervas; muitas usadas em medicina, algumas na tinturaria e outras comestiveis e finalmente quasi todas estimadas como plantas de ornamento. As folhas são simples, inteiras, oppostas, em geral coloridas, cobertas de pêlos e munidas de duas a oito nervuras salientes e parallelas; caule em geral colorido e quadrangular; flores pequenas, numerosas, regulares, de côres variadissimas e diversamente dispostas; fructos pequenos, ora bagas, ora drupas e ás vezes capsulas contendo numerosas sementes muito pequenas.

Os generos CENTRADENIA, PLEROMA e MEDINILLA são os mais conhecidos e cultivados na Europa e em toda a America, com especialidade na do Norte, onde se encontram seus maiores admiradores. As especies mais queridas do genero CENTRADENIA são a «Floribunda» e a «Grandefolia», a primeira originaria dos bosques de Guatemala e a ultima do Mexico, ambas cultivadas nos principaes jardins do mundo em estufas e mais raramente ao ar livre.

Esta preferencia se justifica não tanto pelas flores, aliás bellissimas, mas pelo caule e principalmente pelas folhas aveludadas, de grandes dimensões, coloridas de verde negro na face superior do limbo e de purpura viva na face inferior. O genero PLEROMA possui numerosas especies de origem brasileira, destacando-se dentre ellas pela elegancia do pórtre, a «Macranthum» de Santa Catharina, com suas flores muito grandes (14 a 16 cm de diametro), de um azul violaceo realçado pelo negro das anthéras; a «Fontanesianum» arbusto de ramificações tetragronaes, folhas coloridas e grandes flores côr de purpura. E' porém no genero MEDINILLA, constituido de especies quasi todas exóticas, espalhadas em Java e nas Molucas, onde se encontra a mais bella e a mais estimada de todas as MELASTOMACEAS, a «M. Magnifica». E' um arbusto de 1,50 m de altura, caule carnoso de côr verde, folhas grandes e flores côr de roza pallida, dispostas em paniculas muito compridas e guardadas de grandes bractees da mesma côr, destacando-se as anthéras de côr violacea.

C. Buarque de Hollanda



No Paraguay

(1865)

SUMMARIO : — O Imperador D. Pedro II e o ministro da Guerra no acampamento — Episodios e narrativos interessantes — Contra o bombardeamento de Uruguayana.

Do importante *diario* escripto durante muitos annos pelo eminente brasileiro dr. André Rebouças, que, conforme é sabido, marchava para a campanha do Paraguay, como engenheiro militar, vamos trasladar para a *Revista* do Centro de Sciencias, Letras e Artes os interessantissimos trechos que se seguem.

Referem-se ao periodo do cerco de Uruguayana e da rendição, mostrando o saudoso espirito de André Rebouças a sua justa indignação de envolta com os mais alevantados sentimentos patrioticos

e altruisticos contra o plano de se bombardear uma cidade brasileira, nas condições de penuria em que se achavam os sitiados. Nobilissimo character! Bem haja a sua memoria.

As descripções que transcrevemos para a *Revista*, não pôdem ser inseridas todas no presente numero, por sua extensão, com quanto abranjam ellas um espaço de tempo muito pequeno, em relação ao que se encontra descripto no reterido *diario* sobre tão transcendente assumpto, que se prende ao interesse da nossa Patria.

Tratando-se de um trabalho inedito e de tanto valor, sob todos os pontos de vista, é dispensavel qualquer outra referencia de nossa parte a esta pagina preciosa, que constitue valioso elemento para a historia deste país.

Leopoldo Amaral.

No acampamento

11 de setembro — 1865 — segunda feira. Noite de lestada e chuviscos — manhã humida.

A's sete e meia horas da manhã, o ministro da Guerra, Ferraz, depois de ter mandado avisar ao almirante Tamandaré que mandasse esperar o «Era» ou «Tamandahy» para levar officios importantes para o general Osorio e ministro Octaviano, o Barão de Porto Alegre, os officiaes de gabinete e o respectivo Estadomaior sahiram ao encontro do Imperador, que pernoitára na Casa Branca, a quatro leguas do acampamento.

A's dez horas salvava a artilharia; o Imperador acabava de apear-se na charcara do Couto, para visitar o hospital estabelecido nesta, uma das poucas casas dos arredores de Uruguayana, que o exercito alliado deixou em pé.

Informou-me o capitão Amaral que o Imperador, na luta com os ministros, que não o queriam deixar partir, cortou a discussão dizendo: — «Resta-me ainda um recurso pela Constituição: abdicar e ir para o Rio Grande do Sul como voluntario da Patria».

Na noite de 24 de agosto, que a gente da comitiva denominou a «Saint Barthe-

lemy dos Cavallos» (morreram uns quarenta) o Imperador cobriu com o seu capote um soldado que estava a ponto de cahir enregelado.

No dia 25. recolheu á sua carretilha o seu criado Pat. Paiva, que gemia em baixo, tiritando de frio. Todas as pessoas da comitiva vinham enthusiasmadas com a simplicidade, energia e actividade do Imperador, que dormia quasi sempre na barraca, «para experimentar os mesmos soffrimentos que os meus soldados». O duque de Saxe tem mais sympathias na comitiva que o conde d'Eu, pela sua affabilidade e inteira indifferença aos negocios politicos.

Em S. Gabriel e em algumas outras cidades fez-se verdadeira ovação ao Imperador: pela guerra, porém, havia uma frieza geral. O ministro Ferraz tem resistido energicamente aos impecilhos que de todas as partes mandavam para não partir para a guerra!!

A's 11 horas da manhã chegou o Imperador á barraca, de ganga azul forrada de chita roxa, onde eu jantara hontem com o ministro Ferraz. Os presidentes Mitre e Flores e o almirante Tamandaré vinham já no seguinte; os presidentes apertaram a mão ao Imperador que, de muito longe, principiara a chamar com o maior affecto pelo Tamandaré. O presidente Mitre estava fardado como de costume; Flores fardára-se pela primeira vez, nesta campanha; vinha comtudo envolvido no seu sobretudo preto e com o seu inseparavel cão.

O Imperador e os principes trajavam sobre-casacos militares, chapéus de feltro, preto, com o tópe nacional, traziam a ordem do Cruzeiro, espada, botas por fóra das calças, de couro da Russia, grandes ponchos, o do Imperador com a gola bordada a ouro e grandes arabescos de cadarço de seda preto. Os cavallos estavam arreados á riograndense e com prateados.

O Imperador estava animadissimo; bem que continue a envelhecer a olhos vistos, como desde o conflicto. Os principes mostraram uma alegria verdadeiramente juvenil.

Foi uma scena grandiosa a chegada de uma tão illustre cavalgata.

A manhã chuvosa e humida até então, esclareceu-se: dir-se-ia que o sol não quisera também faltar naquella reunião de tudo o que mais illustre havia na America do Sul ao oriente dos Andes!

O Imperador com a sua grande figura, dirigindo-se magestosamente a seus subditos, a Mitre, a Flores, a Paunero, a Mazarinos e a todos os que o cercavam, parecia dizer-lhe: confessai que eu sou realmente o primeiro cidadão da America do Sul.

O presidente Mitre parecia em verdade esmagado: cuidava vir dominar no Rio Grande do Sul em frente a Uruguayana, como dominava no Gualeduaycito. Recusou, como o general Flores o convidou para almoçar com o Imperador, (bem parco almoço na verdade: carne assada, arroz, chá e biscoito, nem pão havia!) E foi-se, fazendo-me lembrar a fabula da raposa.

Ao approximar-me para beijar-lhe a mão, saudou-me em voz alta pelo meu nome: quizeram que a emoção e os circumstantes não me impedissem de dizer-lhe: — Agradeço como brasileiro de coração, a V. Magestade Imperial, o ter vindo até aqui. Vossa Magestade acaba de salvar a dignidade do Brasil, a provincia do Rio Grande do Sul e a vida de cinco mil homens, que teriam talvez de perecer no ataque de Uruguayana.

Fui depois saudar o dr Meirelles, meu tio de amizade, que acompanha o Imperador, apesar dos soffrimentos chronicos da maior importancia que o perseguem. Abraçamo-nos, derramando lagrimas: choravamos ao mesmo tempo minha boa mãe e as misérias da nossa cara Patria!

Antes da chegada do Barão de Porto Alegre, passou fome o exercito brasileiro; ainda actualmente ha grande escassés de generos alimenticios; faltam armas, calçado etc. Dia houve em que o proprio Barão só teve a carne ás oito horas da noite.

Chamou-me de parte o Barão de Porto Alegre e contou-me que tendo ouvido ler pelo Ferraz a minha carta sobre o bombardeamento de Uruguayana e que tinha tido o praser de achar as idéas ali expostas de accôrdo com as suas; que

Flores mostrara na conferencia que com elle tivera uma extraordinaria sanha em bombardear Uruguayana, dizendo até que elle não pozera duvida alguma no bombardeamento de Paysandú. (Em parallelo!)

O ministro Ferraz conversava ao mesmo tempo com o conde d'Eu; chamou-me para saber que artilharia possuia o exercito alliado. Travei assim conversação com o conde d'Eu, notando a familiaridade com que fallava, tratando-me por — Você — e persistindo em fallar em portuguez quando lhe dava as explicações em francez.

Informou-se das minhas habilitações scientificas, e examinou com cuidado as Estampas do *Siege of Fort Relacki* (que trazia na mão encobrendo o projecto de guerra que ia entregar ao Imperador) pedindo-me a traducção das palavras inglezas que ignorava.

A uma hora da tarde estando o Imperador só (a mór parte do dia passou conversando na maior intimidade com o almirante, com dois amigos que ha muito não se viam) approximei-me e entreguei-lhe a Memoria, cujo titulo leu, mettendo-a depois num dos bolsos do sobretudo com que estava então coberto; disse-lhe que o ministro Ferraz tinha tambem um outro escripto meu sobre o sitio de Uruguayana, que devia dar-lhe para ler.

O ministro Ferraz e o Barão de Porto Alegre fôram pelas tres horas pagar a visita aos generaes Paunero, Flores e Mitre. O Ferraz, ao partir, disse-me que o esperasse, que tinha muito a conversar commigo.

A's tres da tarde o ceu estava de novo encoberto e ameaçador; relampejava fortemente.

O Imperador estava desde muito á espera do ministro Ferraz para ir visitar o acampamento. Chamou-me e perguntou-me se eu podia guial-o na sua visita pelo acampamento. Respon-di-lhe que alli chegára na vespera á noite e que só conhecia os acampamentos dos exercitos de Flores e Paunero, pelos quaes tinha passado.

Mandou-me chamar, então, o engenheiro Enéas Galvão e foi com elle, dis-

pensando o piquete e acompanhado apenas dos príncipes, do dr. Meirelles e de mais umas dez pessoas do seu Estado maior.

Relampejou fortemente no momento de montar o Imperador.

Recolhi-me á barraca em que jantava o Imperador e ali fiquei a esperar o ministro Ferraz.

Li no *Diario do Rio Grande do Sul*, de 14 a 15 de agosto, uma carta de Sant' Anna, de 3, que o redactor recommenda como fidedigna, na qual vem:

«Uruguayana está bem fortificada e prompta a resistir; a gente que está dentro acha-se muito moralisada» (!)

A's quatro horas da tarde desabou o temporal com cerração, chuva de pedras, aguaceiro abundantissimo, relampagos e trovões medonhos. A barraca do Barão de Porto Alegre foi logo ao chão; para que não acontecesse o mesmo á em que me achava, foi preciso sentar-me sobre a mesinha (4 palmos sobre dois e meio de largura) em que almoçara o Imperador e segurar com ambas as mãos o poste mais exposto da barraca, cujos tornos não se podiam aguentar na delgada camada da terra, que ahi cobre o gris cinzento, rocha que fórma o nucleo das collinas ao N. E. da Uruguayana.

Os officiaes de cavallaria da 2.^a divisão, que tinham vindo cumprimentar o Imperador, e que o estavam esperando, resistiram, montados, á chuva de pedras e ao extraordinario aguaceiro, que a acompanhou.

O Imperador recolheu-se ao seu abarracamento, que tinham collocado ao S. do do Barão de Porto Alegre, a umas 1.500 braças d'elle, perto da chacara do Couto, pelas 5 horas da tarde.

Os sitiados mandaram pedir permissão para sairem as mulheres e os estrangeiros, o que lhes foi permittido. Corre que os chefes tentam evadir-se com o auxilio de umas canoas que têm guardadas na cidade.

A's dez da noite chegaram, afinal, o Ferraz e o Barão de Porto Alegre e seguiram logo para o abarracamento do Imperador, que escrevêra um bilhetinho ao Ferraz, mandando-lhe perguntar se, effectivamente, tinham saído de Uruguayana

na as familias e os negociantes estrangeiros.

O Ferraz e o Barão de Porto Alegre jantaram a bordo do «Onze de Junho» com o general Mitre. Fizeram no «Taquary» um reconhecimento a Uruguayana. O «Onze de Junho», com o temporal, quasi que foi de encontro á barranca.

Sairam de bordo ás sete da noite, separaram-se da sua comitiva e foram quasi até o arroio Salço, em que ficam as nossas vedetas e as dos paraguayos, e vagaram assim durante quasi tres horas. As ordenanças só chegaram ao acampamento no dia seguinte.

O batalhão Santaferino chegou ás quatro da tarde ao «União» e desembarcou logo para se ir reunir á divisão Paceveso. As familias estrangeiras, saíram ao anoitecer coadjuvadas pelo tenente coronel Segefredo; preveniram que os paraguayos intentavam uma surpresa; o que fez durmir sobre as armas ao Imperador e a toda a sua côrte.

O chefe paraguayos que conduzia as mulheres disse que intencionava evadir-se no dia seguinte com seu irmão e que não o fazia naquella occasião para se não comprometter.

12 de setembro, terça feira. — Noite medonha, houve nada menos de cinco trovoadas, acompanhadas de grandes aguaceiros. Passei-a quasi toda em claro, ora deitado, ora sentado na mesinha, em que almoçara o Imperador ao chegar.

O capitão Amaral dormio ao lado, deitado sobre umas canastras do ministro; o João Pereira, criado do Ferraz, sobre um couro do outro lado. Accendi luz pela madrugada, e fallei ao capitão Amaral que prevenisse ao ministro Ferraz para que não fossem preteridos o Fausto, por mim, e o dr. Carvalho, pelo major Rufino Eneas Galvão.

Redigi para o collega Fausto, que me mostrara frieza na vespera, a seguinte carta:

Uruguayana, 12 setembro de 1865.

Meu caro amigo,

Acabo de prevenir o capitão Amaral para ter sempre na lembrança do ministro da Guerra que V. tem mais antigui-

dade e mais merecimento do que eu, que desejo, alem disto, abandonar a vida militar, logo que se terminar esta guerra, afim de que, quaesquer que sejam os meus serviços durante o sitio de Uruguayana, não commetta a injustiça de preteril-o.

O que me trouxe á Uruguayana foi a vehemente necessidade de communicar ao Imperador e ao Miuistro da Guerra algumas idéas, no intuito de tirar um pouco de lama que alguns mãos brasileiros e nossos famosos alliados, ainda mais do que os paraguayos, têm lançado e querem continuar a lançar sobre o pavilhão brasileiro.

Faça-me, pois, justiça e creia-me sempre amig. obr.

André Rebouças.

Deu-se a coincidência do que a 25 de agosto, annos do marquez de Caxias (que parece muito doente e inteiramente estranho aos movimentos bellicosos) passou elle, por causa de um temporal, sem comer. O ministro Ferraz faz annos hoje e foi só pelas 8 1/2 horas da manhã que pôde-se-lhe dar a beber numa guampa (vaso feito de chifre com prateados) um pouco de café.

Pelas 8 horas da manhã o ministro Ferraz chamou-me para a sua carritilha, onde já estava o capitão Amaral. Expliquei-lhe o melhor systema a seguir para mandar vir da Federação e do Salto os objectos de que mais urgentemente necessitava o exercito. O Ferraz dirigiu então o seguinte officio ao general Ozorio :

«Acampamento em frente a Uruguayana 12 de setembro de 1865. S. M. o Imperador chegou a este acampamento ás dez horas da manhã de hontem, com boa saude, tendo-lhe eu precedido de um dia.

E' deploravel o estado dos nossos hospitaes que não têm roupa, colchões, utensilios etc. Parte da gente de cavallaria sem espadas nem clavinas. O typho reina. As enchentes dos rios e a fraqueza dos bois têm demorado o transporte de todo o material que tenho em marcha.

Neste estado acabo de ordenar ao encarregado do Deposito do Salto (o Ferraz ignorava completamente a existencia de tal deposito e estar á testa delle o

capitão Amaral, do Maranhão) a remessa de certa quantidade de objectos para Constituição, para dahi serem transportados para aqui; mas este serviço não poderá ser inteiramente satisfeito sem que V. S. lhe dê impulso e o recommendo muito instantemente, afim de que seja feito com a maior celeridade.

As nossas forças se acham possuidas de verdadeiro enthusiasmo, e o inimigo, comquanto ainda disponha de alguns recursos e sustente a posição em que se se acha, não tem comtudo, até hoje, feito movimento algum. E' mister tudo enviar para desalojar-o.

Conseguido isto, nossas forças, no momento em que fôr necessario, passarão a reunir-se ao exercito sob o commando de V. S. no numero que fôr necessario. Deus guarde a V. S. etc.».

Pelas 9 horas da manhã o Imperador, que passára a noite enregelado, escreveu um bilhete a lapis ao Ferraz, mandando-o desprevenir ao Flores e ao Mitre da visita, que lhes tinha sido annunciada. Aconselhei tambem ao ministro Ferraz que officiasse ao consul Pereira Pinto para que mandasse da Federação, dos objectos necessarios ao exercito, os que existiam ahi á venda, dos quaes fiz uma lista immediatamente, extractando-a dos Pedidos que acabava de entregar ao Barão de Porto Alegre. O Ferraz, admirando o meu expediente, disse para o capitão Amaral :

— «Homem, é preciso addirmos este Rebouças á nossa secretaria». — Contanto que eu não deixe de ir para o Paraná com o Tamandaré. Sem duvida, respondeu elle».

O ministro Ferraz officiou depois ao Octaviano fazendo-lhe ver que, estando a tropa nua, sem soldo a cinco mezes, sem hospital com os doentes pelo chão etc. via-se obrigado a autorisal-o a tomar 500:000\$000 emprestados por qualquer operação bancaria que podesse effectuar, para mandal-os immediatamente, bem como fardamento, calçado, armamento e tudo mais que podesse obter.

Officiou-se tambem ao capitão de Estado-maior Amaral, director do hospital do Salto e ao major Barbosa, director do hospital para enviar o que lá tivesse

de sobresalente. Com a sua propria letra, ao assignar, o ministro Ferraz ordenou ao consul Pereira Pinto para enviar o material de sapa que eu havia encomendado.

E queriam assaltar Uruguyana ao chegar o Imperador, como se fosse uma corrida de touros em sua honra! Com um exercito nú, sem material de sapa, sem ambulancias, sem padiolas, com muito poucos medicos etc.!!

Pelas 9 3/4 mandou o Imperador a sua correspondencia e a dos Principes para seguirem para o Rio de Janeiro, por Buenos Ayres. O ministro Ferraz só teve tempo de escrever ao Saraiva, pedindo que communicasse ao ministro da Fazenda a resolução que tomára sobre o emprestimo a qualquer preço.

A seu pedido o official de gabinete, Antonio Carlos, que não saíra da sua carretilha e que não interviera em todas estas providencias (felizmente, quando não, teria, como de costume, uma objecção para cada idéa que eu propusesse) escreveu tambem uma cartinha ao consul Pereira Pinto, pedindo-lhe que enviasse para o Ferraz um fornecimento de vinhos e bolachas. Eu e a comitiva do ministro, desde a vespera, passavamos fome; tendo ficado na rectaguarda as carretilhas, que traziam os restos da viagem. O Barão de Porto Alegre só tinha para offerecer-nos carne e farinha e, assim mesmo, em quantidade muito diminuta.

Nesta manhã almoçámos pelas onze horas eu, o capitão João Pedro de Almeida e o coronel Alencastro, ex-presidente do Matto Grosso, uma chicara de café, que tomavamos aos goles alternadamente, uns pedaços de chocolate e uns biscoutos, que havia de resto em uma lata.

Pelas duas da tarde, estando ainda a choviscar, appareceu-nos, inesperadamente, o Imperador, a pé com os principes e entrou na barraca em que eu estava, onde ficou a conferenciar com o Ferraz e depois de ter ordenado que mandassem para alli o seu abarracamento. Apenas tive tempo de fechar-me na carretilha do Ferraz, onde escrevi a carta para o collega Fausto, enquanto o Imperador conferenciava com o seu ministro, talvez a tres passos de mim.

Depois da conferencia (3 horas) deram o almoço ao Imperador, que elle comeu sobre a mesinha, em que eu passára a noite. Entreguei em mão a carta ao collega Fausto, e inutilizei as que tinha feito para o ministro Ferraz e o seu official de gabinete Antonio Carlos. Entreguei ao ministro a nota das Lembranças.

O Barão de Porto Alegre entregou-me tres negociantes hespanhoes, dos que haviam sahido na vespera de Uruguayana, para levar-os ao almirante Tamandaré: tinham a protestar para que não fossem saqueadas as suas casas de negocio, que tinham confiado inventariadas ao commandante Estigarribia, dos paraguayos, no assalto á cidade.

Despedi-me do dr. Meirelles, que tendo cahido ao entrar em sua carretilha estava de cama. Beijei a mão ao Imperador, que perguntou pela minha saude, naturalmente por me achar muito rouco. Disse-lhe que passára muito mal como todos. Tinha, na verdade, me constipado quando redigia os officios para o Ferraz com metade de corpo dentro da carretilha e os pés á chuva.

A's tres e meia da tarde, puz-me a caminho para o Porto com quatro soldados de cavallaria e os tres negociantes hespanhões que, segundo ordens do ministro da guerra, devem ficar a bordo até e rendição da cidade. Quando cheguei ás cinco horas da tarde a bordo, estava tão debilitado pelas vigílias e pelos jejuns dos dias antecedentes que escoreguei tres vezes, cahindo, em risco de quebrar a perna na ultima vez, e com um terrivel ataque de garganta, o mais perigoso de meus padecimentos chronicos.!

Entreguei os tres negociantes ao almirante Tamandaré e, ainda á noite, mal podendo ter os olhos abertos, cortei, ajudado por um marinheiro e o enfermeiro numa peça de lona de 36 jardas, mais quatorze padiolas para o exercito.

13 de setembro — quarta feira — Noite toda de chuva, trovões e relampagos. Manhã de chuva e cerração até o meio dia. A's onze horas da manhã chovendo ainda, chegou a bordo S. M. o Imperador, acompanhado do general Flo-

res, que lhe disse ser muito seu amigo, de Paunero, do ministro da guerra, capitão Amaral, Barão de Porto Alegre, Caxias etc.

Almoçou o Imperador com os presidentes Mitre e Flores e os principes, e foi depois, no «Taquary», dar um passeio pelo Uruguay abaixo, passando imprudentemente muito perto de Uruguayana.

Muito constipado ainda, não sahi do camarote em que o tenente Silveira da Motta tem a sua secretaria e onde havia passado a noite. Veio ahi visitar-me o capitão Amaral, a quem expliquei, sobre a carta de Mousig, que me emprestara o presidente Mitre, o meu plano de guerra para a campanha do Paraná.

O ministro Ferraz foi á Restauração visitar o hospital dos feridos no combate de Jatahy. O Imperador respeitou o principio constitucional de não pisar territorio estrangeiro.

Escrevi sobre um cartão de visita, para dar a ler ao ministro Ferraz: — «V. Exa. terá a bondade de fazer ver a S. M. Imperial que o almirante Tamandaré cuja familia passa mezes que delle nada recebe (soube deste particular pelo Joaquim Lisboa, um dos filhos do almirante que inconvenientemente o disse á vista do secretario do Mitre — J. M. Lafuente) sustenta ha mais de oito dias e terá de fazel-o, talvez durante uns vinte, ao presidente Mitre e a seu Estado-maior em numero de mais de quinze pessoas.

Ao terminar esta guerra deverá o parlamento brasileiro votar ao Heroe da campanha actual uma pensão vitalicia, nunca menos de doze contos de réis.

Senti não ter tido occasião de explicar a V. Exa. o plano de guerra sobre a carta, que me emprestou o general Mitre».

Escrevi tambem uma carta a meu bom Pae, dando-lhe parte dos ultimos acontecimentos.

O Imperador, de volta do seu passeio, visitou os Zuavos, commandados pelo tenente Augusto Netto de Mendonça e que ha cinco annos fazia a navegação de Uruguayana a Itaquy, por empreza de Rodrigues Chaves f.^o

Quiz retirar-se ás quatro da tarde: o ministro Ferraz só chegou da Restauração ás cinco, e o Imperador jantou a bordo

e foi-se somente ás sete e meia da noite, acompanhando-o no escaler, sentados á sua direita e á sua esquerda, os presidentes Mitre e Flores.

Fechei o bilhete, que escrevêra para o ministro e dei-o a um dos seus ajudantes de ordens; pedi ao commandante Amaral que reiterasse junto ao ministro o pedido que nelle lhe fazia.

Disse-me o Barão do Porto Alegre que o general Mitre recebera, pelas cinco horas da tarde, uma mensagem dos sitiados pedindo-lhe que lhes propuzesse condições mais honrosas que as apresentadas pelo Barão de Porto Alegre, ao que o general Mitre não accedeu. As condições, propostas pelo Barão do Porto Alegre, eram as do costume: sahissem os officiaes com suas espadas e teriam plena liberdade de ir escolher a sua residencia; ficarem os soldados prisioneiros, poupando-se-lhes as vidas, etc., etc.

Mitre accrescentou á resposta que estas mesmas condições lhes seriam negadas, logo que os exercitos alliados se tivessem posto em movimento para o assalto.

14 de setembro, quinta feira. — Noite estrellada e sem vento; pouco fria, manhã de cerração, clareando pelas oito horas. Vento sul ou pampeiro, do meio dia em diante.

O general Mitre e o seu estado maior retiraram-se logo depois do almoço, acompanhados pelo almirante e pelo coronel Magarinos que os viera buscar. Mandeí continuar a costurar as padiolas, tanto para o exercito como para a armada, tendo estado este trabalho interrompido depois da chegada do Imperador.

Tirei uma copia da planta de batalha do Riachuelo. Fiz um breve estudo sobre este combate em que, como em Paysandú, em Jatahy e em toda a parte ficou bem patente a falta de conhecimentos tacticos dos nossos chefes.

Disseram-me ter o Imperador e o general Mitre feito um reconhecimento a cavallo, de Uruguayana.

A's seis da tarde chegou a bordo um padeiro francez, que sahira de Uruguaya-

na, trazendo uma grande sacola cheia de prata (mal podia carregar-a ; tinha para mais de um conto de reis em bolivianos e toda a sorte de moedas velhas de prata) producto de vendas de bolachas e farinha de trigo que fizera aos paraguayos e um *vale*, que me mostrou, para receber o restante (uns quatro contos de réis) do *Supremo Gobierno*, assignado pelo chefe Antonio Estigarriba.

Como os tres que eu trouxe, ficou a bordo, alojado em praça d'armas e comendo na mesma meza que os officiaes!! E ha ainda, meu bom Deus, quem seja inimigo dos brasileiros?!

15 de setembro, sexta feira. — Noite muito fria, pampeiro violento de emba-lançar o *Doze de Junho*, como se estivesse no alto mar e de fazer garrar um oscaler, que ficára amarrado á pôpa. Manhã fria, humida e de cerração. continuando a reinar o pampeiro, porem com menos violencia que durante a noite. Pela madrugada levei a reflectir sobre a redacção da seguinte

MEMORIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BOMBARDEAMENTO E O ASSALTO DE URUGUAYANA PELO ENGENHEIRO ANDRÉ REBOUÇAS

1865, 15 setembro. — Foi a oito de fevereiro do corrente anno, que tive a honra de apresentar a V. M. I. a primeira Memoria sobre a guerra actual — o projecto de invasão do Paraguay pela provincia do Paraná.

Desde oito de fevereiro até vinte um de maio, dia em que parti do Rio de Janeiro para o exercito, occupei-me quasi exclusivamente em estudar esta campanha, sujeitando á apreciação do G. I. o resultado destes estudos em diversas Memorias.

Do 1. de junho até hoje, tenho no exercito e actualmente na expedição fluvial para a restauração de Uruguayana continuado a estudar praticamente e no proprio theatro de sua acção esta singular guerra.

Assim, pois, posso affirmar que nunca questão alguma foi por mim estudada

tão acurada e profundamente. E' por isso e porque tem sido infelizmente excedido com os mais fataes resultados tudo o que havia previsto, escrevendo sobre esta campanha, que me animo a apresentar ainda algumas considerações a respeito :

I. Resultará gloria militar ao exercito brasileiro de, nas circumstancias actuaes, bombardear e tomar de assalto Uruguayana?

Por causas e por circumstancias que seria triste e inoportuno enumerar aqui, os paraguayos occuparam uma primeira vez Uruguayana, abandonaram-n'a para proseguir na invasão, ameaçando o Salto e toda a fronteira septentrional da Republica de Uruguay e voltaram de novo a occupar essa cidade, onde se conservaram desde oito de agosto, isto é, ha trinta e oito dias.

Todos os evadidos de Uruguayana estão de accôrdo em que os sitiados se acham na maior penuria de generos alimenticios ; que ha muitos dias que a tropa se alimenta de carne de cavallos e que lhes resta muito pouca farinha.

E', pois, evidente que em poucos dias voltará infallivelmente esta cidade ao nosso poder sem se derramar uma só gota de sangue brasileiro ; sem que fiquemos devendo para todo o sempre aos nossos alliados o sacrificio que não deixarão de nos lançar em rosto a todo o momento, de terem derramado o seu sangue para restaurar uma cidade brasileira do poder de um punhado de paraguayos esfaimados, armados de obsoletos fusis de pederneiras e com um sexto do numero de canhões dos siti-antes.

De combater e vencer o inimigo em taes condições, é intuitivo, não pôde resultar gloria alguma ; é ir dizimar a nossa infantaria, que tantos sacrificios tem custado á Nação brasileira, e de que tanto precisaremos nos sitios de Corrientes, de Humaitá e, talvez, mesmo de Assumpção, tão sómente para satisfazer á vaidade e á sede de sangue de muitos que, talvez, não souberam portar-se com verdadeira bravura, quando disso dependia o livrar-se a sua Patria

da indelevel mancha de ter sido invadida por um inimigo cujo pessoal e cujo material cauzam até irrisão!

Na provincia de Corrientes, combatendo em campo raso, em Humaitá e em Assumpção, sitiando e assaltando cidades fortificadas e defendidas por exercitos numerosos, não faltaram aos nossos soldados occasião para se cobrirem de verdadeira gloria militar; mas na Uruguayana, não, mil vezes não; não ha gloria alguma a adquirir, quiçá sómente desar! sim!

II. Convém aos interesses brasileiros o bombardeamento de Uruguayana?

Uruguayana, a cidade mais importante do alto Paraguay, a sua rainha, como elegantemente diz o consul Pereira Pinto, que desde 1859 se exforça por estabelecer aqui a navegação regular a vapor, era (e espero que continuará a ser) o emporio de seu commercio assás vasto que se fazia pela maior parte por contrabando, em virtude da tarifa restrictiva que, desgraçadamente, ainda rege as alfandegas do Brasil, uma das maiores causas que têm retardado a sua marcha no caminho do progresso (1).

O commercio, que os empregados da alfandega podiam inspecionar, excedeu, apesar de tudo, em alguns annos, de 400 a 500 contos de reis.

Bombardear, assaltar e saquear (infelizmente o saque acompanha fatal e infallivelmente o assalto) os edificios de Uruguayana que os paraguayos ainda conservam, é querer anniquillal-a para sempre, obrigando o commercio do alto Uruguay a dirigir-se para a sua rival — Restauração — que lhe fica fronteira e para Constituição ou qualquer outro povoado da Republica Oriental, situada acima do Salto Grande.

Infelizmente, pois, nesta occasião, como em quasi todas as outras, que se têm apresentado nesta guerra, os interesses dos brasileiros estão em diame-tral contraposição com os dos nossos alliados!!

Os miseros paraguayos, que no as-

(1) E' interessante a propaganda de liberdade do commercio em plena guerra.

salto terão de ser sacrificados aos ferozes instinctos de uns, á sêde de vingança de outros, poderão, evidentemente, com mais vantagem, em lugar de ir atulhar os nossos hospitaes, que mal podem comportar os doentes que actualmente têm, em lugar de ir dar aos nossos soldados a triste e pestifera tarefa de sepultar e de incinerar cadaveres, ser empregados na rectificação e no melhoramento das estradas estrategicas, que ligam Cachoeira a Caçapava, S. Gabriel, Alegrete, Uruguayana, Itaqui, S. Borja, ao depois nas fortificações da fronteira e mais tarde em trabalhos agricolas na provincia do Rio Grande do Sul ou em qualquer outra do Imperio. São cinco a sete mil excellentes trabalhadores que se poderão obter gratuitamente e manter mui economicamente nas condições dos nossos soldados, quando empregados em trabalhos militares.

E para alcançar tantas vantagens, para prevenir tantos males, o que é preciso? — Esperar tão somente mais alguns dias!!!

Em conclusão: — O bombardeamento e o assalto de Uruguayana, nas circumstancias actuaes, quando nada urge, quando nenhum dos exercitos pôde ainda pôr-se em movimento por falta de meios de mobilidade, é verdadeiramente injustificavel.

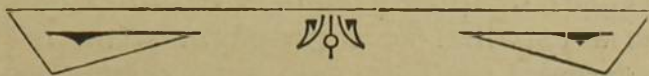
Sob o ponto de vista economica: —

1.) Fará perder ao Brasil uns cinco mil colonos já aclimatados e excellentes trabalhadores.

2.] Sob o ponto de vista moral, attendendo á honra, á dignidade e á gloria da nação brasileira: — Obrigará a Historia a escrever em caracteres de sangue desnecessaria ente derramado, para ser lido pelos vindouros ao clarão dos edificios de Uruguayana incendiada pelos brasileiros e por seus bons alliados, a ultima pagina da misera e mesquinha invasão paraguayana na provincia do Rio Grande do Sul!

A bordo do «Onze de Junho», 15 de setembro de 1865.

André Rebouças.



ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A «HEMILEIA VASTATRIX»

(Artigo de vulgarização)

Na lingua especial formada entre as pessoas interessadas em uma mesma producção ou num identico mercado, existe sempre certo numero de palavras que á força de serem sempre repetidas, perdem sua significação concreta e, talvez porque fazem surgir uma ordem inteira de ideias, adquirem um sentido abstracto e tornam-se verdadeiros symbolos. Todos os que têm lidado com pessoas que gravitam ao redor das Bolsas de valores conhecem o poder que adquiriu nesse meio a palavra «politica». Todos a empregam para explicar as flutuações. Bem poucos a podiam discutir dum modo concreto, e fazel-a adaptar-se ao caso no qual a applicam.

Frequentemente essa expressão-phantasma desvia a atenção do papel muito mais poderoso que assumem as verdadeiras economicas.

A producção e o mercado de café no Brasil têm dessas expressões que lhes são peculiares e cujo poder suggestivo é grande. Entre outras ha a da «especulação».

«Onde ha muitos bens, tambem ha quem os coma», diz a escriptura. A especulação, algumas vezes operando a favor e muitas outras contra a alta dos preços, exagerando sempre a situação economica real, existe naturalmente. Mas que terrivel poder é attribuido á especulação, e como se espalhou o habito de empregar esse termo sem commentarios! como sob essa miragem as realidades economicas onnipotentes vêm seus effeitos desconhecidos e negligenciados!

Seja pelos esforços do pessoal agricola do Estado de São Paulo, que honestamente procura pôr em guarda os fazendeiros contra as affirmações vindas de fóra, (e sempre aqui bem acolhidas pela imprensa), de que a *Hemileia vastatrix* não poderia espalhar-se e propagar-se na região caféeira paulista; seja pelas discuções

suscitadas pela noticia de se ter dominado o flagello na região malaia por meio da cultura de novas variedades; parece que um novo termo «Hemileia», vai introduzir-se no vocabulario corrente dos productores de café.

A palestra que se segue, escripta, não com fito scientifico mas de vulgarização, talvez, para dar um certo grau de precisão a esse termo e ás ideias que lhe são connexas.

Em primeiro lugar, que vem a ser a Hemileia?

Alguem responderá: E' uma doença criptoganica do caféeiro.

Expressão que devemos rejeitar. Tomada no sentido botanico, a palavra «criptogamico» quer dizer «sem flor»: a definição é muita vaga para nos ensinar algo de novo.

No sentido etymologico e philosophico, significa «de órgãos de reproducção occultos»: ora são justamente estes que mostram a molestia.

Devemos geralmente desconfiar dessa palavra «criptogamico», herança dum tempo em que a botanica era embryonaria, empregal-a sómente em relação ás plantas em que ainda a tolera a sciencia moderna (fétos e planta identicas).

Do mesmo modo devemos afastar a expressão «ferrugem do caféeiro», porque ella poderia trazer ao espirito dos lavradores confusão com outras doenças mais benignas, que manchem as folhas do café: Uma dellas até é produzida pela larva de uma borboleta, e os cogumelos que produzem outras nada têm de comparavel com a Hemileia. A delicadeza destes, sob o ponto de vista de condições climatericas favoraveis ao seu desenvolvimento, é tal, em relação ao da molestia malaia, que nenhuma assimilação tem razão de ser.

Entre os flagellos que atacam o caféeiro, a *Hemileia vastatrix*, pelo seu poder devastador, tem uma posição unica que exige uma formula descriptiva especial.

Nós a definiremos assim: A *Hemileia vastatrix* é um cogumelo da familia das *Uredineas*, parasita das folhas de café.

Esta definição contém tres termos cuja explicação nos servirá para descrever o que é na realidade a Hemileia.

Um desses termos, *Uredinea*, não é geralmente conhecido pelas pessoas que não se occupam de botanica, e os dous outros *cogumelos* e *parasita* que todos julgam conhecer, têm, todavia, uma accepção toda especial na linguagem agromica.

A palavra cogumelo, enunciada sem explicação, evoca no publico a lembrança desses comestiveis tão apreciados pelos gastronomos, e os «parasitas» sabemos todos o que são, por termos desgrazadamente sido obrigados a lhes emprestar dinheiro sem esperança de restituição.

Sob essas duas bases, a concepção do que é a Hemileia torna-se difficil. E' pois necessario, primeiro que tudo, precisarmos o sentido botanico desses dous termos.

Sabemos que no ponto de vista chimico, os alimento assimilados pelos vegetaes são classificados em dous grupos; os alimentos mineraes (saes), e os hydrocarbonos (assucares, amido, etc.).

As plantas superiores tiram os primeiros, das soluções contidas no solo pelas sucção das raizes, e fabricam os outros poi meio da chlorophylla.

A chlorophylla, como sabemos, é a materia verde que se encontra principalmente nas folhas das arvores. Ella tem a propriedade de decompôr o acido carbonico do ar e de lhe tomar o carbono, obtendo desse modo o carbono necessario para a elaboração dos differentes hydrocarbonos necessarios á nutrição das plantas.

Vê-se o papel immenso desempenha do pela chlorophylla e as perturbações no modo de vida que a carencia della pôde produzir; assim determinou ella a divisão das plantas em dois grandes grupos, no ponto de vista da sua nutrição: Plantas de chlorophylla, ou plantas verdes, e plantas sem chlorophylla, cogumelos.

Após esta explicação, temos uma concepção mais ampla do que pôdem ser os cogumelos: esse termo não nos lembra só a plantinha comestivel que nos

servem á mesa, mas todos os vegetaes, seja qual fôr o seu aspecto e as sua dimensões, que não contém chlorophylla, que não são verdes.

Não tendo sido pela Natureza dotados desta materia, deveriamos dizer desta fabrica, no proprio corpo, para lhes fornecer alimentos, que fazem os cogumelos para se alimentarem?

Elles tornam-se meros parasitas, isto é installam-se num meio nutritivo, e vivem á custa deste absorvendo-o, quer directamente, que por meio de succorios.

A palavra «parasita» não é termo conveniente de se empregar, mesmo na linguagem scientifica, e além disso os cogumelos, vivendo assim nem sempre são nocivos, são por vezes indifferentes, sob o ponto de vista humano, e muitas vezes são uteis pelas mudanças que operam ou provocam. Isto deu lugar ao emprego de dois outros termos que se juntaram a «parasita» no vocabulario botanico, e que permitem ao mesmo tempo ser-se mais euphemico e mais preciso.

Quando os cogumelos exercem sua acção numa solução nutritiva (assucrada, alcoolica, etc.), dizemcs que são *fermentos*. Sabem todos, que se aproveita essa acção organica na industria.

Quando exercem a sua acção parasitaria em materias mortas e em decomposição, chamam-se *saprophytas*. E' o caso do cogumelo comestivel. Mas quando se introduzem nos tecidos dos vegetaes, nas folhas, e causam estragos, então o termo *parasita* lhes é applicado com todo o rigor. E' o caso da Hemileia vastatrix.

Dissemos que a Hemileia é um cogumelo *Uredinea*, parasita das folha do caféiro. Agora, vejamos o que quer dizer *Uredinea*.

Sob essa denominação foram agrupados todos os cogumelos parasitas cujo esporulo penetra ao germinar pelos estomas (1). Ahi, assimilando os succos da folha que sugam, elles formam um pequeno *mycelio* ou tecido de filamentos, que se torna apparente pelo decoloração na parte de folha invadida.

(1) Chamam-se estomas os pequenos intersticios que se encontram na parte inferior da folha e pelos quaes penetra nesta o ar.

Este mycelio envia ao exterior prolongamentos, na extremidade dos quaes se formam os esporos.

Os esporos ou grãos, que se chamam em linguagem botânica *uredosporos*, por causa de sua cor alaranjada, formam na parte atacada da folha um pó que lembra uma mancha de ferrugem.

E' por isso que se diz que as Uredineas formam as verdadeiras ferrugens das plantas.

E' essa poeira, da qual cada grão é um esporo, e que encerra um numero consideravel delles, (avaliou-se em cerca de 150.000, a quantidade que produz uma mancha da hemileia), que disseminada pelos ventos e pela chuva sobre as folhas propaga a doença. Vê-se qual a vitalidade das Uredineas enquanto houver um meio favoravel para se propagarem.

Mas ainda ha mais: quando a mancha adquire o desenvolvimento completo, no maximo dois a tres centímetros quadrados para a hemileia (mais numa folha contém um grande numero de manchas), ou quando a folha em que ella se desenvolve vai morrer, cessa a produção dos esporulos alaranjados. Em seu lugar apparecem outros de cor escura, maiores, mais resistentes. Chamam-se estes *teleutosporos* (gr. *telo* - «fim», *sporos* - «grãos», grãos do fim).

São os esporos de conservação, podem resistir muito tempo nos logares em que cairem, ao frio e a secca, conservando o seu poder germinativo, ao contrario dos esporos alaranjados, muito delicados, que perecem se não encontrarem dentro de curto praso a folha onde possam desenvolver-se e as condições de calor e humidade favoraveis á sua germinação.

São os teleutosporos que propagam de novo a doença, quando as condições atmosphericas voltam a ser favoraveis, ou quando as folhas, meio necessario, tornam a apparecer.

Ha naturalmente diversas especies de Uredineas, cada uma especializada, isto é, podendo atacar somente as folhas de uma certa planta ou de poucas outras muito proximas. Morre a germinação quando o esporo que tiver produzido vai

cair em folha de planta differente daquellas para que elle tem affinidade.

Devemos aqui falar de uma complicação que apparece na maioria das especies de Uredineas.

O teleutosporo tambem se especializa e não póde germinar nas folhas da planta atacada pelos uredosporos da especie da Uredinea que o produzir. Só o póde fazer na folha de outra planta, produzindo nesta um mycelio, que por sua vez produz uredosporos, os quaes só podem atacar as folhas desta segunda planta, e teleutosporos que, só podem atacar as folhas da primeira planta.

Que resulta dessa complicação?

Um augmento de vitalidade da especie. Imaginemos, com effeito, uma planta atacada, cujas partes infeccionadas desaparecem durante uma estação inteira, seja porque perde as folhas durante esse tempo, seja porque é annual. Os teleutosporos terão de suportar por longo espaço de tempo condições adversas de secca ou frio. Si durante esse intervallo elle encontrar um outro meio em que possa germinar e desenvolver-se, esse periodo critico da especie será atravessado mais facilmente.

Esta especialização, posto que augmente a vitalidade natural da especie, forneceu ao homem um meio de lutar contra os estragos de certas especies de Uredineas. Por exemplo em relação á *Puccinia graminis*, que é a Uredinea que causa a ferrugem do trigo, nos paizes humidos da Europa, verificou-se que seu teleutosporo se desenvolve nas folhas da *Berberis vulgaris*.

Supprimindo-se essa planta nas circumvizinhas dos trigaes, chega-se a extirpar a molestia, pois os uredosporos perecem após a desaparicão das folhas do trigo, e, posto que tenham a vida duradoura, não encontrando mais as folhas da *Berberis vulgaris*, perecem tambem os teleutosporos.

O mesmo acontece com o *Gymnosporangium macropous*, que ataca as folhas das maceeiras na America do Norte, e cujos teleutosporos se desenvolvem nas folhas do pinho da Virginia.

Consegue-se lutar com o mal, não

se cultivando essas duas plantas em lugares proximos.

O teleutosporo da Hemileia é tambem especializado. Não póde desenvolver-se nas folhas do caféiro. Onde é, pois, que elle se desenvolve? *Mysterio*. Ninguem o sabe ainda! (1).

Seria porque a doença não foi bem cuidadosamente estudada no Archipelago Malaio? Isso pareceu tão inverosimil aos mycologos que o estudaram na Europa, que um delles, o Dr. Delacroix, emittiu a esse respeito uma hypothese que explicaria tambem como a doença appareceu nessa região, segunda questão essa que ficou tambem resolvida. Pois a doença espontaneamente se espalhou em Ceylão, e dahi se propagou por toda parte sem que se saiba como é que ella se originou, donde foi introduzida, ou se já existia entre os caféiros selvagens no estado endemico.

A hypothese do dr. Delacroix poderia enunciar-se assim:

Existem em Ceylão rubiaceas selvagens, da mesma familia botanica que o caféiro, crescendo nas florestas da ilha. Suas folhas são atacadas por Uredineas que apresentam todas as complicações que acabamos de descrever. (Duas especies de esporos especializados, uredosporo e teleutosporo, o ultimo desenvolvendo-se nas folhas duma planta diferente). Como a cultura do café se estende por toda a ilha, é evidente que o vento espalhava os esporos dessas Uredineas sobre as folhas dos cafeeiros, onde ellas pereciam, porque não estava na sua natureza poderem alimentar-se, depois de ter germinado, dos succos contidos nas folhas dos caféiros.

Mas, supponhamos que um desses uredosporos tivesse conseguido adaptar-se, isto é, que após ter germinado e penetrado numa folha de caféiro, tivesse conseguido alimentar-se desses succos e formar o seu mycelio productor de grãos e eis ahi formada uma nova especie de Uredinea, que, especializando-se nas folhas do caféiro, perdem sua

faculdade de se nutrir do succo das folhas da planta atacada pela especie de que proveiu,

O mesmo teria acontecido ao mycelio de seu teleutosporo. Apenas, como este ultimo ainda não teria chegado a especializar-se numa outra planta, os seus teleutosporos morrem após terem germinado.

Qual é o valor desta hypothese?

Ao considerarmos as adaptações assim como as variações espontaneas (*mutations*) que se produzem constantemente no mundo vegetal, não podemos deixar de reconhecer, diante da apparição mysteriosa da doença em Ceylão, que ha probabilidades de que ella seja verdadeira. Os mycologos que nestas regiões, consagrarem seus esforços, como lhes aconselhava o dr. Delacroix, ao estudo de ferrugem das rubiaceas selvagens e fizerem experiencias sobre a possibilidade de contaminação nas folhas do caféiro, trarão talvez alguns esclarecimentos a essa questão.

Poder-se-ia objectar a esta hypothese, que rubiaceas selvagens, atacadas por Uredineas especializadas, existem tambem nas florestas da zona paulista, e que si esta supposta adaptação se produziu em Ceylão, não teria tambem difficuldade de se manifestar na zona paulista, onde o mesmo *processus* de esporos de Uredineas locais distribuidos pelo vento, se prosegue ha um seculo.

Evidentemente esta objecção tem um grande valor, mas é sempre razoavel em agronomia fazer uma distincção entre as cousas provaveis e as cousas possiveis. Si o nascimento de uma variedade espontanea de Uredinea especializada nas folhas do caféiro é pouco provavel pelo facto de que ella não se produziu já no longo periodo de existencia que nessa região conta a cultura, não é menos verdade, botanicamente falando, que ella é sempre possivel.

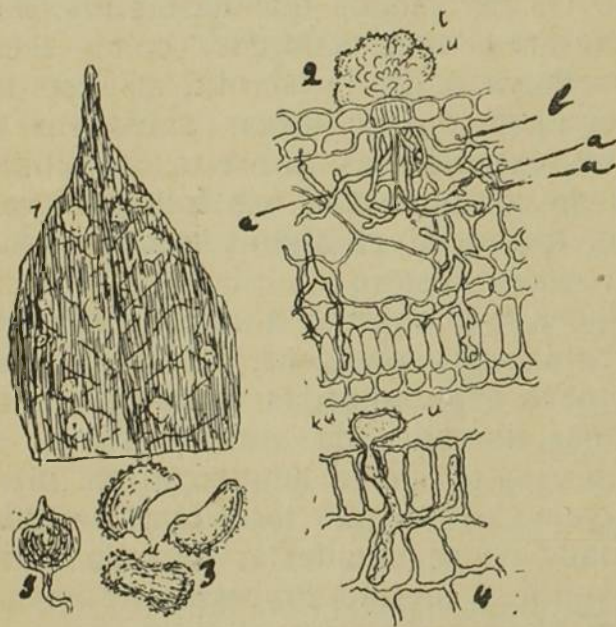
E' mesmo um assumpto de preocupações para o pessoal scientifico agricola, encarregado pelo governo paulista de velar pela saude dos cafezaes, como podemos verificar nas conclusões do relatorio «A saude dos cafezaes», publicado por elles no *Estado de S. Paulo*,

(1) Ainda que se conhecesse a planta em que se póde desenvolver esse teleutosporo, isso não teria valor pratico, porque, conservando o caféiro sempre verdes as suas folhas, bastam os uredosporos para perpetuar a molestia.

onde, posto que evidenciando o estado sanitario actualmente excellente das plantações de caféeiros, a adaptação progressiva dum cogumelo parasita é citada como um perigo possível sinão provavel.

Ao definir a formula: Cogumelo Uredineo parasita das folhas do caféeiro, procuramos tornar exactamente conhecido sob o ponto de vista botânico, o que é a hemileia e como ella faz estragos nas folhas (*). Falta-nos explicar seu nome que quer dizer meio-liso, (do grego *Hemi-meio*, *leios-liso*), por causa

(*) A seguinte figura dos detalhes da hemileia, servirá para precisar a descripção exposta no texto:



1. Parte da folha mostrando as manchas da molestia.

2. Secção transversal da folha doente.

a) Filamentos que constituem o mycelio.

b) Tromba de sucção.

u) Uredosporos.

t) Teleutosporos. — (Para facilitar a comprehensão apparecem simultaneamente os uredosporos e os teleutosporos; na realidade estes substituem aquelles.)

3. Uredospores muito augmentados.

4. Germinação de um uredosporo, penetrando na folha por um estoma muito augmentado.

5. Um teleutosporo muito augmentado.

da apparencia dos seus esporos vistos ao microscopio.

Passemos agora ao ponto de vista agronomico.

Para bem avaliarem os estragos de hemileia, pedimos aos leitores, e isto lhes será facil, porque a grande maioria pertence ao publico paulista, que imaginem uma plantação de café, no momento em que começa a estação das chuvas, quando recomeça a vegetação e as flôres vão apparecendo. Na folhagem, verde-escura, sombria e densa dessas arvores, apparecem manchas. Após cada chuva e cada vento, essas manchas se espalham e invadem as folhas cada vez mais.

Acabou-se o aspecto risonho da plantação, as arvores tomam um aspecto chlotico, denudado e si as chuvas e o vento são constantes, a maior parte das flôres abortam, e só uma parte minima da producção póde ir adiante.

Será a Hemileia sempre tão terrivel? Mata ella as arvores?

Tudo depende das condições climatericas.

E'-lhe necessaria uma humidade abundante, chuva para que os esporos possam germinar nas folhas, e vento para os espalhar.

Comprehende-se melhor o duplo effeito da chuva e do vento reunidos, quando se pensa que os esporos quando germinam não pódem penetrar nas folhas sinão pelos estomas, que se acham na parte inferior das folhas. O vento, disseminando os esporos e levantando as folhas, e a humidade fazendo adherir os esporos nas paginas levantadas das folhas produzem o maximo effeito.

Parece que, si se podesse cultivar o café num clima secco, como o do Egypto, fornecendo-lhe pela irrigação, a agua de que elle necessita para a sua vegetação, a hemileia não exerceria então quasi nenhum estrago. Infelizmente um clima tal não convém ao caféeiro.

Nas mais humidas regiões, onde o caféeiro está constantemente submettido á chuva e ao vento, é natural que a producção desappareça e que o esforço perpetuo da planta para produzir novas folhas acabe por esgotal-a e matal-a.

Nas regiões menos expostas, onde in-

tervallos de secca succedem aos dias de chuva, a doença abranda por periodos, permittindo á arvore lutar contra a desnudação. Ha sempre uma grande diminuição da producção, mas a intensidade dos effeitos da molestia é menor e a arvore persiste. E' em regiões dessa especie que a cultura do café se manteve no Archipelago Malaio.

E evidente que quanto mais vigorosa, productiva, bem coberta de folhas, fôr a especie a que pertencer a arvore, tanto mais espaço lhe será concedido, tanto mais possivel será obter uma producção importante, apesar dos ataques da hemileia.

Isso foi que levou a essas regiões a cultura das variedades Robusta e Liberiaca que possuam taes qualidades. Comquanto o aroma dos seus grãos não seja tão fino como o da Arabica, a cotação actualmente elevada do café permite vendel-os a bom preço, tanto mais quanto é sempre possivel melhorar o aroma por meio de mistura com outros cafés apropriados.

E' muito para se lastimar que não haja sido publicado integralmente pela imprensa o relatorio do snr. Ackers sobre a cultura caféeira actual do Archipelago Malaio.

Todos estes pontos, a saber: a extensão approximativa das regiões onde as condições climatericas permitem cultivar vantajosamente o café, apesar da hemileia, a comparação dos proveitos que dá essa cultura, com os dados pelas outras culturas coloniaes, sobretudo a da borracha, no Archipelago Malaio, comparação essa que permittiria deduzir segundo que preços alcançados pelo café, se torna a sua cultura mais proveitosa do que as outras: esses pontos foram naturalmente estudados no referido relatorio e as suas deducções devem ser muito interessantes.

O resumo muito incompleto desse relatorio que a imprensa deu, infelizmente não passou de um grito de alarme, desacompanhado de quaesquer esclarecimentos.

Haverá uma medida contra a Hemileia, diversa da cultura das variedades productivas e vigorosas, dando-lhes es-

paço, nas regiões onde o clima attenua os seus effeitos?

A unica medida séria consiste na pulverisação com os saes cupricos *bouillie bordelaise*, que matam os esporos. Mas além de que isso augmenta enormemente o custeio do cafezal, a chuva levando as folhas, impede a sua efficacia. Ella foi experimentada em Java com algum successo, mas lá as condições são especiaes. Ha em Java duas estações chuvosas. No fim da primeira, quando a vegetação continúa a se desenvolver durante os dous mezes de secca que se seguem, uma applicação da *bouillie bordelaise*, antecipando o tempo em que as folhas se desembaracem dos uredosporos da hemileia dá á arvore mais facilidade para se refazer das folhas e mesmo de florescer e formar fructos que estarão bastante adelantados para amadurecer, apesar do ataque das folhas pela hemileia, quando depois dos dous mezes seccos, recommear a molestia.

Sob clima como o da zona paulista, onde a estação das chuvas é continua, o tratamento cuprico, que seria necessario sempre renovar, não seria de applicação pratica.

As outras medidas propostas não têm senão um interesse mediocre sob o ponto de vista agronomico. Ha mesmo entre ellas algumas que provocariam hilaridade entre os agricultores.

A ingenuidade demonstrada por alguns sabios ao generalizarem resultados obtidos em seus laboratorios, ou nas suas estufas, para a agronomia, é admiravel.

Conta-se que, quando foi das primeiras invasões de gafanhotos na Africa Meridional, enviaram alguns especimens a um sabio na Europa, perguntando-lhe qual seria o melhor meio de os exterminar. A resposta foi que o melhor meio seria separar-lhes a cabeça do corpo.

Alguma cousa parecida com isso como applicação foi proposta contra a Hemileia, um pequeno instrumento com que se recortassem as folhas nos lugares onde apparecessem manchas. Podemos imaginar o que isso significa na pratica, e os milhares de operarios que seriam precisos para effectuar essa caça á Hemileia nas fazendas que têm centeras de

milhares de pés de café, o que quer dizer bilhões de folhas!

A Hemileia é flagello de tal gravidade para uma região cafeeira, que se deve fazer tudo para impedir a contaminação.

Para salvaguarda das regiões indemnes impõe-se a applicação muito rigorosa e stricta dum regulamento de prophylaxia alfandegaria.

Não é somente a importação de plantas das regiões contaminadas que deve ser prohibida mas também a de sementes que podem conter esporos de hemileia, e também a de outras plantas, botanicamente visinhas do café, como a Gardenia, que são também atacadas pela Hemileia vastatrix.

Os trastes e bagagens dos trabalhadores provenientes dessas regiões, devem também ser submettidos a uma desinfecção rigorosa, porque podem ser um vehiculo da molestia.

A respeito da não contaminação até agora observada, das regiões cafeeiras do Novo-Mundo, um exame attento da questão não permite explical-a sinão pela falta de communicações directas com as regiões contaminadas, mas não se deve confiar demais nessa falta de communicações quanto ao futuro. Todos os paizes do Novo Mundo, que têm cultura cafeeira, são solidarios na defesa contra a contaminação da hemileia, pois se um delles fôr attingido, será muito difficil salvaguardar os outros.

Uma outra medida que deve ser comprehendida no programma dos preventivos, consiste no que se chama «medidas de extincção». Estas se realizam pela adopção de disposições leaes e financeiras que permittam ás autoridades agricolas, logo que se assignale o apparecimento da molestia numa região, destruir pelo fogo a plantação contaminada, ás vezes mesmo as vizinhas. Espera-se assim conseguir abafar o flagello no seu nascedouro.

E' verdade que essa medida foi applicada nas Philipinas contra a hemileia, sem resultado.

Não podemos deixar de reconhecer que ella falhou totalmente todas as vezes que se decidiu a sua applicação nessa lucta para salvaguardar uma região con-

tra a propagação das epidemias agricolas. E, no entanto, ella encerra em si mesma taes apparencias de successo, que se é obrigado a preconizar-a, esperando sempre que ella seja efficaç, como também para ter a satisfacção de saber que nada foi negligenciado em face de um grande perigo. Os plantadores de algodão dos Estados Unidos estão ainda a lamentar-se amargamente de não haverem praticado essa medida, como lhes recommendaria energicamente o entomologista Howard, desde a appareção do *boll weevil* no sul do Texas, pois ficou-lhes a ideia de que assim perderam uma grande e boa oportunidade de impedir a diffusão desse flagello, que hoje lhes custa centenas de milhões de dollars.

Antes de terminar esta dissertação algum tanto longa, sobre a Hemileia, devemos dizer algumas palavras a respeito das affirmações da impossibilidade de se propagar a mesma na zona paulista, as quaes apparecem de tempos a tempos na imprensa, com o prestigio de opiniões auctorizadas ainda que não documentadas.

Estas affirmações são tanto mais perniciosas quanto o povo geralmente está disposto a lhes dar credito, em contraposição aos pareceres do pessoal official agricola do Estado de São Paulo.

E' absolutamente impossivel para o agronomo que conhece ao mesmo tempo a Hemileia e as condições agronomicas da cultura do cafeeiro na região paulista, encontrar uma base solida para fundamentar essas affirmações.

Aliás, as pessoas que nos fazem o favor de dal-as, têm a prudencia de se abster de explicações.

Baseiam-se ellas por acaso no que ouviram dizer, que a região paulista tem uma estação secca e fria, durante a qual apparecem geadas?

Pelo contrario parece que os prognosticos tirados de considerações sobre o clima da zona paulista são antes favoraveis do que contrarios a uma maior intensidade da invasão da hemileia. Vimos assim que na região da Malasia, ha duas estações de chuvas acompanhando as moncoes. A hemileia opera com intensidade na primeira estação das chuvas para parar durante os dois meses

que separam essas duas estações. A arvore continúa sua vegetação durante essa parada de dous meses e forma fructos que chegarão á maturidade durante a segunda estação chuvosa, a despeito da hemileia. Na região paulista, ao contrario, a estação quente e chuvosa de outubro a abril é continua. Ella offerece assim as mais favoraveis condições para a hemileia. Durante a estação secca e temperada que se segue, a doença pararia, é verdade, mas como essa estação coincide com o repouso da vegetação do caféeiro, essa parada do flagello em nada ajudaria á producção.

Será sufficiente para extirpar a molestia este periodo secco, durante o qual a temperatura baixa notavelmente?

Os mycelios têm a vida mais resistente do que as folhas em que se alojam. Passarão esse periodo critico no estado de vida latente nas folhas, para retomar a actividade quando a estação secca estiver terminada. Si o frio e a secca fossem tão intensos que matassem todas as folhas e desnudassem os caféeiros, as condições poderiam ser diversas, mas um clima tal mataria tambem os caféeiros.

Vemos que estamos num circulo vicioso. Tudo quanto é favoravel para a hemileia tambem o é para o café e inversamente.

As pessoas que fallam nas condições climatericas da zona paulista, como desfavoraveis á hemileia, commetteram um pequeno erro, confundiram o clima desta região com o da Argentina.

O café é cultivado em São Paulo em arvores de sombra, é verdade, e isso é uma vantagem sobre os cafezaes malaios, no ponto de vista da hemileia, porque a arvore sem sombra secca melhor e mais depressa. Mas esse effeito é attenuado quando se pensa na proximidade das arvores que reciprocamente se fazem sombra. E' sobretudo nos ramos mais altos que já produzem pouco que esse effeito será mais notavel.

Pretendem ainda, posto que quanto a isso as verificações sejam muito vagas, que a presença do oxido de ferro no solo teria uma acção retardadora sobre a hemileia. A terra roxa teria então uma vantagem innegavel. Mas nem esta vantagem nem a proveniente da cultura sem sombra, compensariam as condições favoraveis offerecidas pelo clima.

A hemileia aqui, significaria segundo todas as probabilidades, o abandono das plantações em muitos lugares e a substituição em outras das plantações existentes, pela cultura espaçada do *Liberiaca* e do *Robusta*, de aroma inferior.

Deante de tal calamidade, nós só podemos desejar que a zona paulista se previna contra a chegada dum hospede tão perigoso, reforçando por meio de medidas prophylacticas, a protecção natural, que até agora assegurou, e por emquanto ainda assegura, contra esse flagello, o seu grande afastamento das zonas contaminadas.

G. O. Nourian.

Nota do dr. J. C. Novaes.

O isolamento dos paises da America Central e do Sul das zonas contaminadas de que falla o autor, será suprimida pelo facto da abertura do Canal do Panamá.

Com as grandes linhas regulares de navegação, que não deixarão de se estabelecer entre os paises da America Central e Asia Meridional, o perigo de infecção pela Hemileia torna-se mais provavel. E essa contaminação não deixará de se estender pelos estados vizinhos.

Está na nossa opinião que só uma convenção efficaz dos Estados interessados poderia com antecedencia ser negociada, antes da abertura dessa via de grandioso futuro commercial universal, mas de perigo innegavel para um dos productos ainda privilegiados da America.



Movimento do Centro de Sciências, Letras e Artes

Janeiro

Frequentaram a bibliotheca	250 pessoas
Consultaram livros	130 »
Foram recebidas	88 publicações
Expediram-se	17 officios
Foram recebidos	36 »
Foram eleitos socios effectivos	4
Foram recebidos volumes de auctores nacionaes	47

Durante o mês de fevereiro

Frequentaram a bibliotheca	139 pessoas
Consultaram obras	78 »
Foram recebidas	97 public.
Expediram-se	20 officios
Foram recebidos	26 »
Foram eleitos socios benemeritos	4
» » » correspondente	1
Foram recebidos volumes de aucto- res nacionaes	30

Durante o mês de março

Frequentaram a bibliotheca	100 pessoas
Consultaram obras	45 »
Foram recebidas	71 public.
Expediram-se	18 officios
Foram recebidos	16 »
Foram eleitos effectivos	1
» » correspondente	1
Foram recebidos volumes de auctores nacionaes	73

Sessões do Centro

289.^a — Sessão ordinaria de 9 de maio de 1908

Presidente: Benedicto Octavio
1. Secretario: Amilar Alves
2. Secretario: Hugo Sarmento

Expediente: A primeira parte consta da lista das publicações, em numero de 20, e das seguintes offertas: do snr. professor Horacio Scrosoppi — Um volume encadernado, de sua lavra: Lições de Chorographia do Brasil organizadas segundo o programma dos gymnasios— do snr. Domingos Luiz Netto, socio correspondente, residente em Paris, varias obras, em 43 volumes — Circular do Circolo Italiani Uniti,

convidando o Centro a se fazer representar nas festas em Commemoração do 27.^o anniversario de sua fundação, sendo nomeados para esse fim, os snrs. Nicolao Mascia, Virgilio Bittencourt e Vicente Melillo; cartão do snr. Horacio Scrosoppi, pedindo accusar recepção de sua offerta — Comunicação da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro de acharem-se alli, á sua disposição, 7 pacotes de publicações estrangeiras, destinadas a este instituto. Convite da Comissão de Propaganda do Brasil no Congresso Scientifico, para o Centro se fazer representar, nelle tomando parte, na cidade de Santiago (Chile) e bem assim enviar o boletim de adhesão, com todas as indicações precisas. Ordem do dia:— o snr. Benedicto Octavio, communica o resultado dos trabalhos da Commissão encarregada da sessão civica em homenagem ao maestro Sant' Anna Gomes, realizada no 30.^o dia do seu passamento, em 4 de maio de 1908. O mesmo snr. cedendo a presidencia ao snr. Amilar Alves, lê o parecer da commissão de Historia, sobre a these apresentada pelo sr. dr. Souza Brito: a prehistoria no Brasil.

Posto o parecer em discussão, é adiada, a pedido do snr. dr. Souza Brito, para o proximo sabbado. O snr. Virgilio Bittencourt apoia a proposta que, submettida a votos, é unanimemente approvada.

290.^a — Sessão ordinaria de 16 de maio de 1908

Presidente: dr. Araujo Mascarenhas
1. Secretario: Amilar Alves
2. Secretario: Luiz de Andrade

Expediente: Publicações recebidas durante a semana — 29 offertas: O dr. Sylvio Boccanera Junior offereceu 25 exemplares de sua obra — «Um artista brasileiro» homenagem ao maestro Sant' Anna Gomes, e mais 25, para serem entregues a outros destinatarios, manifestando em carta, os maiores respeitos a esta casa e grandes elogios á memoria de Sant' Anna Gomes. Jacques D'Amour — offerta do snr. Tito de Lemos Junior. O dr. Eduardo de Magalhães offereceu 1 vol. de sua lavra: Hygiene Alimentar. Do snr. Julio Conceição, 1 vol. de sua lavra: Instituto d. Escholastica Rosa. Do snr. Joaquim Cardoso, as seguintes obras: Como eu atravessei a Africa, por Serpa Pinto, 1 vol. enc. De Benguella as terras de lacca, 1 vol. broch. do dr. Armando Grell, seis moedas portuguezas e allemãs. Officio do snr. Didier Monteiro e familia, agradecendo ás homenagens prestadas pelo Centro á memoria de Sant' Anna Gomes. Convite da Associação Paulista dos homens de côr, para que o Centro se associe á commemoração do 20 anniversario da abolição da escravatura no Brasil. Carta do bibliothecario do Club de Engenharia do Rio solicitando remessa de 3 exemplares da "Revista" que traz o artigo intitulado: Guerras Hollandesas de Pernambuco. Foram offerecidas 6 acções do emprestimo do Centro. Foram ac-

ceitos socios, effectivo o snr. dr. Fernando Villares Barbosa e benemerito o snr. Domingos Leite Netto. Ordem do dia: o snr. dr. Tito de Lemos communica a offerta de 6 acções do emprestimo do Centro, doadas pelo snr. Oroszimbo Maia, pedindo que se lhe agradeça a doação. Comunicação do snr. virgilio Bittencourt de haver desempenhado o encargo de representar o Centro nas festas do Circolo Italiani Uniti, com os demais socios nomeados para essa Commissão, e que se envie pesames ao snr. coronel Oscar Leite, pelo fallecimento, em S. Paulo, de seu filho snr. Jorge Leite de Barros. Comunicação do snr. dr. Ponciano Cabral de haver visitado nesta cidade, em companhia do snr. dr. Araujo Mascarenhas, o dr. Estevam Leão Bourroul, que esteve alguns dias entre nós, e pede para ser consignado em acta um voto de louvor ao snr. Joaquim Cardoso, pelos bons serviços prestados a esta casa, na qualidade de thesoureiro.

291.^a — Sessão ordinaria de 23 de maio de 1908

Presidente: dr. Araujo Mascarenhas
1. Secretario: Benedicto Octavio
2. Secretario: Amilar Alves

Expediente: Quatorze publicações recebidas durante a semana, e as seguintes ofertas: do snr. Benedicto Silveira, uma pedra para o museu. Do snr. Octavio de Souza Campos, a *Casa-vapor*, de Julio Verne. Officio do snr. Rodolpho Grosso agradecendo em nome da familia Gomes, as homenagens prestadas á memoria do maestro Sant' Anna Gomes e outro da Congregação do Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo, enviando pesames e rendendo homenagens á memoria do maestro Sant' Anna Gomes. Foram aceitos socios effectivos, os snrs. dr. Euclides Vieira, Henrique Krayz e Flavio Ferraz. Ordem do dia: depois de posto em discussão o parecer da these — A prehistoria no Brasil — o snr. dr. Souza Brito discorre sobre ella, com grande brilhantismo e demonstra com precisão a verdadeira origem do homem, provando finalmente a existencia do homem prehistorico no Brasil. E' proposto pelo snr. dr. Ponciano Cabral, um voto de louvor ao sr. dr. Candido Ferreira da Silva Camargo, pela valiosissima doação feita pelo mesmo, a este instituto e que importa em..... 2:500\$ de acções do Centro. Additando, o sr. Benedicto Octavio, pede o voto de louvor seja a todos os senhores que têm offerecido titulos do nosso emprestimo. A proposta, é unanimemente approvada.

292.^a — Sessão ordinaria de 30 de maio de 1908

Presidente: dr. Ponciano Cabral
1. Secretario: Benedicto Octavio
2. Secretario: Amilar Alves

Expediente: Foram recebidas, durante a semana, 78 publicações. Offertas: do snr. Vicente Melillo — Almanack da Companhia Mogyana — 1908-1909. Do snr. Godofredo Augusto de Padua Castro 6 exemplares da revista — Lectures pour tous, e 6 da revista — Leitura para todos. Do snr. dr. Souza Brito, uma borboleta, para o museu. Do snr. dr. Salustiano Penteado, 1 vol. enc. Il Processo di Gesù. Do snr. José Lopes de Castro Dias, 19 vols. encadernados, obras diversas. Da sociedade brasileira para animação da agricultura em Paris, 2 exemplares da Gazeta das Aldeias. Ordem do dia. O snr. dr. Souza Brito, continúa a discorrer sobre a these: A prehistoria no Brasil, lendo cartas, e exhibindo documentos com os quaes affirma a sua opinião sobre a antiguidade do planalto Central do Brasil, como o primeiro massiço formado em nosso planeta, entrando depois em outras considerações, promette continuar sua brilhante conferencia, na proxima sessão. Em seguida o snr. dr. Ponciano Cabral leva ao conhecimento da casa a doação de um conto de réis, feita pelo nosso consocio honorario dr. Eduardo Ferreira Cardoso, que muito tem cooperado para o engrandecimento deste instituto.

293.^a — Sessão ordinaria de 6 de junho de 1908

Presidente: dr. Araujo Mascarenhas
1. Secretario: Benedicto Octavio
2. Secretario: Amilar Alves

Expediente: Foram recebidas durante a semana, 17 publicações. A Sociedade Geographica de Lisboa offertou á bibliotheca do Centro, em vol. broch.: O Marquez de Pombal e o seu centenario. Officios: um do nosso consocio honorario, dr. Eduardo F. Cardoso, em nome da Sociedade Brasileira para animação da Agricultura, de Paris, offerecendo 2 vol enc. da "Gazeta das Aldeias", e um exemplar da obra do snr. dr. J. de Oliveira Murinelly sobre lacticinios. Outro da Directoria Geral de Estatistica, do Rio de Janeiro, remetendo um questionario, pedindo dados estatisticos. Ordem do dia: pelo snr. Benedicto Octavio foi proposto um voto de pesar pelo fallecimento do eminente escriptor francês Francisco Coppé, declarando que o Centro de Sciencias não podia ser indifferente a este luctuoso acontecimento.

294.^a — Sessão ordinaria de 13 de junho de 1908

Presidente: dr. Araujo Mascarenhas
1. Secretario: Benedicto Octavio
2. Secretario: Amilar Alves

Expediente: Publicações recebidas durante a semana, em numero de 26. Um officio da Sociedade para a animação da Agricultura, offerecendo ao Centro uma riquissima collecção da

«Gazeta das Aldeias» e um vol. encadernado. Industria de Lacticínios na Suíça, pelo dr. J. de Oliveira Murinelly. Foram aceitos socios effectivos os snrs. Moysés Horta de Macedo e Simeon Harris. Foram nomeados os snrs. Virgilio Bittencourt e Nicolao Mascia para representarem o «Centro» no festival da Sociedade Luiz de Camões. Ordem do dia: o snr. dr. Souza Brito pede a palavra e propõe adiamento da discussão da these: «A prehistoria no Brazil», para o proximo sabbado. A proposta, é unanimemente approvada.

295.^a — *Sessão ordinaria de 27 de junho de 1908*

Presidente: dr. Araujo Mascarenhas
1. Secretario: Amilar Alves
2. Secretario: Vicente Melillo

Expediente: Publicações recebidas durante a semana em numero de 18. O snr. dr. Affonso Splendore, offereceu ao Centro 1 folheto: «de Virus Maximatoso del Conigli», de sua lavra, e o snr. professor José Feliciano, um volume brochado «A Reforma Constitucional», o snr.

dr. J. Barbosa Rodrigues, «Uma lembrança do 1. Centenario», o snr. dr. Souza Brito, uma moeda allemã, para o museu. Um officio da Secretaria Internacional das Republicas Americanas, communicação do «Museu de La Plata» do fallecimento de Henrique A. S. Delachaux membro daquelle Instituto. Carta do nosso consocio snr. Oscar Leite de Barros, agradecendo o voto de pesar pelo fallecimento de seu filho. Convite dos snrs. A. Franceschini & Cia. para a inauguração do seu estabelecimento.

Ordem do dia: Os snrs. Oscar Wagner e Vicente Melillo propõem que se lance em acta, um voto de pesar, este, pelo fallecimento do menino Domingos filho do snr. dr. Paulo Lobo e aquelle, pelo passamento do dr. Affonso Cavalcanti concunhado do dr. Luiz da Costa Couto. O snr. dr. Souza Brito, pede a palavra e, allegando motivos de saude que o impossibilitam de continuar a discorrer sobre a these: a Prehistoria no Brazil, requer o encerramento da discussão da referida these o que é acceito depois de discutida e approvada a proposta. Antes de encerrar-se a sessão, o snr. Presidente felicita e agradece ao snr. dr. Souza Brito, pela sua dedicação ao «Centro».



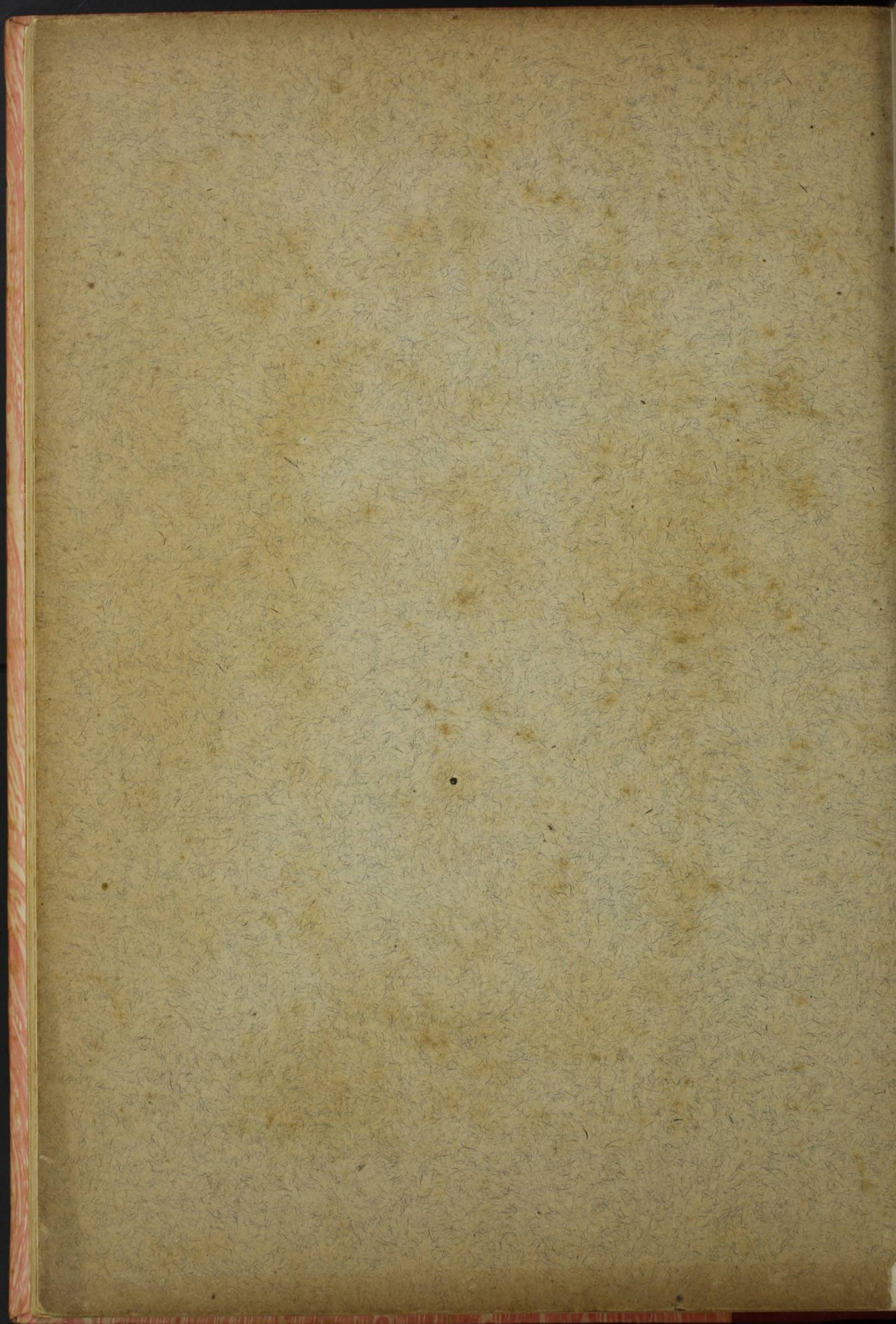
A Redacção da Revista

Agradece penhoradissima o valioso concurso dos illustres consocios que, abrilhantam o presente numero. Congratulando-se com o «Centro» pelo magnifico movimento que cada vez mais se accentúa entre taes e tão illustres plumitivos em pról de nossas Letras, novamente appella para todos os consocios escriptores, para que estes, por seu turno, concorram ás nossas paginas, engrandecendo a nossa publicação.

V\$20 - rarissimo

Grinto Felix 7/3/92

R 3 Rio (Bom Retiro).





056870

